



PROFHISTÓRIA

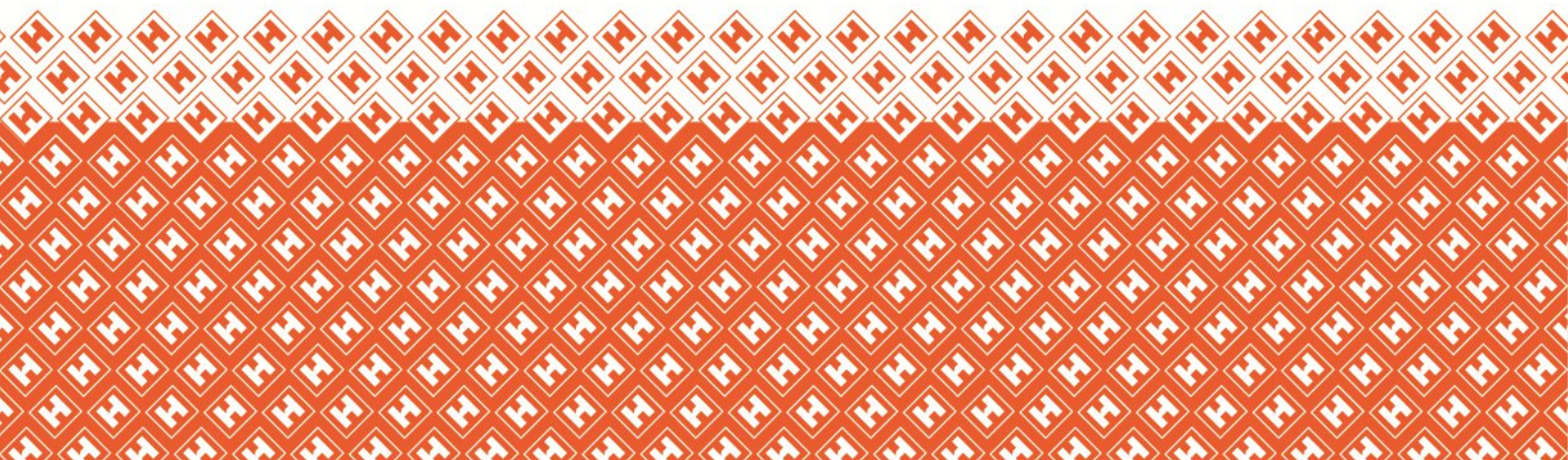
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ADRIANA MARIA DE LIMA

**CARTAS QUE ENCONTRAM GERAÇÕES:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DA TROCA DE
CORRESPONDÊNCIAS ENTRE CRIANÇAS
E IDOSOS**

Universidade Estadual do Paraná

Abril / 2026



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

ADRIANA MARIA DE LIMA

**CARTAS QUE ENCONTRAM GERAÇÕES:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA TROCA
DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE CRIANÇAS E IDOSOS**

**CAMPO MOURÃO – PR
2026**

ADRIANA MARIA DE LIMA

**CARTAS QUE ENCONTRAM GERAÇÕES:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA TROCA
DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE CRIANÇAS E IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Dr. Federico José Alvez Cavanna

Linha de Pesquisa: Saberes históricos no espaço escolar

Área de Concentração: Ensino de História.

**CAMPO MOURÃO – PR
2026**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

de Lima, Adriana Maria
Cartas que encontram gerações: Uma proposta de ensino de história a partir da troca de correspondências entre crianças e idosos / Adriana Maria de Lima. -- Campo Mourão-PR, 2026.
177 f.: il.

Orientador: Federico José Alvez Cavanna.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História) -- Universidade Estadual do Paraná, 2026.

1. Ensino de História. 2. Entre Gerações. 3. Cartas. 4. Memória. I - Cavanna, Federico José Alvez (orient). II - Título.

ADRIANA MARIA DE LIMA

**CARTAS QUE ENCONTRAM GERAÇÕES: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DA TROCA DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE CRIANÇAS E
IDOSOS**

BANCA EXAMINADORA



Dr. Federico José Alvez Cavanna (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)

Documento assinado digitalmente
gov.br DIVANIA LUIZA RODRIGUES
Data: 04/05/2026 21:25:33-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. Divania Luiza Rodrigues- Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)

Documento assinado digitalmente
gov.br ELIANE ROSE MAIO
Data: 04/05/2026 18:15:35-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. Eliane Rose Maio - (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Data de Aprovação

30 /04 /2026

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por ter guiado meus passos e meu caminho até o presente momento.

Agradeço à minha querida e bondosa mãe Maria do Carmo de Lima, por todas as vezes que esteve ao meu lado, auxiliando e cooperando em tudo que fosse necessário.

Agradeço ao meu maravilhoso e humano orientador Dr. Federico José Alvez Cavanna por toda paciência e esperança dada ao desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à toda equipe do Lar Joaquim Sant'Ana da cidade de Campo Mourão-Pr, por abrirem as portas para que esse projeto fosse desenvolvido com seus idosos.

Agradeço à direção do Colégio Estadual de Campo Mourão-Pr, que acreditou e apoiou o desenvolvimento do projeto com a turma de Sala de Recursos Multifuncional, incentivando todas as propostas e andamento do mesmo.

Agradeço à banca partipante por meio das ilustres professoras Dr^a Divania Luiza Rodrigues e Dr^a Eliane Rose Maio que contribuíram atribuindo suas sugestões e conhecimentos de forma tão ética, iluminada e preparada.

Agradeço aos dois grupos geracionais envolvidos nesse trabalho, que me mostraram quanto vínculo pode haver entre ambos.

Quantos anos eu tenho?
O que importa isso?
Tenho a idade que escolho e que sinto!
A idade em que posso gritar sem temor o que penso,
fazer o que desejo sem receio de errar,
pois trago comigo a experiência dos anos vividos
e a força inabalável das minhas convicções.
Não importa quantos anos tenho,
não quero saber disso!
Alguns dizem que estou velho,
outros afirmam que estou no auge.
Mas não são os números que definem a minha vida,
não é o que dizem,
mas sim o que o meu coração sente
e o que a minha mente dita.
Tenho os anos suficientes para gritar minhas verdades,
fazer o que quero,
reconhecer velhos erros,
corrigir rotas e valorizar vitórias.
Já não preciso ouvir:
“Você é jovem demais, não vai conseguir”,
ou “Você está velho demais, o seu tempo já passou”.
Tenho a idade em que as coisas são vistas com serenidade,
mas com o desejo incessante de continuar crescendo.

Tenho os anos em que os sonhos
podem ser tocados com os dedos,
e as ilusões se transformam em esperança.
Tenho os anos em que o amor,
às vezes, é uma chama ardente,
ansiosa para se consumir no fogo de uma paixão.
Outras vezes, é um porto de paz,
como o pôr do sol que se reflete nas águas tranquilas do mar.
Quantos anos eu tenho?
Não preciso contar,
pois os desejos que alcancei,
os triunfos que obtive,
e as lágrimas que derramei pelas ilusões perdidas,
valem mais do que qualquer número.
O que importa se fiz cinquenta, sessenta ou mais?
O que realmente importa é a idade que sinto,
a força que tenho para viver sem medo,
seguir meu caminho com a experiência adquirida
e o vigor dos meus sonhos.
Quantos anos eu tenho?
Isso não importa!
Tenho os anos suficientes para não temer mais nada,
e para fazer o que quero e sinto.
A idade? Não importa quantos anos ainda tenho,
porque aprendi a valorizar o essencial
e a carregar comigo apenas o que realmente importa!

José Saramago (1998)

RESUMO

LIMA, Adriana Maria de. **Cartas que encontram gerações**: Uma proposta de ensino de história a partir da troca de correspondências entre crianças e idosos. 2026, 177f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2026.

O presente trabalho tem por objetivo desenvolver o ensino de história a partir de correspondências trocadas entre dois grupos considerados invisíveis socialmente, afim de criar vínculos e reflexões históricas entre duas gerações, sendo eles, de idosos do Lar Joaquim Sant'Ana e crianças da Sala de Recurso Multifuncional matutina do Colégio Estadual da cidade de Campo Mourão Pr. E para tal proposta intermediamos o envio de cartas entre ambos, com intuito de construir saberes entre os conteúdos das cartas e os alunos, na busca por compreender a relevância da memória e a influência do passado relacionado aos tempos atuais, e oportunizar vínculos entre as diferentes gerações afim de enriquecer o ensino aprendizagem e a formação humana. A metodologia utilizada foi a de envio de correspondências em que se objetiva uma proposta de encontro entre gerações para ouvir e refletir sobre falas e as histórias em comum. Entendendo que as cartas sempre foram utilizadas para resgate de memória, para tal pesquisa utilizamos as reflexões de Hannah Arendt, Jorge Larrosa, Célestin Freinet, Zygmunt Bauman e Ecléa Bosi. Pretende-se que esta pesquisa possa inspirar diversos educadores que buscam aproximar gerações desde a escola e tratar memória e história por meio de correspondências, valorizando tradições e reflexões históricas.

Palavras-chave: Ensino de História; Entre Gerações; Cartas; Memória.

ABSTRACT

LIMA, Adriana Maria de. Letters That Connect Generations: A Proposal For Teaching History Based On The Exchange Of Correspondence Between Children And The Elderly. 2026. 177f. Dissertation. Graduate Program in History Teaching - Professional Master's Degree. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2026.

This study aimed to develop history teaching through correspondence exchanged between two groups considered socially invisible, in order to create historical bonds and reflections between two generations: elderly residents of the Joaquim Sant'Ana Home and children from the morning Multifunctional Resource Room of the State College in the city of Campo Mourão, Paraná. To achieve this, we facilitated the exchange of letters between the two groups, with the intention of building knowledge through the content of the letters and the students, seeking to understand the relevance of memory and the influence of the past on the present, and to provide opportunities for connections between different generations in order to enrich teaching and learning and human development. The methodology used was the exchange of letters, aiming to facilitate intergenerational encounters to listen to and reflect on shared experiences and histories. Understanding that letters have always been used to recover memories, this research drew upon the reflections of Hannah Arendt, Jorge Larrosa, Célestin Freinet, Zygmunt Bauman, and Ecléa Bosi. This research aims to inspire various educators who seek to bridge generations through schooling and address memory and history through correspondence, valuing traditions and historical reflections.

Keywords: History Teaching; Between Generations; Letters; Memory.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

MEC – Ministério da Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional em Ensino de História

UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1 – Selos utilizados no Brasil	68
---	----

LISTA DE TABELA

Tabela 1– Participantes da comunicação entre cartas	20
---	----

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Fotografia da turma de Educação de Jovens e Adultos em 2008	17
IMAGEM 2 – Entrada do Lar de Idosos São Joaquim e Sant´Ana da Cidade de Campo Mourão-Pr	23
IMAGEM 3 – Colégio Estadual de Campo Mourão – Pr.....	24
IMAGEM 4 – Leitura em grupo na primeira aula sobre a história das cartas.....	67
IMAGEM 5 – Aprendendo sobre selos e a utilização das cartas em tempos históricos.....	69
IMAGEM 6 – Pesquisa e criação de selos e envelopes	70
IMAGEM 7 – Leitura da carta oficial escrita por Pero Vaz de Caminha em 1.500	72
IMAGEM 8 – Aula para reflexão histórica a partir da música: Sete filhos de Sérgio Reis	74
IMAGEM 9 – Alunos assistindo entrevista sobre a profissão do carteiro	76
IMAGEM 10 – Produção de questões pelos alunos a partir do vídeo com entrevista ao carteiro	77
IMAGEM 11 – Visita do carteiro Renam na turma	78
IMAGEM 12 – Caminhando pela cidade rumo a central de correios da cidade	81
IMAGEM 13 – Visita a central de correios de Campo Mourão – Pr.....	82
IMAGEM 14 – Conhecendo os objetos de trabalho dos carteiros e seus protagonistas	85
IMAGEM 15 – Momentos finais da visita a central dos correios	88
IMAGEM 16 – Tempo livre após a visita a central dos Correios	90
IMAGEM 17 – Concentração para escrever as primeiras cartas	91
IMAGEM 18 – As primeiras cartas escritas	92
IMAGEM 19 – Saindo do Colégio para ir a agência dos correios levar as primeiras cartas ..	100
IMAGEM 20 – Melina Torres recebendo os alunos e suas cartas, direcionando-os a uma visita interna pela agência e explicando sobre o trabalho ali desenvolvido.	102
IMAGEM 21 – Tempo livre após vivenciar a entrega das primeiras cartas na agência dos correios.	104
IMAGEM 22 – Primeiro contato escrito com os idosos do Lar, momento de lerem as primeiras cartas e responderem.	105
IMAGEM 23 – Desenhos que a Senhora Viturina faz no Lar e pediu para entregar como um presente aos alunos.	108
IMAGEM 24 – Carta escrita pelo Senhor Carlinho do Lar de Idosos.....	109
IMAGEM 25 – Alunos lendo as primeiras cartas vindas dos seus amigos do Lar de Idosos e escrevendo as novas cartas.	110
IMAGEM 26 – Carta escrita pela aluna Laura para a Senhora Margarida.	114
IMAGEM 27 – Segunda visita ao Lar dos Idosos com a chegada das segundas cartas enviadas pelos alunos, leitura das cartas e respostas das mesmas aos alunos.	117
IMAGEM 28 – Idosos do Lar, alguns vendo suas cartas, outros assinando e outros escrevendo sua carta.	122
IMAGEM 29 – Cartas com as respostas dos idosos aos alunos.	123
IMAGEM 30 – Alunos lendo as cartas chegas/ Presente da Laura para sua amiga Srª Margarida do Lar.	133
IMAGEM 31 – Últimas cartas escritas pelos alunos em papéis decorados.	134
IMAGEM 32 – Visita ao Lar de idosos para conhecer os amigos das cartas.	141
IMAGEM 33 – Momentos do encontro entre duas gerações vinculadas por meio da escrita de cartas.	144

IMAGEM 34 – Aluna Maria Vitória escreveu sobre a experiência da visita no Lar de idosos.	148
IMAGEM 35 – Sr. José recebendo sua foto com Luan.	149
IMAGEM 36 – Sr ^a Alzirina com sua boneca emocionada quando viu a foto junto com Maria Vitória.	149
IMAGEM 37 – Entregando as fotos para Sr ^{as} Ivone e Maria de Lurdes/ Aluno Thomas com a professora na frente da árvore de natal do Lar de Idosos com missão de entrega de fotos	150

SUMÁRIO

MEMORIAL EPISTOLAR AO MEU DESTINATÁRIO, VOCÊ!	15
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1: O ENSINO DE HISTÓRIA COMO ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES	26
1.1 Formas de conversar: A aliança dos aprendizes.....	34
CAPÍTULO 2: AS CARTAS E O ENSINO DE HISTÓRIA	40
2.1 Cartas e Intercâmbio	48
2.2 As cartas? Há indícios fortes sobre elas!	53
2.3 Carta enquanto objeto de memória	58
CAPÍTULO 3: HISTÓRIA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA ENTRE DUAS GERAÇÕES	63
3.1 O tão esperado momento: A escrita das primeiras cartas.....	90
3.2 O encontro entre duas gerações.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	156
APÊNDICE 1: Sequência didática de 5 aulas. Tema: Cartas	161
APÊNDICE 2: Roteiro das cartas e sequência de questões norteadora das temáticas	164
APÊNDICE 3: QR code com os arquivos das transcrições de todas as cartas	166
ANEXO A: Autorização da direção do Colégio Estadual de Campo Mourão Pr	167
ANEXO B: Autorização ao responsável pelo Lar de Idosos Joaquim Sant'Ana para realização do projeto junto aos idosos do lar	168
ANEXO C: Autorização aos pais dos alunos para participarem do projeto.....	169
ANEXO D: Ofício enviado pela colégio solicitando a visita de um carteiro ao responsável da Central de Correios de Campo Mourão Pr	170
ANEXO E: Carta de 2 de Agosto de 1973 de Joel Rufino enviada a seu filho Nelson.....	171
ANEXO F: Um pouco sobre a História da Carta.....	172
ANEXO G: Letra da música Sete Filhos de Sérgio Reis	175
ANEXO H: Letra da música Meu caro amigo de Chico Buarque	176

MEMORIAL EPISTOLAR AO MEU DESTINATÁRIO, VOCÊ!

MEUS OITO ANOS

Oh! Que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 - Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar é - lago sereno,
 O céu - um manto azulado,
 O mundo - um sonho dourado,
 A vida - um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
 Que noites de melodia
 Naquela doce alegria,
 Naquele ingênuo folgar!
 O céu bordado d'estrelas,
 A terra de aromas cheia,
 As ondas beijando a areia
 E a lua beijando o mar!

[...]

Oh! Que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!
 Casimiro de Abreu (1858)

Campo Mourão, 18 de Setembro de 2025.

Saudações leitores,

Espero que com essa carta você possa conhecer um pouco sobre mim. Minha vida, como a poesia de Casimiro de Abreu, me faz recordar de minha infância. Infância segundo o dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, é o período da vida humana que vai do nascimento até a adolescência ou puberdade. Também pode designar o conjunto das crianças, os primeiros anos de algo (princípio ou começo), ou o modo de ver e viver do universo infantil. Em algum dia qualquer, em algum momento da vida adulta e velha, alguém estará tendo saudades da infância. Nela, não me lembro de querer ser professora. Me lembro sempre perdida, sem nem entender que mundo estranho me cercava. Eu brinquei bastante. Tinha muitas coisas, nada me faltou, nem objetos do dia a dia, nem sentimentos. Aprendi a andar de bicicleta rapidamente. Fui boa aluna até o ensino médio. Não tive muitos amigos, aprendi pouco sobre isso. Minha família é pequena, tenho apenas uma irmã mais nova, tios e tias espalhados pelo Brasil. Conheci apenas um avô paterno. Não conheci avós, mas conheci as mais estranhas e sombrias histórias que cercavam alguns fatos de família, todos contados por minha mãe.

Aos 17 anos no ano de 2007 terminei o Ensino Médio e a dúvida de qual faculdade cursar me assolou. Eu decidi ser fisioterapeuta, mas na época só havia esse curso na cidade de Maringá-Pr, então meu pai me disse: “Veja o que há de gratuito em Campo Mourão e faz, depois com o dinheiro do trabalho você paga o curso que você quiser”. Assim acreditei e fiz, até porque não me vi podendo ter outra escolha. Passei na prova do curso de Pedagogia da Faculdade Estadual de Campo Mourão-PR, não sabendo na época o porquê, sempre com aquele sentimento de estar perdida sem saber fazer escolhas, sem ter tido muita orientação dos caminhos a se trilhar na vida. Sorte minha é ter tido em meus caminhos a orientação de Deus.

Aos 18 anos, no ano de 2008 comecei a faculdade no curso de Pedagogia, finalizando no ano de 2011. Em 2013 assumi concurso na cidade de Campo Mourão como professora de Ensino Fundamental, estando até hoje no cargo. No ano de 2013 assumi concurso do estado do Paraná como Orientadora Educacional, estando até o atual momento no cargo. Em 2009 fiz especialização na área de Educação Especial, pela Faculdades Integradas do Vale do Ivaí -PR, que me capacitou para exercer atividades em sala de recurso multifuncional. Do ano de 2008 até 2009 enquanto cursava a Faculdade de Pedagogia estive como professora estagiária da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Peabiru-Pr nas turmas de terceira e quarta etapas, que é alusivo ao quarto e quinto anos do Ensino Fundamental, sendo a maior parte dos alunos pessoas jovens, adultos e idosos. Nesse período de experiência tive contato direto com

a maior parte dos estudantes na faixa etária de cinquenta a oitenta anos de idade, e foram os dois anos quais eu, jovem, percebi que pouco tinha para ensinar àquelas pessoas. Foi com eles que eu aprendi a entender muita coisa, com eles eu aprendi sobre curas de doenças por meio de chás, aprendi a olhar para o outro com humanidade, aprendi que cada um ali tinha uma história de vida, que estavam ali para poder sentirem-se pertencentes a um lugar qual gostariam de ter tido a oportunidade de estar quando jovens e não puderam, sentar numa mesinha de estudante, pegar num lápis, ter seus cadernos, chegar na escola e conversar com seus amigos. Quantas foram as vezes que pensei “eu não sei de nada sobre a vida”. As dificuldades que cada um ali já havia enfrentado não eram poucas. Estar ali para cada um deles era a realização de um sonho. Eu ensinei letras, palavras e contas, mas eles me ensinaram a ouvir, a entender um olhar, um sorriso, a entender sobre os laços que unem professor e alunos num processo mútuo de conhecimento. Se essa experiência me marca até os dias atuais, sendo que cada aluno eu lembro com carinho e humanidade, com certeza minhas práticas de mestrado podem ter surtido efeitos semelhantes em meus alunos. Para Luckesi (1985, p. 49), “temos como pressupostos básicos que o conhecimento só nasce da prática com o mundo, enfrentando os seus desafios e resistências e que o conhecimento só tem seu sentido pleno na relação com a realidade”.

Imagem 1 – Minha turma de Educação de Jovens e Adultos em 2008



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Essa é a única lembrança que me restou desse tempo que guardo na memória. Uma foto que a direção tirou para entregar a cada professor no dia dos professores. A guardo com tanto carinho, pois ela é um objeto de memória de um período de minha história, nela consigo observar detalhes ricos de momentos únicos vivenciados em sala de aula.

De acordo com Ghiraldelli Júnior (1991) o pedagogo é aquele que conduz. E Brandão (1981) Na Grécia antiga caracteriza “pedagogo” como aquele que se fazia na figura do escravo, na qual tinha por função conduzir as crianças até seus locais de conhecimento, até suas escolas, ou seja, era aquele que tinha por missão levar, direcionar, mostrar o caminho.

Porque os escravos “pedagogos” – condutores de crianças – eram, afinal, seus educadores; muito mais do que os mestres-escola. Eles conviviam com as crianças e os adolescentes e, mais do que os pais, faziam a educação dos preceitos e das crenças da cultura da polis grega (cidade-Estado da Grécia antiga onde começava e acabava a vida do cidadão grego livre e educado). Daí o escravo “pedagogo” ser considerado um educador, por cujas mãos as crianças gregas da Antiguidade atravessavam os anos a caminho da escola (Brandão, 1981, p. 42-43)

Ensinar o caminho, mostrar o caminho, e aos poucos vê-los (os alunos) trilharem o caminho sozinhos. Sempre foi assim, o mais velho ensina o mais novo. Minha cultura, meu modo de ser, se sei de algo e se sou algo é por influência daqueles que me deram os exemplos a seguir. E, nessa perspectiva, que digo que sempre amei a Educação Especial e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com 19 anos aquela professora mais aprendeu do que ensinou.

Ouvi muitas histórias, vivi muitas histórias. Ganhei panos de prato, cacho de bananas, pé de alfaces, batatas doce, jabuticabas, ovos, doces caseiros, receitas e outros. Aprendi que mal olhado se cura com oração. Que as dificuldades da vida nos fortalecem, e que cada um ali na sala de aula era um super-herói sem capa. A convivência dos mais novos com os mais velhos sempre fará parte de um processo que acontecerá aprendizagem. Para Freire (2012, p. 92) “O ideal, contudo, é quando se junta à disponibilidade da juventude do jovem a sabedoria acumulada do ‘velho’ jovem”.

Nesses anos enquanto professora aprendi muito. Os tempos são de outrora, e agora me vejo fazendo parte da vida de uma geração diferente da minha. Com outras influências e perspectivas. Então relembro minha infância e percebo que talvez um dia eu me encontrei em um caminho cheio de buracos, tropecei tantas vezes, mas posso dizer que me encontrei e me encontro todos os dias, em contato com o outro, no diálogo, nas experiências sociais que são possíveis quando em grupo, e dessa forma entendo que juntos aprendemos mais. Sendo assim, te convido caro amigo a ler e aprendermos juntos sobre esse tema lindo que nos faz refletir acerca da memória e da beleza da escrita epistolar que abre portas para a comunicação e a expressão do ser.

Com imensa gratidão e carinho,

Adriana Lima

INTRODUÇÃO

Compartilho uma pesquisa de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - ProfHistória da Unespar (Campus de Campo Mourão- PR), que apresenta como objetivo desenvolver o ensino de história a partir de correspondências trocadas entre dois grupos considerados invisíveis socialmente, afim de criar vínculos e reflexões históricas entre duas gerações, sendo eles, de idosos do Lar Joaquim Sant'Ana e crianças da Sala de Recurso Multifuncional matutina do Colégio Estadual da cidade de Campo Mourão-PR.

A questão que norteia tal proposta é: Como a escrita de cartas e a comunicação entre diferentes gerações podem contribuir para a construção de conhecimentos históricos educacionais? Apresenta-se enquanto metodologia a escrita epistolar para desenvolver habilidades de escrita e leitura, promovendo o diálogo escrito crítico, reflexivo e afetivo entre os que se comunicam, de forma a articular e aprofundar o aprendizado de história, criando conexões significativas entre teoria e prática permeados à comunicação de duas gerações diferentes. A escrita de todas as cartas e de cada etapa foi transcrita e disponibilizada para apreciação por meio de um QR Code (Apêndice 5) que direciona aos arquivos do projeto. Dessa forma, se objetiva intermediar o envio de cartas entre os dois grupos, construir saberes entre os conteúdos das cartas e os alunos, destacando o uso da memória e a influência do passado relacionado aos tempos atuais e oportunizar vínculos entre as diferentes gerações afim de enriquecer o ensino aprendizagem.

Os alunos participantes somam um total de 09 crianças e/ou adolescentes entre 11 e 16 anos de idade que frequentam Sala de Recursos Multifuncional em contraturno, sendo que para participarem desse trabalho foram autorizados por seus responsáveis mediante autorizações previamente enviadas e assinadas, bem como os termos de autorizações de uso de imagem assinadas por eles. Já os idosos, também totalizam em 09 participantes, que também foram previamente comunicados e lhes pedido autorização e consentimento para participar das atividades, sendo que os mesmos aceitaram juntamente com o Lar. Sendo assim para melhor entendimento as duplas de comunicação de cartas se deu a partir da tabela abaixo, que apresenta os primeiros nomes apenas de cada participante, porém sendo eles verídicos, haja visto que todos os participantes autorizaram.

Tabela 1 – Participantes da comunicação entre cartas

ALUNO	IDADE	IDOSO	IDADE
Ariel	16	Alzirina	70
Davi	11	Dorival	64
Laura	11	Margarida	70
Luan	13	José	77
Maria Vitória	13	Ana	75
Mateus	12	Maria de Lurdes	81
Samuel 1	13	Ivone	66
Samuel 2	12	Viturina	84
Thomas	11	Irineu	71

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Muitos de nós lembramos das histórias que nossos avós ou pais contavam, como era a vida e os acontecimentos que marcavam suas trajetórias vivenciais. Muitos deles, pode ser que mostravam aquela foto surrada, amassada, em preto e branco, guardada com carinho. Minha mãe até hoje guarda uma foto que tem aproximadamente umas vinte pessoas em pé em frente a uma casa de madeira. Ela mostra a foto e sabe o nome de cada um ali. Seus irmãos, tios, mãe, pai, e ela bem pequena ao meio da gentarada. Uma família grande e simples. Vida singela. Quase ninguém ali estudou. Famílias que moravam longe da cidade. E no meio do mato, no ambiente dos sítios, conviviam com animais e as mais diversas histórias de sofrimento, luta, união, mas que com dignidade conseguiam ganhar o pão de cada dia. Minha mãe sempre conta de um gato amarelo que a salvou de um bote certo de uma cobra venenosa. Suas bonecas eram de sabugo de milho. E tantas mais que encheriam folhas a contar. E é assim, vivendo e contando histórias, passando sabedoria e conhecimento aos mais novos, que se fica o imaginar e o indagar de como foi que tudo nos narraram aconteceu.

Escutar os mais velhos é bom. Sinal de sabedoria, dizia meu avô. Minha mãe até hoje sabe receitas culinárias e chás diversos que aprendeu com sua mãe, que aprendeu com sua avó. Conhecimentos esses passados de geração em geração. Todos nós temos lembranças de algo que alguém mais velho nos contou, nos ensinou, nos explicou e nos ajudou a compreender.

Segundo Larrosa (2007), em qualquer tempo presente, convivem distintas gerações, e sendo essa convivência que garante que crianças e jovens, supervisionados pelos maiores, crie um vínculo intergeracional social e cultural que é vital para transmissão de saberes.

As relações entre as gerações têm, muitas vezes, sob certas condições, uma dimensão educativa. A educação em si não é outra coisa senão uma determinada relação intergeracional, ou talvez transgeracional. Podemos nos apoiar em Hannah Arendt e dizer que a educação tem a ver com a natalidade, com o fato de que constantemente nascem seres humanos no mundo, e também com a finitude, com o fato de que o mundo e tudo o que ele contém envelhece e morre. A educação, portanto, está relacionada a uma relação muito complexa entre os mais velhos, aqueles que já estão no mundo, e os mais novos, aqueles que chegam a ele. Uma relação na qual cada um, os velhos e os novos, deve encontrar seu próprio lugar e sua própria responsabilidade. (LARROSA, 2007, p.09, tradução nossa)

As trocas de cartas buscam justamente o que Larrosa (2007) defende, criar o vínculo entre duas gerações distintas, quais por meio da troca de cartas e amizade estabelecida entre elas por meio da comunicação, contribuirá para a aprendizagem do ensino de história, bem como fortalecerá uma relação que fará refletir sobre o mundo, as pessoas e suas histórias, memórias e saberes que contribuem para a formação de sociedades.

Segundo Arendt (2005, p.77):

[...] a perda da natureza e a perda da obra humana no senso mais lato, que incluiria toda a história – deixou atrás de si uma sociedade de homens que, sem um mundo comum que a um só tempo os relacione e separe, ou vivem em uma separação desesperadamente solitária ou são comprimidos em uma massa. Pois uma sociedade de massas nada mais é que aquele tipo de vida organizada que automaticamente se estabelece entre seres humanos que se relacionam ainda uns aos outros, mas que perderam o mundo outrora comum a todos eles.

É nesse sentido que, refletir sobre as cartas, proporciona interação e as crianças entendem que os mais velhos e eles estão em um mundo em comum no qual se espera que se ouçam, os mais novos escutem o que o mais velho lhes têm a contar, que entendam que ouvir é aprender, que esperar é aprender, se fazendo compreender que o diálogo não está perdido e que é por meio dele que se constroem relações entre as diferentes gerações.

Paulo Freire (1989), ilustre defensor da escrita de cartas, utilizou várias que compunham suas obras, destacando a importância de se ler o mundo, o que nos rodeia, o outro e as relações com o outro.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 09).

Esse trabalho iniciou-se no mês de abril de 2024. De primeiro momento estive em contato com o Lar de Idosos São Joaquim Sant'Ana da cidade de Campo Mourão para pedir solicitação para desenvolver as atividades. Fui recebida pela coordenadora interna do Lar, que

em conversa foi explicado a ela sobre o desenvolvimento do trabalho, sendo aprovado, pois demonstra a possibilidade de desenvolver com os idosos no Lar suas capacidades motoras, psíquicas, cognitivas e de interação, já que os idosos gostam de crianças, porém sendo raro quando se têm contato com elas. A mesma disponibilizou o contato da psicóloga que desenvolve trabalhos com os idosos para haver comunicação de andamento das atividades, agendamentos de horários possíveis para entrega das cartas no lar, e para organizações gerais. A mesma me disponibilizou nove nomes de idosos que poderiam participar do projeto, sendo que desses nove apenas uma sabia ler e escrever.

Para tanto, descrevo sobre a história do Lar, que conforme com a página *site online* do Lar de Idosos (2025), <https://lardeidososcm.com.br/sobre>, é uma instituição sem fins lucrativos, que oferece acolhimento de longa permanência a idosos a partir de 60 anos, de ambos os sexos. Tem como missão promover acesso à saúde, lazer, recuperação, bem-estar, integridade, socialização, segurança, independência, dignidade, qualidade de vida e inclusão social, trabalham com uma equipe multidisciplinar que inclui cerca de 45 profissionais entre enfermeiros, médicos, técnicos de enfermagem, fisioterapeuta, nutricionista, psicóloga, neuropsicopedagoga, assistente social, cuidadores, cozinheiras, zeladores, além da diretoria e setor administrativo, que se revezam 24 horas para trabalhar a fim de promover o melhor auxílio e bem-estar aos idosos.

Seus registros históricos iniciam-se no ano de 1961 em Campo Mourão e Região a qual predominava em grande escala a extração de madeira e as plantações de café, o que fez com que muitos trabalhadores viessem de cidades distantes deixando suas famílias de origem. Quando chegavam em idade mais avançada e não podiam mais trabalhar, essas pessoas acabavam em situação de vulnerabilidade.

Dom Elizeu Simões Mendes (1915–2001), foi o primeiro bispo da Diocese de Campo Mourão, tomando posse em 23 de abril de 1960, e preocupado com a situação, convocou uma reunião que foi realizada no dia 20 de novembro de 1961 no Palácio Episcopal, com o objetivo de dar dignidade à velhice desamparada. Na ocasião, constituiu-se uma diretoria com o compromisso de elaborar um estatuto de criação da Instituição, que foi fundada em 16 de julho de 1972 com o nome de Asilo São Vicente de Paulo de Campo Mourão.

No ano de 2021, o Lar passou por mudanças significativas, deixando de ser presidido pelos Vicentinos e passando a ser dirigido pelos padres e diáconos da Diocese de Campo Mourão. Buscando garantir a qualidade dos serviços prestados, compromisso com a transparência, proteção integral e inclusão social das pessoas idosas, a instituição teve seu estatuto reordenado e foi renomeado como Lar de Idosos São Joaquim e Sant'Ana.

Imagem 2 – Entrada do Lar de Idosos São Joaquim e Santana da Cidade de Campo Mourão-Pr



Fonte: Imagem retirada do site: www.lardeidososcm.com.br/sobre (2025).

Com relação a receptividade do projeto a ser desenvolvido em minha turma de sala de recursos multifuncional no Colégio Estadual de Campo Mourão-Pr, a direção sob comando de Valdair Silva também demonstrou apoio e contentamento para que o mesmo fosse elaborado e trabalhado com os alunos.

A história do Colégio Estadual está publicado em página *online* de *site* oficial (2025), (<http://www.cpmeestadualcm.seed.pr.gov.br>), sendo o mais antigo da cidade. Começou a funcionar em 1956. Após a implantação do 2º ciclo, pelo Decreto Lei 19.886 de 04/11/1965 o Colégio passou a denominar-se Colégio Estadual de Campo Mourão. Deixou de funcionar no prédio particular e passou para o prédio público, em 1968, no qual está instalado até hoje, inaugurado oficialmente em 10/10/68 pelo Governador Paulo Pimentel. Atualmente conta com ensino Fundamental II, Ensino Médio e Profissionalizante/Técnico. Conta com sala de recursos multifuncional uma em cada período, matutino e vespertino. As salas de recurso multifuncional dentro da escola, são espaços específicos que buscam ofertar serviço de apoio especializado da Educação Especial, que tem por objetivo atender alunos do Ensino Fundamental e Médio especificamente em Deficiência Intelectual, Deficiência Física Neuromotora, Transtorno Global Desenvolvimento, Transtorno Funcional Específico. Os alunos que a frequentam possuem avaliação pedagógica, neurológica e/ou psiquiátrica das dificuldades, com o devido diagnóstico médico especificando suas necessidades educativas, as quais devem ser trabalhadas valorizando o aspecto lúdico e considerando ainda a adaptação curricular em conjunto com os professores das demais disciplinas, na elaboração e execução de metodologias, estratégias e recursos didáticos específicos buscando contribuir no suporte pedagógico aos docentes em

assuntos referentes à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, cujo desenvolvimento requer atendimento complementar diferenciado, de forma a subsidiar com métodos, atividades pedagógicas diversificadas e extracurriculares os conteúdos defasados, bem como mediar o aluno no processo ensino aprendizagem.

Imagem 3 – Colégio Estadual de Campo Mourão - Pr



Fonte: Imagem retirada do site: <http://www.cpmestadualcm.seed.pr.gov.br> (2025).

Logo, as autorizações de ambos os locais para iniciarmos as atividades foram concedidas (Anexos I e II). Sendo assim, essa dissertação de mestrado é escrita para fundamentar todo o processo de ensino aprendizagem vivenciado com os alunos e os idosos, os protagonistas de uma linda história de troca de cartas.

Há de se perceber como este tipo de trabalho é oportuno não só na escola que a atividade foi realizada, mas em diversos espaços fora das paredes da sala de aula, espaços da cidade, espaços sociais. Os estudantes precisam de impulsos para o desenvolvimento de um olhar reflexivo em relação ao outro, para que nossa sociedade possa caminhar rumo à uma cidadania democrática, questionadora e libertadora de preconceitos e estereótipos, entendendo que a aprendizagem se faz real com crianças com dificuldades de aprendizagens, e que os idosos muitas vezes esquecidos são ricas fontes históricas.

Para tanto, na primeira seção, buscamos tratar sobre o ensino de história como encontro entre gerações, entendendo que é possível e didático a partir do momento em que se há uma aliança por meio dos aprendizes e aqueles quais possuem mais tempo de vida, bagagem de história, sabedoria, conhecimentos a serem compartilhados por meio do diálogo e da amizade que surge entre os mais novos e os mais velhos, quais sempre foram responsáveis desde o nascimento do bebê a ensiná-lo desde o andar dos primeiros passos, ao falar e as demais fases

de crescimento da criança, que sempre estará cercada das mais diversas gerações que lhe dão exemplos de vida, e nesse andamento os mais velhos ensinam os mais novos, que ao passo que envelhecem repassam os conhecimentos adquiridos por seus mestres e pais aos seus filhos, que serão de uma outra geração e assim respectivamente.

Na segunda seção, buscamos fundamentar acerca do ensino de história por meio da escrita epistolar, fundamentando em Freinet (1974) qual realizava experiências parecidas em que seus alunos produziam seus próprios jornais, suas próprias escritas e matérias jornalísticas, e para tal defendemos o aprender por meio do intercâmbio, que é capaz de fortalecer a relação entre dois grupos diferentes, de lugares diferentes, de culturas diferentes, afim de aprender sobre o que ali se há, o que ali se tem a oferecer enquanto conhecimento, conhecimentos estes com propósito de ser compartilhado entre quem faz o intercâmbio, ou seja, eu te ensino o que sei, e você me ensina o que sabe, e ambos aprendem. Tratamos também da carta enquanto objeto de memória. Historicamente sabemos quanto as cartas foram fundamentais para descobertas mil, isso pela razão de muitas terem sido guardadas por serem consideradas objetos valiosos, objetos de memória, que nos trazem boas lembranças de alguém, geralmente são sempre guardados com amor por as quem tem. O objeto carta, escrita a mão com a letra daquela pessoa a quem se tem apreço é bem diferente das mensagens instantâneas e imediatistas às quais a geração atual está acostumada, e colocar os alunos para escreverem cartas permite que os mesmos vivenciem a experiência de entender que as cartas carregam em si sentimentos e nelas estarão carregadas o valor de um momento vivido, logo ela se torna um objeto de memória.

Na terceira seção, é descrita a história que proporciona o produto desse trabalho, é todo o trabalho envolvido junto aos alunos desde as aulas, a escrita das crianças, o envolvimento na ânsia de fazer amizade por meio das cartas e conhecer um amigo anônimo idoso do Lar, suas experiências de aprendizagem fora da escola, na qual puderam realizar visitas a alguns lugares que ainda não haviam conhecido, a leitura e escrita e a comunicação que se teve entre os alunos e os idosos do Lar, os laços de amizade fortalecidos em cada carta recebida, o ensino aprendizagem por meio de um encontro entre duas gerações.

CAPÍTULO 1

O ENSINO DE HISTÓRIA COMO ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES

“Transmitir supone, por eso, ir por el filo de la fidelidad y de la traición, de la continuidad y de la ruptura”.
(Forster, 2007, p. 38)

“La educación no es otra cosa que una determinada relación intergeneracional, o talvez transgeneracional”
(Larrosa, 2007, p. 9)

Conta a filósofa espanhola Marina Garcés que enquanto se encontrava dirigindo de Girona para Barcelona sentiu a necessidade de uma voz que a acompanhasse na solidão da estrada. Então decidiu ligar o rádio e, evitando os programas de futebol e de política, acabou achando um homem que falava sobre sua vida, dizendo que não tinha medo da morte porque teve uma vida plena, mas, chegado o momento, deixaria este mundo com uma dor: “no haber sido maestro de escuela. No haber enseñado a niños y niñas de entre ocho y once años... que es la edad en la que se aprende a mirar el mundo. Me gustaría haber podido enseñar a los niños a mirar una margarita o los gajos de una naranja”¹ (Garcés, 2019, p. 149). A partir desta fala, Marina refletiu sobre a educação como uma “prática da hospitalidade” (Garcés, 2023, p. 35) que sempre é principalmente um encontro entre gerações como convite a pensarmos um pouco além do que poderíamos chegar a pensar sozinhos. E também um chamado, uma convocação para nos descobirmos como aprendizes quando o que sabemos ameaça nos arruinar. Dito de outra forma, a educação, assim pensada, é **a tentativa entre gerações de criar um mundo em comum** que tem relação com a inevitável condição de que no presente, em qualquer presente:

viven y conviven distintas generaciones. Su convivencia garantiza ciertas formas de ayuda mutua sin las cuales sería imposible la crianza de los más jóvenes y la supervivencia de los mayores. Para cada generación, la ayuda de ellas es, literalmente, vital. Pero, además, la convivencia intergeneracional crea un vínculo social y cultural que asegura la transmisión: de la memoria, de la cultura, del mundo (Larrosa, 2007, p. 5)²

Conviver possui o sentido, em tempos de individualismo e pragmatismo, de proporcionar pontes para que exista um mundo **entre** as gerações, um “entre” que estabelece

¹ Tradução própria: Não ter sido professor. Não ter ensinado crianças entre oito e onze anos... que é a idade em que aprendemos a olhar o mundo. Eu gostaria de ter podido ensinar crianças a olhar para uma margarida ou para os gomos de uma laranja.

ao mesmo tempo uma relação de aproximação, mas que também respeita à diferença. Colocar o encontro entre gerações como um assunto central para o ensino de história busca fugir das “armadilhas” mais difundidas dos estéreis debates pedagógicos atuais determinados pela constante contraposição entre tradição e inovação (velha educação *versus* novidades educacionais) e a redução a questões metodológicas que costumam concluir que os métodos são antiquados ou os jovens são desmotivados. A proposta de pensar o ensino de história como um encontro entre gerações assume que as principais perguntas e desafios possuem suas raízes à margem dessas contraposições e também do sistema de avaliações e da disciplina de curriculum estruturados. Não se trata principalmente de procurar novos métodos inovadores, mas de promover a educação como um esforço por criar um mundo comum, o que Marina Garcés chama de “**valentia no pensamento**” (Garcés, 2019, p. 37) que propõe “encontrarnos una serie de personas que, de diferentes formas, intentamos crear lugares comunes para el pensamiento o, dicho al revés, que apostamos por hacer del pensamiento un lugar de interpelación y de encuentro”³. Isto nos aproxima da tão repetida (e às vezes maltratada) ideia de **pensamento crítico** que não é outra coisa que pensar nos limites do que somos e do que sabemos e que não “acepta otros criterios y razones que aquellos que podemos llegar a revisar juntos, sin prejuicios ni garantías”⁴. O pensamento crítico e o ensino de história são o encontro com desconhecidos e, na nossa proposta, um encontro entre desconhecidos de diferentes gerações que se dizem um para o outro: “vamos a examinar juntos lo que pensamos, a ver si somos capaces de pensarlo de otra forma?”⁵ (Garcés, 2019, p. 58).

Assim, a proposta é um encontro educativo como uma **abertura hospitaleira**, como quando na Odisseia o rei Alcino conta sua história para o náufrago Ulisses a quem oferece banho e roupas limpas e imediatamente depois se dispõe a escutar:

²Tradução própria: Diferentes gerações vivem e coexistem. Sua coexistência garante certas formas de apoio mútuo, sem as quais a educação dos mais jovens e a sobrevivência dos mais velhos seriam impossíveis. Para cada geração, seu apoio é, literalmente, vital. Além disso, a coexistência intergeracional cria um vínculo social e cultural que garante a transmissão: da memória, da cultura, do mundo.

³Tradução própria: Encontramos uma série de pessoas que, de diferentes maneiras, tentam criar lugares comuns para o pensamento ou, dito de outra forma, que estão comprometidas em fazer do pensamento um lugar de questionamento e encontro.

⁴Tradução própria: aceita outros critérios e razões que não aqueles que podemos analisar em conjunto, sem prejuízos ou garantias.

⁵ Tradução própria: Vamos examinar juntos o que pensamos, para ver se somos capazes de pensar sobre isso de uma maneira diferente?

Mas me diz agora tu com verdade e sem rodeios, por onde vagaste, a que terras de homens chegaste; fala-me deles e das cidades que eles habitam, tanto dos que eram ásperos e selvagens como dos justos: fala-me dos que acolhiam bem os hóspedes [...] (Careri, 2025, p. 109).

Então trata-se de superar as “bolhas” particulares criando espaços comuns e habitáveis mudando o isolamento pela **cooperação**, “e desertar del dogma de la autosuficiencia para incorporar la interdependencia... mancomunar...”⁶ (Garcés, 2019, p. 156). Para isto, pensamos a escola como uma série de procedimentos que se constroem no interior de um sistema e de relações, por sua vez, inseridos em uma concepção mais ampla sobre o que é *o escolar*. Neste texto pensaremos *o escolar* como uma forma de convite para realizar um conjunto de experiências e de operações que buscam olhar para o mundo com interesse por meio de “um arranjo particular de tempo, espaço e matéria em que os jovens são colocados em companhia de (alguma coisa de) o mundo de um modo específico” (Masschelein; Simons, 2017, p. 23).

O que a forma escolar faz (se funciona como uma escola!) é um duplo movimento de trazer alguém para uma posição de ser capaz (e, portanto, transformar alguém em aluno ou estudante), o que é ao mesmo tempo uma exposição a algo de fora (e assim um ato de apresentação e exposição ao mundo)” (Masschelein; Simons, 2017, p. 22)

Pensar a escola como *scholè*, que no sentido literal significa tempo livre. Não um tempo livre para fazer o que “eu quiser”, mas um tempo liberado das obrigações das necessidades urgentes, do tempo da casa, da família, do trabalho, da utilidade, da aplicação, de ser um “recurso humano”, tempo livre no sentido de tempo “liberado de” e “liberado para”. O lugar que ocupam os estudantes na construção dessa *scholè*, sempre está tensionado entre o conflito e a complementação entre as relações humanas que interpelam os gestos cotidianos e à grande estrutura do sistema educacional. Sendo assim, construir a *scholè* tem algo de *arquitetura* em relação a pensar os cursos e a sala de aula destacando as funções de planejar as sequências didáticas, organizar a estrutura, pensar os materiais que serão utilizados, as etapas e o desenho dos objetivos e as metodologias e as ferramentas. Mas também, e principalmente, a *scholè* é um encontro entre *anfiriões* vinculados com a hospitalidade, com as relações e com a sensibilidade (Brailovsky, 2020), com os vínculos de confiança, de conversação e as relações próprias da presença:

⁶ Tradução própria: e abandonar o dogma da autossuficiência para incorporar a interdependência... para reunir...

[...] para lograr ese tipo de trabajo que sea simultáneamente para todos y para cada uno, hay todavía grandes ventajas en trabajar en un espacio físico donde se ven las caras, donde los maestros pueden seguir las miradas y cambiar de ritmo o de foco porque se percatan de las señales, no siempre verbales, que indican que algo no está funcionando del todo bien y donde se pueden generar formas de atención enfocadas en algún asunto sin tantas distracciones como en casa. La clase es un espacio-tiempo multisensorial, pero las tecnologías digitales... la multimodalidad –el uso de múltiples modos de comunicación (oral, escrito, visual, gestual) – no es fácil de resolver y menos aún la sincronización (Dussel, 2020, p. 8) ⁷

Queremos pensar o ensino de história como uma relação de **hospitalidade** entre gerações sem cair na complacente ilusão de que isso seria o mundo perfeito, ao contrário, admitimos as fortes contradições e os paradoxos das “fronteiras intransponíveis” aos que qualquer encontro conduz. Ricardo Forster fala por isso na “dialética da hospitalidade” que, de todo encontro nasce uma tensa disputa entre o acolhimento e o perigo de anular o outro porque no diálogo, entre pares ou entre gerações:

no hay posibilidad de eludir el desencuentro, de escapar al equívoco que subyace a cualquiera de los que participan de un intercambio en el que se ponen en juego mundos complejos, universos de ideas, experiencias acontecidas, sueños realizados o postergados, crítica desencajadas y errantes, miradas que no se corresponden, fracasos diversos todo entrelazado con el enigma del lenguaje, de lo que en él falla y se desplaza continuamente hacia dimensiones inesperadas (Forster, 2007, p. 48) ⁸

A educação, da mesma forma que a hospitalidade e o encontro, pode-se ter uma falha, uma abertura, uma imprevisibilidade frágil que permite os desvios de “los objetivos desde los que se partía dejándose contaminar por la diferencia que trae el otro”⁹ (Forster, 2007, p. 45). Porque o principal perigo da hospitalidade é o mesmo que o da educação: que nada falhe, que a eficiência seja tal que um anule o outro, que o atalho mate o desejo.

⁷ Tradução própria: Para alcançar esse tipo de trabalho, que é simultaneamente para todos e para cada indivíduo, ainda há grandes vantagens em trabalhar em um espaço físico onde rostos são vistos, onde os professores podem acompanhar os olhares e mudar o ritmo ou o foco porque percebem os sinais, nem sempre verbais, que indicam que algo não está funcionando bem, e onde formas de atenção focada podem ser geradas em uma determinada questão sem tantas distrações quanto em casa. A sala de aula é um espaço-tempo multisensorial, mas as tecnologias digitais... a multimodalidade – o uso de múltiplos modos de comunicação (oral, escrita, visual, gestual) – não é fácil de resolver, e a sincronização é ainda menos.

⁸ Tradução própria: Não há possibilidade de evitar o desencantamento, de escapar ao mal-entendido que subjaz a qualquer um dos que participam de uma troca em que mundos complexos, universos de ideias, experiências ocorridas, sonhos realizados ou adiados, críticas desconexas e errantes, olhares que não correspondem, falhas diversas se entrelaçam com o enigma da linguagem, daquilo que nela falha e se desloca continuamente para dimensões inesperadas.

⁹ Tradução própria: os objetivos dos quais partimos, deixando-nos contaminar pela diferença que o outro traz.

[...] de eso se trata la **transmisión-tradición**, de sabernos portadores de alforjas cargadas con lo dicho y lo no dicho por libros y autores que se han convertido en nuestra herencia volviéndonos sus legatarios ante una actualidad que amenaza con arrasar lo que de los muertos guardamos en nuestras memorias. Pero también constituye ese otro gesto en el que algo se quiebra para que sigan fluyendo los hilos del pasado, en el que algo se quiebra para que sigan fluyendo los hilos del pasado, en el que el supuestamente sólido muro de las herencias se va resquebrajando hasta dejar pasar otras aguas [...] (Forster, 2007, p. 38) ¹⁰

A *hospitalidade* nos ajuda a pensar os desafios do ensino de história entre gerações quando resulta o motor de uma proposta para o verdadeiro encontro que acaba sendo o resultado um jogo dialético. Por um lado a *transmissão* considerada como uma “persistencia de ciertos legados, la continuidad de un eslabonamiento que se constituye en el despliegue de la cadena de la tradición. Por lo tanto, hay cierto conservadurismo en el acto de legarle a outro um saber que tiene raíces y que no sólo resonde a lo efímero del presente”¹¹ (Forster, 2007, p. 35), e, por outro lado, também manter sempre viva a possibilidade legítima da nova geração ter a oportunidade de *transformar*, de “emprender alguma coisa nova e imprevista por nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum”. (Arendt, 2016, p. 247). Aqui vive a riqueza da hospitalidade onde nunca fica claro quem é o anfitrião e quem o hóspede (Careri, 2025, p. 64) do comparecer, de um estar presentes e juntos atacando à triste intempérie dos tempos atuais:

La intemperie de nuestra época se manifiesta precisamente en esos desfondamientos y en esas rupturas que alejan a las generaciones entre sí, bloqueando las posibilidades de un diálogo, y, por lo tanto, de un intercambio que pueda fundarse en o viene de lejos y en aquello otro que aportan los recién llegados. Como si una doble clausura afectara nuestra contemporaneidad: la que nos aleja, por una lado del pasado convirtiéndolo en una pieza de museo.. y, por el otro, la volatilización del futuro en nombre de un ‘aquí y del ahora’ (Forster, 2007, p. 35) ¹²

¹⁰ Tradução própria: É disso que se trata a transmissão-tradição, saber que somos portadores de alforjes carregados com o que foi dito e o que não foi dito por livros e autores que se tornaram nossa herança, tornando-nos seus herdeiros diante de um presente que ameaça varrer o que guardamos dos mortos em nossas memórias. Mas também constitui aquele outro gesto em que algo se rompe para que os fios do passado possam continuar a fluir, em que algo se rompe para que os fios do passado possam continuar a fluir, em que o muro supostamente sólido das heranças se racha até deixar passar outras águas.

¹¹ Tradução própria: A persistência de certos legados, a continuidade de um elo que se constitui na cadeia de desdobramentos da tradição. Portanto, há um certo conservadorismo no ato de legar a outros um conhecimento que tem raízes e que não ressoa apenas com a natureza efêmera do presente.

¹² Tradução própria: A dureza do nosso tempo se manifesta justamente nesses colapsos e rupturas que distanciam gerações, bloqueando a possibilidade de diálogo e, portanto, de uma troca que se baseie no que vem de longe e no que os recém-chegados trazem. É como se um duplo fechamento afetasse nossa contemporaneidade: um que nos distancia, por um lado, do passado, transformando-o em peça de museu, e, por outro, a volatilidade do futuro em nome de um "aqui e agora"

Esta **intempérie dos tempos atuais**, esta distância que impede o diálogo entre gerações, gostaríamos de representá-la por meio de duas ameaças que obstaculizam a reciprocidade dos intercâmbios: o peso da burocracia e o medo. A **burocracia** no ofício docente que leva a um ensino de história *desalmado* pelo qual Forster se pergunta “Conservamos todavía el don de despertar la inquietud y el entusiasmo en las nuevas generaciones? O caeremos en ese gesto hipócrita de aquellos adultos que transfieren toda la responsabilidad de los males actuales a la supuesta desidia y desinterés de los jóvenes?... Cómo eludir la tentación de guardián de cosas muertas? Cómo sortear la banalización académica?” (Forster, 2007, p. 39)¹³. E o mesmo autor responde colocando novamente o assunto da intempérie ao dizer que “[...] difícilmente los jóvenes se entusiasmen con aquellos que se han vuelto burócratas del conocimiento... lo arduo sería seguir **tejiendo** seguir insistiendo en la transmisión incluso allí donde ‘falla’, haciendo arder lo que siguen guardando la palabras verdaderas”¹⁴. (Forster, 2007, p. 42).

Para isto é necessário propor encontros nas margens da complacência e da arrogância cega da burocracia do conhecimento que impossibilitam a coexistência e a criação de ocasiões e assuntos de atenção conjunta que estão na base de toda educação. A burocracia transfere a autoridade do encontro e do diálogo para os **protocolos e as plataformas** que sempre transmitem impotência ao mesmo tempo que exigem resultados desalmados. As “novas autoridades” educativas, os discursos e as propostas consideradas atuais e eficientes estão dominadas pela “promessa de transparência, certeza e segurança que mais uma vez, só é possível como uma operação de domínio, baseada na ilusão... do controle” (Garcés, 2023, p. 39). Mas estas propostas que buscam controlar tudo são também, e sobretudo, máquinas de produzir impotência perante a rede de interações e incertezas que tecem as relações e as experiências educativas.

¹³ Tradução própria: Ainda conservamos o dom de despertar o interesse e o entusiasmo nas novas gerações? Ou cairemos na hipocrisia daqueles adultos que transferem toda a responsabilidade pelos males de hoje para a suposta preguiça e desinteresse dos jovens? Como evitar a tentação de nos tornarmos guardiões de coisas mortas? Como evitar a banalização acadêmica?

¹⁴ Tradução própria: É pouco provável que os jovens se entusiasmem com aqueles que se tornaram burocratas do conhecimento... o difícil seria continuar a tecer, continuar a insistir na transmissão mesmo onde ela "falha", incendiando o que ainda contém as palavras verdadeiras.

¹⁵ Tradução própria: Esse medo, leva a desconfiança que cai num moralismo onde a conversa como gesto básico educativo fica paralisada e impossibilitada num “conglomerado repetitivo de leis, advertências, censuras, advertências e enfraquecimentos... o que se assume como transmissão é apenas a ordem da ordem, então caminhar no vazio só pode ser entendido como um movimento genuíno em busca de outras leis, outras conversas, outras ressonâncias, outras palavras para poder substituir.

O ensino de história, como tudo o que se relaciona com a educação, tem a ver com o nascimento, com o fato de que constantemente nascem seres humanos no mundo (Arendt, 2005, p. 243). Esta questão que parece banal é muito bem analisada por Jorge Larrosa num texto intitulado “O enigma da infância” onde coloca que a “educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem a chegada de aqueles que nascem. A educação é a forma que o mundo recebe aos que nascem” (Larrosa, 2017b, p. 234-235). E aqui gostaríamos de colocar o assunto do **medo** voltando a Arendt quando fala que o nascimento de cada ser humano é uma nova voz no mundo e isto causa terror nos que querem produzir e controlar o passado, o presente e o futuro. Utilizando como metáfora a imagem de Herodes, para simbolizar o poder de quem teme as mudanças, as incertezas e as aberturas do encontro com o novo: “tanto a pretensão de manter a continuidade quanto a pretensão de sua transformação radical” (Larrosa, 2017b, p. 238) e tem medo ao encontro entre gerações. Qualquer um dos rostos de Herodes, tanto no passado como no presente, tem medo, transmitem medo, geram medo e buscam sufocar: “O enigma ontológico do novo que vem ao mundo, ocultar a inquietação que todo nascimento produz, eliminar a incerteza de um porvir aberto e indefinido, submeter a alteridade da infância a lógica implacável de nosso mundo, converter as crianças numa projeção de nossos desejos, de nossas ideias e de nossos projetos” (Larrosa, 2017b, p. 239).

Esse medo, leva a desconfiança que cai num **moralismo** onde a conversação como gesto básico educativo fica paralisada e impossibilitada num

conglomerado repetitivo de leyes, amonestaciones, reproches, advertencias y debilitaciones... lo que asume como transmisión es apenas la orden del orden, entonces el caminar en el vacío sólo puede entenderse como un movimiento genuino en busca de otras leyes, otras conversaciones, otras resonancias, otras palabras para poder substituir” (Skliar, 2007, p. 72).¹⁵

Bloqueia a possibilidade de imaginar o risco de aprender juntos: “aprender uns com os outros e uns dos outros, a partir da consciência do que sabemos e do que não sabemos” (Garcés, 2023, p. 165). Porque no caminho contrário da burocratização, encontrar-se “não é fabricar nem planejar. É deixar-se encontrar e elaborar a partir daí o sentido de uma situação [...] Não molda objetos, mas sim vincula e liberta vidas em curso” (Garcés, 2023, p. 166). Na luta contra a burocracia e o medo, a convivência entre estranhos, o encontro entre aprendizes, o risco e a aventura sempre turbulentos de “estar/ser afectado y el afectar [...]” (Skliar, 2007, p. 73).

Sem protocolos que convertem ao outro em sujeito “à medida” para ser “fabricado”, o encontro entre gerações deve superar os medos de um “autêntico cara a cara com o enigma...enfrentar o outro e está disposto a perder o pé e a se deixar tombar e arrastar por

aquele que lhe vai ao encontro: o sujeito da experiência está disposto a se transformar numa direção desconhecida” (Larrosa, 2017b, p.245). Assim, o que muitas vezes é chamado de “crise educativa” que mediante um discurso de inovação tem levado a uma “amnésia planificada” (Skliar, 2007, p. 80) na nossa proposta a consideramos uma crise da “conversación, de la herencia, de la transmisión y de la experiencia como tal? (Skliar, 2007, p.79)¹⁶. Não se soluciona com mais burocracia e com mais medo, mas assumindo que “la educación no es una cuestión acerca del otro, ni sobre el otro, ni alrededor de su presencia, ni en el nombre del otro. La educación es, siempre, del otro” (Skliar, 2007, p.82)¹⁷. Em palavras de Jorge Larrosa:

Talvez a pior tentação a que sucumbiu a Pedagogia tenha sido aquela que lhe oferecia ser a dona do futuro e a construtora do mundo. Porque, para fabricar o futuro e construir o mundo, a Pedagogia tinha de dominar primeiro tecnicamente (pelo saber e pelo poder) [...] Só na espera tranquila do que não sabemos e na acolhida serena do que não temos, podemos habitar na proximidade da presença enigmática da infância e podemos nos deixar transformar pela verdade que cada nascimento traz consigo (Larrosa, 2017b, p.245)

O desafio que supera medos e protocolos desalmados consiste então em iniciar uma conversa, colocar em cima da mesa coisas que se transformam em maravilhas, em matérias de estudo para cuidar e para prestar atenção, algo interessante por si mesmo apresentado de forma pública. Relaciona-se assim com a operação de **profanar**, no sentido que lhe outorga Agamben (2005, p 59), ou seja, aquilo “que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens”, no qual tudo deve perder sua aura de intocável, de sacralidade. Atribuindo uma perspectiva educacional à esta noção de profanação, os filósofos belgas Jan Masschelein e Maarten Simons (2018) afirmam que profanar é “colocar algo sobre a mesa” como um objeto de estudo, transformando algo em matéria de estudo, que exige “nossa atenção, que nos convida a explorá-lo e engajá-lo, independentemente de como ele possa ser colocado em uso” (Masschelein e Simons, 2018, p. 42), além disso, também o afasta do seu uso habitual, não mais sagrado ou ocupado por um significativo específico, e, portanto, “algo no mundo que é, ao mesmo tempo, acessível a todos e sujeito à (re)apropriação de significado. É algo, nesse sentido geral (não religioso), que foi corrompido ou expropriado: em outras palavras, algo que se tornou público” (Masschelein e Simons, 2018, p. 39).

¹⁶ Tradução própria: conversação, herança, transmissão e experiência como tal.

¹⁷ Tradução própria: A educação não é uma questão sobre o outro, nem sobre o outro, nem em torno da sua presença, nem em nome do outro. A educação é sempre sobre o outro.

1.1. Formas de conversar: a aliança dos aprendizes

[...] seguimos arrojando botellas al mar buscando afanosamente los lectores de nuestras escrituras y los escuchas de nuestras palabras. Estamos, a su vez, dispuestos a dejarnos interpelar por esos otros a los que nos dirigimos?” (Forster, 2007, p. 41)

Inspirados mais uma vez nas propostas de Marina Garcés (2019; 2023) as perguntas que guiaram nosso trabalho para pensar o ensino de história como um encontro entre gerações são duas: *como gostaria de ser educado?* e *faz comigo?* O **como** neste caso não faz referência a uma questão de procedimento nem unicamente a uma possível resposta unilateral desde a perspectiva dos educadores nem dos estudantes, mas “implica abandonar a superioridade do planejador e do legislador, mas também sair da condição supostamente passiva, dirigida e até mesmo clientelista em relação à educação e aos nossos aprendizados” (Garcés, 2023, p. 26). A segunda pergunta (“faz comigo?”) pretende complementar a perspectiva de um ensino de história pensado como uma atividade recíproca, **uma escola de aprendizes**, entre iguais e entre estranhos onde o peso é “aprender a não saber” (Garcés, 2023, p. 126): “com base na aliança daqueles que dependem uns dos outros (estudantes e professores, menores e tutores, gerações diversas etc.) podemos compreender as opressões que nos atravessam e trabalhar para transformá-las” (Garcés, 2023, p. 126). A escola de aprendizes é um encontro (não uma utopia no futuro) entre estranhos que se colocam na condição de aprendizes e possuem entre eles apreço mútuo: “é uma forma de modificar a experiência do espaço e do tempo presentes, assim como de transformar os modos de prestarmos atenção a nós” (Garcés, 2023, p. 174). Aí que reside o apreço mútuo, na ideia de que “aprendo com você, se você aprender comigo”, “o pacto implícito da aliança dos aprendizes, não define os parâmetros de uma igualdade formal, mas sim a cumplicidade real entre aqueles que sabem não saber e que, por tanto, podem assumir juntos o risco de aprender” (Garcés, 2023, p. 176).

O papel do professor seria nesta perspectiva inscrever os conhecimentos disponíveis num tempo vivido entre gerações e formas de vida em transformação, “oferecer olhares que conectem o tempo dos vivos com o dos que existiram antes e com o dos que estão a caminho, de tal maneira que possam pensar-se uns aos outros, uns dos outros. Esse é o sentido mais profundo e mais necessário do que denominamos o risco de aprender juntos” (Garcés, 2023, p. 187). Como falamos no início desta seção, um convite educativo é antes que tudo um convite a pensar além do que seríamos capazes de pensar sozinhos tendo como base a hospitalidade. E este pensar com outros é também um conflito entre mundos, onde o **perspectivismo** não é a

vulgata de uma operação salomônica de que cada um olha o mundo desde seu lugar, mas a exigência de ter de situar o próprio ponto de vista entre outros, ou seja, ali onde se cruza e se compõe com outros não gera uma unidade, mas sim um campo de tensões plural e antagônico ao mesmo tempo. Por isso a proposta do encontro entre gerações é conversar, tentar superar uma língua acadêmica e burocrática (da história acadêmica e também da pedagógica acadêmica e burocrática) que levam como marca constitutiva ser uma língua que não conversa

[...] a maioria das vezes tenho a impressão de que aí funciona uma espécie de língua de ninguém, uma língua neutra e neutralizada da qual se apagou qualquer marca subjetiva. Então o que me acontece é que me dá vontade de levantar a mão e de perguntar há alguém aí? Além disso, sinto também que essa língua não se dirige a ninguém, que constrói um leitor ou um ouvinte totalmente abstrato e impessoal” (Larrosa, 2017a, p. 59).

Por isso, a proposta das cartas e dos encontros como forma de resistência contra um presente que

profundiza el distanciamiento intergeneracional, que bloquea las posibilidades de donación y de escucha, que perfila con rasgos cada vez más nítidos la vocación por reducir a peso muerto aquello que proviene de saberes inútiles, a destiempo y muchas veces intraducibles a los nuevos lenguajes de las generaciones más jóvenes (Forster, 2007, p. 35).¹⁸

A conversação, e também a conversação por meio de cartas, requer da presença como combustível que gera a faísca onde o que importa não é o que está diante de nós, nem em nós, mas o que está *entre nós* e a sala de aula deveria ser o lugar que permita e impulsione a fazer perguntas e a pensar perante outros e junto com outros. Claro que na sala de aula, muitas vezes a relação neutra e impessoal dos imperativos tecnocráticos do sistema e do *arquitecto* com seus rígidos planejamentos de gestão resultam vitoriosos e transformam ao professor em um funcionário distante das relações de diálogo eliminando a conversação que sempre está aberta a inventar, a estranhar e a arriscar-se. Mas a *scholè* propõe que escola seja o lugar onde se ofereça o tempo e espaço que abram a possibilidade para acontecer o encontro na confiança e na expectativa.

¹⁸Tradução própria: Aprofunda a distância intergeracional, que bloqueia as possibilidades de doação e de escuta, que delinea com traços cada vez mais claros a vocação de reduzir a peso morto aquilo que provém de um conhecimento inútil, fora de tempo e muitas vezes intraduzível para as novas linguagens das gerações mais jovens.

Como expressamos anteriormente, queremos olhar para a escola e para a educação em geral desde lugares distintos dos dominantes baseados na ficção de *tecnopromessas* que dominam tudo e pretendem fabricar pessoas. Na contramão, na escola de aprendizes “nunca há um primeiro dia, mas sempre um dia seguinte” (Garcés, 2023, p. 164) em que se assume juntos o risco de aprender um com os outros. Encontrar-se é o contrário de planejar e de fabricar, nem é simplesmente juntar-se

a escola de aprendizes não pretende restaurar a segurança do tempo de promessa, que projeta o sentido do esforço de hoje no prêmio de amanhã. A educação não é uma agência de seguros onde cada estudante poderia calcular sua carteira de riscos e de oportunidades. É um convite a compreender o presente para poder imaginar o futuro. O convite a tornar próximo o estranho: e estranho, o próximo. O futuro nada mais é que um presente bem imaginado. E a educação, o ofício e o compromisso de aprender a fazê-lo sem se envergonhar (Garcés, 2023, p. 204).

Tanto as plataformas fechadas quanto um planejamento burocrático geram um tipo de relações

“homofílicas” onde as pessoas vão do mesmo para o mesmo e onde *o escolar* não cumpre suas operações de “outro espaço” para poder “merodear por lo ajeno, extraviarse, alejarse, irse lejos y volver para producir una re-flexión sobre lo propio. [...] que ayude a animarse a ese merodeo por lo ajeno, por lo de otros y lo de todos, para volver a pensarse a sí mismo con otras herramientas (Garcés, 2023, p. 204)¹⁹.

Ou seja, se o espaço escolar com sua heterotopia e com suas operações instaura hierarquias, ao mesmo tempo, subverte outras (as da família, por exemplo) abrindo-se para o outro. Porque na escola acontecem coisas que não acontecem nas telas nem nas casas e o interessante é que a sala de aula por ser um lugar público pode resultar familiar e estranho ao mesmo tempo. Na realidade é um lugar estranho que se torna familiar, mas que gera outros estranhamentos perante o mundo e outros comprometimentos com o comum ou em palavras de Hannah Arendt:

¹⁹Tradução própria: “homofílico” onde as pessoas vão, elas mesmas para o mesmo lugar e onde o aluno não cumpre suas operações de “outro espaço” para poder “ficar no que é dos outros, se perder, se afastar, ir para longe e voltar para produzir uma re-flexão sobre si mesmo. [...] que ajuda a incentivar esse ficar no que é dos outros, que é dos outros e que é de todos, para se repensar com outras ferramentas.

A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum (Arendt, 2005, p. 247).

Para Arendt (2005) a diferença entre o domínio privado e o público significou desde o surgimento das cidades-estados gregas a aparição de uma “segunda vida” que vai além do que lhe é próprio a cada um (*idion*) e existe naquilo que é comum (*koinon*). Essa “segunda vida” que se realiza no domínio público para Arendt (2005) possui dois significados: em primeiro lugar é tudo aquilo que “pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (Arendt, 2019, p. 61), em segundo lugar, significa o próprio mundo em contraposição aos lugares privados que possuímos nele:

conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que o possuem em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor: pois, como todo espaço-entre, o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si (Arendt, 2019, p. 64).

Por isso, a “forma escolar” não está destinada somente ao aprender, mas seria a principal forma de iniciar aos que chegam ao mundo em comum e em “aceitar a responsabilidade pelo mundo, mesmo que estejamos insatisfeitos com ele no momento presente” (Penna; Silva, 2016, p. 201). Esta grandeza, talvez, era a que destacava o senhor que falava no rádio enquanto Marina Garcés andava na solidão da estrada: “onde existe uma hierarquia com relação às diferentes gerações e as pessoas estão preocupadas com as suas necessidades individuais” (Penna; Silva, 2016, p 203). Novamente, segundo Arendt (2019, p. 49-50):

Um fator decisivo é que a sociedade, em todos seus níveis, exclui a possibilidade de ação, que outrora era excluída do lar doméstico. Ao invés da ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a ‘normalizar’ os seus variados membros, a fazê-los comportarem-se.

Desde a sala de aula: nem a velha, nem a nova, nem a tradicional, nem a inovadora, nem a antiga a nem adaptada, nem a eficiente ou a ineficiente, mas, o lugar diferente de outros lugares: com algo de sistema de arquitetura e algo das relações de hospitalidade, generosa, pública, que subverte papéis, da atenção, da suspensão e da profanação. Para isto é pertinente não pensar principalmente o “como” sendo questões metodológicas, mas também maneiras: “[...] es fundamental el clima, la atmósfera, la calidad de la relación entre unos y otros, calidad

que no viene dada fundamentalmente por lo que se dice o se hace, sino por cómo se dice y cómo se hace, es decir, por el tacto y por el tono”²⁰ (Barcena; Larrosa; Melich, 2006, p. 254). E também em resistências contra a categorização, a burocratização e o medo ao encontro dando espaço à **educere, ou seja, sair para além do conhecido e encontrar-se com o estranho e diferente**

donde no todo puede planificarse ni programarse. Se trata de un viaje en el que se hace una experiencia, la de una confrontación con lo extraño, la que consiste, también, en escapar de las identidades fijas e inmutables, desligarse, en fin, de los lazos... el viaje pues como experiencia, como salida que nos confronta con lo extraño y como posibilidad de un nuevo comienzo (Barcena; Larrosa; Melich, 2006, p. 237)²¹.

Para finalizar este ponto, gostaríamos destacar que num encontro entre gerações pensado desde a educação e desde o ensino de história a responsabilidade principal no vínculo permanece do lado do mundo adulto “porque la transmisión es una responsabilidad que asumimos con el pasado, es lo que de la memoria persiste en la actualidad y que desnuda, muchas veces, nuestras carencias y nuestros olvidos” (Forster, 2007, p. 35)²².

Nesse sentido, para que não aconteça o esquecimento entre o passado e o futuro, o ato de narrar histórias é um exercício do pensamento que proporciona a possibilidade da representação dos acontecimentos vivenciados pelas gerações anteriores, por meio da memória de quem se conta, reconstruindo a imaginação, fortalecendo a compreensão em um mundo comum, em que as gerações se comunicam aprendendo sobre as realizações humanas. O ato de comunicação por meio da escrita também é sólida e sempre esteve presente entre as gerações. Para Arendt (2005, p. 32):

O ponto em questão é que o “acabamento” que de fato todo acontecimento vivido precisa ter nas mentes dos que deverão depois contar a história e transmitir seu significado deles se esquivou, e sem este acabamento pensado após o ato e sem a articulação realizada pela memória, simplesmente não sobrou nenhuma história que pudesse ser contada.

²⁰Tradução própria: O clima, a atmosfera, a qualidade do relacionamento entre si é fundamental, uma qualidade que não é determinada fundamentalmente pelo que é dito ou feito, mas por como é dito e como é feito, ou seja, pelo toque e pelo tom.

²¹Tradução própria: Onde nem tudo pode ser planejado ou programado. É uma jornada na qual se vive uma experiência, a de um confronto com o estranho, que consiste também em escapar de identidades fixas e imutáveis, libertando-se, em suma, de amarras... a jornada, então, como experiência, como fuga que nos confronta com o estranho e como possibilidade de um novo começo.

²²Tradução própria: Porque la transmisión es una responsabilidad que asumimos con el pasado, es lo que de la memoria persiste en la actualidad y que desnuda, muchas veces, nuestras carencias y nuestros olvidos.

Para tanto, na próxima seção abordamos sobre a transmissão da história contada por meio da escrita de cartas, qual possui papel significativo para articular a interação e comunicação entre as gerações por meio de uma escrita não fabricada, mas sim que une o aprender juntos.

CAPÍTULO 2: AS CARTAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem (Queiróz, 1902).

Carta é uma coisa sagrada. Só o destinatário pode abri-la (Lobato, 1956).

Quando se fala em cartas automaticamente associamos-as à escrita. A história da escrita é um marco na comunicação entre os seres humanos, por meio dela podemos saber de fatos históricos e acontecimentos do passado. A escrita e sua evolução em códigos diante cada região mundial oportunizou o desenvolvimento da educação, que até os dias atuais a utiliza para que haja aprendizado pelos alunos. Explorar a escrita e a leitura de fontes históricas é considerável para que se compreenda o valor da conservação de acervos antigos, pois eles são fundamentais para o ensino de história. Com o avanço da escrita, a utilização dela para escrever cartas se fez presente nas sociedades como meio de comunicação eficaz.

Rolf Nagel (1989), conceitua tais meios de comunicação.

Carta: 1 - Carta mensagem escrita endereçada a uma pessoa pública ou privada em envelope por via Postal. 2 - Credencial conferindo poderes ou concedendo determinados privilégios. Correspondência: Toda forma de comunicação escrita, expedida (ativa) ou recebida (passiva) por pessoas físicas ou jurídicas, sob várias formas (ofício, circular, memorando, telegrama, cartas, cartões-postais, bilhetes, notas, telegramas e outros), podemos ser oficial ou particular, ostensiva ou sigilosa (Nagel, 1989, p.60).

Ao longo do tempo a escrita de cartas foram se tornando algo comum, intensificando-se cada vez mais. De acordo com Teresa Malatian:

A partir do século XVIII, as cartas adquiriram papel cada vez mais relevante para a expressão de sentimentos, emoções e experiências. O hábito da correspondência tornou-se mais difundido, alcançou diversas camadas sociais e constituiu-se em prática cultural bastante apreciada tanto na Europa como na América (Malatian, 2009, p.196).

Salomon (2010) em seu livro “Arquivologia das correspondências” trata da utilização das cartas para construção histórica, sendo elas fontes de expressões literárias de um objeto que é historicamente construído. Além disso, o autor destaca que a prática de escrita de cartas no Brasil intensificou-se a partir de 1.850 quando imigrantes em território brasileiro precisaram se

comunicar de uma forma rápida com aqueles que estavam em seus territórios de origem. Salomon (2010), se dedicou a ler cartas dos imigrantes e governadores do século XVIII afim de analisar as informações culturais, políticas e sociais contidas nas fontes.

Nesse sentido, as cartas trazem consigo um momento histórico vivido, e por meio de cada singularidade escrita evidenciam-se fatos do passado sob o olhar de quem escreveu, configuram-se em histórias tecidas por personagem de determinados momentos históricos. Cartas são datadas, logo, os personagem deixam suas marcas de leitura de mundo, delimitam lugares, culturas e a história dos sujeitos em seus contextos particulares, ou seja, interação entre sujeitos sociais, concretizada no objeto das cartas.

A escrita de cartas percorre historicamente mudanças em suas formas de escrita, conteúdos, formas de envio e objetivos. Uma carta escrita em tempos atuais não são discorridas nos mesmos moldes e formatos das escritas no passado, com regras e padrões de fala coloquiais distintas. O dialeto mudou, as regras de padrões do uso da língua para se dirigir ao destinatário também. Essa mudança tem relação com o avanço da modernização dos meios de comunicação, e ai a importância dos estudos sobre a escrita epistolar.

Segundo Heleno (2023, p.116):

A constatação das décadas finais do século XX e do início do século XXI é que as cartas não são mais frequentes. Com o surgimento do telefone e posteriormente, com a presença cada vez mais constante da internet, os meios de comunicação se modificaram drasticamente, havendo um abandono progressivo do uso da correspondência. A comunicação instantânea através do telefone e, principalmente, através do e-mail e dos novos programas de comunicação difere, em muito, da comunicação realizada através do envio de uma carta. Essa conta(va) com as incertezas do percurso, com a expectativa do recebimento por parte do destinatário, com a espera pela compreensão e pela resposta vinda desse interlocutor; além disso, a carta pode (podia) ter um tema único ou possibilitar a inclusão de mais de um assunto em seu conteúdo, tornando-se, às vezes, breve, às vezes longa, dependendo da situação comunicada, da distância e da frequência da troca epistolar.

Com a escrita de cartas, o autor se revela pelo que se pretende escrever, e para tal se leva tempo em pensar e colocar na escrita o que se quer que o outro leia, é algo que leva tempo, é a letra de quem escreve envolta a sentimentos e conteúdos que só ele e quem irá receber manterá. Enquanto se escreve acontecem pausas, a pausa do tempo que me coloco a escrever, e desde a escolha do papel ao conteúdo que quero expressar, o revelar de meu eu ao outro, a pausa de esperar a resposta, a pausa de não saber quanto tempo irei ter o retorno de minhas cartas enviadas, a pausa do ler, a pausa da intimidade estabelecida pelo escrever, a pausa do guardar e a pausa do eterno recordar. A carta sempre foi muito além do escrever. A escrita epistolar sempre revelou-se em experiências duradouras. As expressões de escrita evidenciavam

lamentos, pensamentos, poesia, música, sentimentos, assuntos políticos e filosóficos, e durante a Renascença²³, se expressou de grande valia para disseminação social, ou seja, uma agente de ligação entre grupos.

A carta, na Renascença, foi antes de tudo o vetor de uma sociabilidade sábia e acadêmica: o exemplo mais notório é a rede epistolar constituída no entorno de Erasmo com os grandes desse mundo, detentores do poder político e religioso e com os humanistas disseminados por toda a Europa, onde a correspondência faz ofício “de encruzilhada de informações, de reflexões, de argumentações em escala europeia”. A carta, no século XVII, torna-se o instrumento de uma sociabilidade cosmopolita e ela será, por muito tempo, estranha a toda ideia de sentimentalismo e de intimidade (Simonet-Tenant, 2009, p. 28-29).

Logo, cabe questionar, se com o avanço da comunicação rápida não estamos perdendo a herança da escrita duradoura epistar? Para Diaz (2002), a escrita epistolar é como “espelho da alma” pois revela a intimidade humana, seus suspiros e suspenses, e a autobiografia revelada em palavras. É um gênero textual que transita e flutua entre as mais diversas categorias, seja literária, política, de fontes, da geografia, da história, da poesia, dos arquivos, documentos, testemunhos, dentre outros.

Ainda segundo Diaz (2002), a carta é uma forma de todo fazer e todo o pensar, pois proporciona a escrita livre, a escrita de si, sem regras pré-estabelecidas rígidas a seguir, deixando de lado o controle e prescrições, representando a liberdade do autor em expressar seus pensamentos de forma autêntica. Ainda de acordo com a autora, essa liberdade e escrita autobiográfica se revelou atrativa a leitura a partir do século XX, dado que a curiosidade em ler sobre a vida do outro e os acontecimentos de vida em forma ficcional despertou interesse dos leitores. A reunião de cartas que possuem memórias e a escrita íntima e suas edições levaram a grande popularização da leitura de livros pelas expressões de escritas reveladoras de autoretratos dos mais variados.

²³ Movimento intelectual, artístico e científico que surgiu na Itália entre os séculos XIV e XVI, e se espalhou pela Europa, marcando a transição da Idade Média para a Idade Moderna. Caracterizou-se pela redescoberta da cultura clássica greco-romana, o surgimento do antropocentrismo (o homem como centro do universo, em oposição ao teocentrismo medieval) e um forte impulso para a razão, o empirismo e a experimentação (SEVCENKO, 1984).

Victor-Hugo íntimo: memórias, correspondências, documentos inéditos por Alfred Asseline (1885), *Charles Baudelaire. Obras póstumas e correspondências inéditas, precedidas de um estudo biográfico*, por Eugène Crépet (1887), *Lembranças e correspondências* de Madame Octave Feuillet (1886), *H. Taine, sua vida e sua correspondência (1904-1907)*, *Correspondência: cartas da juventude (1907)* e *Correspondência: as cartas e as artes (1908)* de Zola, *Baudelaire íntimo: o poeta virgem: testemunho, documentos, notas, anedotas, correspondências, autobiografias e desenhos* por Nadar (1911), *Correspondência e fragmentos inéditos* de Fromentin (1912) (Simonet-Tenant, 2009, p.101-102, itálicos do autor).

Desse modo, entendemos que a carta tem em seu histórico diversas significações e todas propensas ao pensar, ao produzir conhecimento, ao entender o passado por meio do que se deixou pela escrita epistolar. Segundo Neves (1988, p.191), a carta é “algo de pessoal, ou, antes, interpessoal, porque, de fato, ela supõe a existência de um outro – o destinatário”. Ou seja, ela não se encerra com a despedida, supõe-se que o ciclo seja interminável entre ir e vir do diálogo estabelecido.

No que tange ao diálogo, há que se perceber a diferença e a falta dele nos dias atuais pelas novas gerações. Diálogo este, que ao longo dos séculos transformou-se drasticamente. A escrita epistolar cada vez mais escassa e sem sentido, diante das tecnologias que aproximaram o remetente e o destinatário, que frente à imagem instantânea, vê reações, tem respostas rápidas, não havendo mais o tempo de espera, a distância e a ausência do outro. A ansiedade pela resposta acaba, a dinâmica estabelecida de espera das cartas, agora dá lugar ao silêncio, silêncio do falar rápido, de terminar o assunto, e de não se ter mais as mesmas indagações que se tinham quando se liam cartas, e então acontece o contrário daquele silêncio, que era o silêncio da espera, e era nessa espera que surgiam pensamentos, questionamentos e ansiedades envoltas pelo aguardar da resposta.

Consoante Heleno (2022, p.122):

Essa forma de comunicar-se com o interlocutor ausente, em que se questiona o outro distante, bem como a si mesmo, em que se discutem temas amplos ligados ao mundo, à vida, à literatura, à política, ou simplesmente, em que se apresentam relatos da rotina cotidiana, está desaparecendo. [...] Modifica-se, desse modo, a própria sensação de tempo e de espaço. A rapidez das novas tecnologias proporciona uma comunicação instantânea. A voz do outro através do telefone modifica totalmente a relação que antes era estabelecida pelo movimento de ida e vinda das cartas. A escrita, nesse caso, exigia uma certa habilidade para que o destinatário compreendesse as intenções e os sentimentos do remetente.

A fala rápida também substitui a escrita, uma carta que antes era extensa, devido a tantas palavras escritas para descrever um diálogo, trazia em contrapartida a demora em lê-la, e consigo palavras e sentimentos fortes até o seu término. Já a imagem projetada instantaneamente reproduz as palavras em tempo real, o diálogo rapidamente acaba. Aos poucos

ficamos frente a uma calamidade de relações sociais e de experiências humanas advindas pelo diálogo, e aí surge um novo silêncio, mas não igual aquele marcado pela espera das cartas.

Nos séculos das correspondências o silêncio não representava o medo. O silêncio estava ligado ao tempo, à distância daquele que estava ausente. Era parte do processo de comunicação por cartas. Por isso, pode-se concluir que, assim como o tempo, o silêncio também era a poesia das correspondências, era o momento de reflexão, de encontro com os sentimentos e sensações que marcavam a espera (Heleno, 2022, p.124).

Nesse sentido, que defendo a escrita de cartas no ambiente escolar, para que o aluno tenha a experiência do que em um momento histórico se fez real de forma intensa, que a escrita seja fonte pedagógica que estimule a pausa, o silêncio, mas que esse silêncio não seja de ausência de fala, ausência de diálogo, e sim de espera curiosa para ler a carta que o outro me escreve. Vivenciar a espera ansiosa que desperta o interesse por ser autor e receptor epistolar.

Ao receber uma carta, o destinatário não sabe as palavras contidas em seu interior, ao passo que se lê, a curiosidade em saber o conteúdo da carta é sanado, bem como o processo de escrita se dá novamente pelo receptor qual escreverá para seu destinatário que também é receptor. Nesse movimento de ler e escrever, a carta se coloca para o ambiente escolar como uma forte aliada de ensino aprendizagem, pois instiga a leitura e a escrita e ao mesmo tempo fortalece o laço da reflexão, curiosidade e escrita autônoma pelos alunos, portanto “Ler uma carta é entrar em uma história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes nem o que chegará depois, o que disse antes, nem o que dirá depois.” (Dauphin e Pouban ,2002, p.76)

Nesse viés, a BNCC (Brasil, 2018, p.397-398), destaca que “O exercício do “fazer história”, de indagar, é marcado, inicialmente, pela constituição de um sujeito. Em seguida, amplia-se para o conhecimento de um “outro”, às vezes semelhante, muitas vezes diferente”. Já no que tange o ensino de história nas escolas de ensino fundamental, séries finais, o ensino é orientado pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que direciona os conteúdos de formação básica comum a todos os alunos, tratando por objetivo:

[...] um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania. A busca de autonomia também exige reconhecimento das bases da epistemologia da História, a saber: a natureza compartilhada do sujeito e do objeto de conhecimento, o conceito de tempo histórico em seus diferentes ritmos e durações, a concepção de documento como suporte das relações sociais, as várias linguagens por meio das quais

o ser humano se apropria do mundo. Enfim, percepções capazes de responder aos desafios da prática historiadora presente dentro e fora da sala de aula (Brasil, 2018, p. 400).

Além disso, se volta à necessidade de os alunos tecerem saberes produzidos pela capacidade de comunicação, diálogo, respeito à pluralidade cultural, social e política, compreendendo a relevância de utilizar de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais e imateriais) para facilitar o processo de ensino aprendizagem a respeito da história, a partir das experiências humanas no tempo e espaço por meio das relações sociais.

Dessa forma, o trabalho escolar por meio de escrita de cartas busca aliar o objeto ao conhecimento, fortalecendo vínculos entre destinatário e remetente, os saberes históricos por meio das cartas produzidas, que de forma autônoma motiva a escrita, está qual, se dá a partir do que se leu, fazendo interrelações históricas pela comunicação social, revelando meu eu no mundo, partilhando das experiências vividas ao outro, afim de que o ensino de história tenha significado.

A correspondência pessoal, assim como outras formas de escrita de si, expande-se *pari passu* ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a afirmação do valor do indivíduo e a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade. Tais códigos permitem uma espontaneidade das formas de expressão dos sentimentos como a amizade e amor; uma espécie de “intimização” da sociedade. A escrita de cartas expressa de forma emblemática tais características, com uma particularidade: elas são produzidas tendo, *a priori*, um destinatário. Assim, tal como outras práticas de escrita de si, a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto. Mas, diferentemente das demais, a correspondência tem um destinatário específico com quem se vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê — sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo. Escrever cartas é assim “dar-se a ver”, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente, o que permite um *tête-à-tête*, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial (Gomes, 2004, p.19)

A escrita do aluno é explorada à medida que ele se vê motivado a escrever algo que lhe vale a pena, pois é colocado como autor, deixa de ser expectador e ouvinte para ser produtor, alguém que é capaz e realiza algo não pela nota que pode receber, mas sim, porque esse processo de conhecimento lhe é considerável, além disso, não é singular, envolve o outro, o que se fala e escreve é para alguém ler, e esse escrever é livre, não mais direcionado ou monitorado pelo professor, o aluno escreve de forma espontânea, e é nesse movimento de motivação pedagógica que nascem as correspondências, e com ela acontece o ensino e a aprendizagem, momento que o aluno irá refletir sobre os acontecimentos do passado, sobre sua vida presente, quem é o outro, e que a partir de suas experiências e do diálogo se aprende.

Em tempos atuais a escola tem se deparado com a tecnologia sendo utilizada em massa, bem como se deparado com enfraquecimento da escrita e leitura por parte dos alunos, já que são substituíveis pela facilidade encontrada ao acesso dos conteúdos prontos na internet. Instigar os alunos a querer escreverem tem sido um desafio aos professores em tempos modernos.

A educação é vítima da modernidade líquida. O pensamento está sendo influenciado pela tecnologia. Há uma crise de atenção, por exemplo. Concentrar-se e se dedicar por um longo tempo é uma questão muito importante. [...] Isso se aplica aos jovens, em grande parte. Os professores reclamam porque eles não conseguem lidar com isso. Até mesmo um artigo que você peça para a próxima aula, os alunos não conseguem ler. Buscam citações, passagens e pedaços (Bauman, 2015, s/p).

Bauman (2001), em seu livro “Modernidade Líquida” revela a liquidez em tempos modernos, em que tudo é descartável, quando as dimensões do acesso à internet geram rapidez, o acesso proporciona o imediatismo, a falta de interação, interesse, paciência e dificuldade de concentração. A vida virtual, que proporciona eu estar dentro de um grupo qual me aproximo pelos ideais parecidos e ao mesmo tempo não conheço e nem tenho interações com quem está nesse grupo. O virtual tem aumentado a solidão, e é utilizado para entreter seus usuários, que podem a qualquer aspecto de não aceitação, por meio de um clique excluir usuários não compatíveis ou não mais fazer parte de um grupo, ou seja, proporciona estar inserido em grupos virtuais ao passo que se está em isolamento, afastando-se da realidade física, do contato humano, da aceitação das diferenças, do diálogo real, da interação com o outro. Na perspectiva de Bauman (2001) a fragilidade e transitoriedade dos laços pode ser um preço inevitável do direito de os indivíduos perseguirem seus objetivos individuais.

Além disso, o que antes era explorado pelas cartas, a escrita de si, a escrita entre um destinatário e um interlocutor tem se substituído pelas mensagens de *e-mail*, na qual posso enviar a mesma mensagem para vários destinatários diferentes, com o mesmo conteúdo, ao passo que a escrita é automaticamente corrigida pelos programas de computadores, ou seja, a tecnologia gera facilidade ao passo que não se exigem regras nem de estrutura de texto nem de ortografia, estimulando uma geração com dificuldades para escrever de forma autônoma e criativa.

Salvo exceções, não se escreve um romance, um conto, uma peça de teatro, uma antologia de ensaios para uma só pessoa que se conhece de perto ou de longe; em matéria de escrita de cartas ocorre precisamente o inverso. Essa interlocução direta é própria da carta. Também possível no correio eletrônico, mas ameaçado constantemente pela facilidade de enviar a muitos, aquilo que estava destinado a um

só [...]. Ora, a história da carta ensina: comunicar não tem o mesmo significado quando nos dirigimos a um e quando nos dirigimos a vários (Melançon, 2013, p. 42).

Nesse sentido, a escola enquanto lugar de interações sociais, tem aliado o ensino ao uso das tecnologias, porém o ambiente escolar não deve perder sua essência de convivência entre grupos, de diálogo entre professor e aluno, e de alunos e seus grupos sociais, permitindo o resgate de pensamento crítico, debate entre os pares e o processo de conhecimento a partir do saber ouvir, ler e produzir de forma autônoma, sem a necessidade de dependência da *internet* para busca imediata de soluções.

No processo de ensino-aprendizagem, a vivência individual do aluno constitui o centro da reflexão sobre a inserção social considerada em perspectiva temporal, histórica, orientada para as dimensões da vida cotidiana, a partir da qual se abrem perspectivas de maior alcance temporal e espacial de análise e compreensão da vida em sociedade. Da abordagem dos grupos mais íntimos de convívio, o processo de reconhecimento de pertença e identidade se amplia para outros tempos e espaços, dos quais o aluno participa direta ou indiretamente, ou aos quais tem acesso por meio de narrativas biográficas. Ou seja, trata-se do estudo da criança em um enfoque autobiográfico abrangente e articulado aos grupos com os quais ela convive (Malatian, 2009, p. 63).

Outra perspectiva tratada por Bauman (2001), é que os sujeitos na era moderna com o uso da *internet* e aparelhos celulares não mais guardam objetos concretos, as fotos por exemplo não são mais manuseadas e guardadas num álbum manual, algo que se pega, se toca e tem valor sentimental, hoje tudo se guarda em albuns *online* que são visualizados em *status*, ou seja, publicações temporárias em redes sociais que duram 24 horas, e no mais, tais lembranças ficam salvas e raramente são retornadas à apreciação, bem como a apreciação do real, que tem se tornado escassa diante os usos de filtros, que são ferramentas digitais que têm por objetivo alterar a aparência de uma imagem aplicando efeitos de cor, iluminação, nitidez, etc, que são utilizados para fins estéticos, como fantasiar uma realidade e ou embelezar de forma não real fotos, e todos possíveis por meio de aplicativos da internet.

Conforme Bauman (2001, p.177), “essas pessoas são, como a maioria antes delas, dominadas e “remotamente controladas”, mas são dominadas e controladas de uma maneira nova. A liderança foi substituída pelo espetáculo [...]”. Dessa forma, os laços humanos se tornam supérfluos, tempos notáveis de que cada vez mais pessoas juntas em um ambiente social e cada uma delas com seus aparelhos celulares sem trocar nenhuma palavra, ou até mesmo sem notar o outro que ali também se encontra presente. A distração moderna que tem unido virtualmente e afastado presencialmente os vínculos humanos, levando a procrastinação, que de acordo com Bauman (2001), é manipular as possibilidades da presença de uma coisa, deixando,

atrasando e adiando seu estar presente, mantendo-a à distância e transferindo sua imediatez. Tal procrastinação tem sido observada nas escolas. Os alunos cada um com seus aparelhos celulares, não trocam mais palavras entre si nos momentos livres de atividade, como nos intervalos e saídas das aulas.

Em 2025, a Lei Federal 15.100 (Brasil, 2025), com o objetivo de mitigar os impactos negativos do uso excessivo do celular pelos alunos em sala de aula, proíbe o uso do aparelho, afim de reduzir a distração dos alunos e melhorar a interação social. Conforme o Ministério da Educação (Brasil, 2025), a prática foi vista como necessária diante a dificuldade de os alunos se manterem atentos às aulas, e utilizando os aparelhos de forma irregular.

Ou seja, a interação social é necessária, a partir dela que se aprende. E levando em consideração essa necessidade, que se fez real nosso projeto de ensino de história por meio da escrita de cartas. As cartas permitem a interação social com o outro, pois ali se criam laços humanos, comunicação real e afetiva. Por meio das cartas o aluno entende o valor de algo concreto, que se quer e pode guardar, objeto este que se torna lembrança boa de um momento histórico. Sendo assim, os personagens dessa viagem educacional não poderiam ser melhores, e com vistas ao que cada um pode marcar historicamente no outro, temos certeza que a prática educacional por meio da escrita de cartas é capaz de resgatar vínculos sociais, dissolver a procrastinação educacional, levando a despertar o interesse pela reflexão crítica entre as diferentes gerações.

2.1. Cartas e intercâmbio

No âmbito escolar em tempos atuais motivar ao aluno para produzir seus próprios textos tem sido cada vez mais difícil, porém a escrita de autobiografias tem se mostrado de grande interesse dos leitores. A escrita de si, segundo Gomes (2004, p. 08) seja no campo da literatura ou no campo da história da educação, a escrita de cartas são fontes de escrita que desperta relevância, pois as “Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia.”

A escrita de cartas proporciona ao aluno a escrita de si, sua autobiografia, ser autor de suas próprias palavras e correspondências, e nesse movimento educativo ele sai do engessamento diário de realizar atividades prontas para ser autor de sua própria escrita, deixando de ser reproduzidor do que lhe chega já idealizado a se fazer sob os comandos do

professor, despertando para si o interesse em ser capaz de produzir seus textos de forma livre, sendo autônomo em sua própria autoria, nascendo assim as correspondências.

Correspondências sempre são carregadas de muito valor, tanto para quem escreve, quanto para quem as recebeu. Esse valor significativo dos conteúdos escritos são tratados em diversas cartas analisadas ao longo do tempo. Paulo Freire é exemplo disso, com obras como: *Cartas a Guiné-Bissau* (1977); *Cartas aos animadores e às animadoras culturais de São Tomé do Príncipe* (1980); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993); *Cartas a Cristina* (1994); e *Pedagogia da indignação* (2000). Apaixonado pela escrita de cartas, tem acumulada diversas obras a respeito.

É um gênero literário que conquista corações.

As cartas, como destacam historiadores da comunicação, são a mãe de todos os gêneros textuais. Há registros que garantem que elas começaram a circular há mais de quatro mil anos antes da Era Cristã. Na Bíblia, o Novo Testamento tem 21 livros escritos nesse formato. As comunidades cristãs foram animadas pelas cartas de Paulo, Pedro, Timóteo, Judas, João e Tiago. A história das diferentes sociedades tem nas missivas, como também são chamadas, um território significativo de fontes. Há quem afirme que o desenvolvimento da Ciência moderna se deve, em grande medida, à troca de correspondências entre os chamados filósofos naturais sobre seus estudos e o resultado de seus experimentos em diferentes partes do mundo. Os primeiros periódicos científicos editados entre os séculos XVII e XVIII, na Europa, publicavam notas e cartas (Sousa, 2021, p.15-16).

Logo, as cartas são um gênero textual educativo, que desperta interesse e que continua atual, oportuniza a prática da escrita de forma autoral e livre, um trabalho criador, de personalidade própria, o que está escrito nela tem significado, sendo que me dou as honras de entregar em mãos o que pelas mãos foram colocadas no envelope. As cartas são utensílios de trabalho para que o professor explore por meio delas a criatividade dos alunos, afim de que criem e escrevam algo inédito.

Consoante Gomes (2004), escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula, além de ser um veículo fundamental de comunicação entre a escola, as famílias e os alunos. Dessa forma, o aspecto pedagógico da escrita de cartas é utilizada a fim de se adequar as necessidades de aprendizagem dos alunos.

Para tanto, Freinet (1974), com uma trajetória de atuação em sala de aula enquanto professor primário, trabalhou a partir de uma proposta pedagógica que buscava inserir o aluno em um ambiente escolar no qual ele gostasse para produzir e estar num meio social que o proporcionava pensar criticamente, como cidadão consciente. Freinet (1974), se importou em

buscar caminhos que alcançasse a todos, que viesse a satisfazer todas crianças, tendo um olhar sem distinções, valorizando suas diferenças, numa perspectiva inclusiva.

Freinet (1974) gostava de fazer registros sobre o que acontecia na escola e na vida dos alunos, e para isso realizava aulas-passeio em que juntos poderiam entrar em contato com o mundo exterior ao da escola, trocar experiências com o povoado, e a partir daí produzir material pedagógico com os estudantes, no caso, as correspondências interescolares e os jornais impressos, ambos para ele era uma prática pedagógica que aliava o conhecimento às mais diversas formas possíveis de aprendizado pelos alunos.

[...] Freinet desenvolveu diversas práticas de ensino com o objetivo de trazer a vida para dentro da sala de aula e tornar o ensino mais interessante e conectado com a realidade dos alunos. Na Pedagogia Freinet, através da sua proposta curricular e didática de trabalho, a relação teoria-prática se torna muito estreita, pois a criança aprende a teoria através da prática, partindo de uma necessidade sua. Aprende a escrever porque precisa se comunicar, bem como aprende a compartilhar e a colaborar a partir do desejo de construir e fazer parte do grupo. Isso é que resulta em uma aprendizagem significativa, a junção entre a necessidade da criança e uma finalidade concreta em cada prática (Dallabrida e Furtado, 2021, p.4)

Nesse sentido, o uso da produção de cartas nos faz refletir sobre o trabalho de escrita manual e de forma livre pela criança, uma atividade que não reduz a escrita ao olhar minucioso de correção e classificação do professor. Deixar o aluno livre para escrever o que pensa revela sua capacidade de criação e personalidade, que pode mais se revelar quando o professor acredita que ele consegue sozinho e que a mediação de correções e outras interferências acontece depois de já ter criado, e aos poucos os alunos entendem que podem escrever não somente o que lhe interessa, mas o que o outro irá se interessar em ler, sendo que os resultados ficam cada vez mais aperfeiçoados, pois existirá interesse em escrever.

O trabalho realizado por Freinet (1974, p.12) em suas classes partiam do princípio que:

Nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes. Não escreve uma coisa qualquer. A «espontaneidade» que tem sido tão discutida, não deve ser para nós uma fórmula pedagógica. A criança exprime-se inserida num contexto que nos cabe tornar o mais educativo possível, com objectivos que devemos englobar nas nossas técnicas de vida.

Ensinar colocando em prática o que se ensina traz todo sentido para a criança, que escreve porque vê sentido no que irá fazer. Escrever cartas sempre teve este intuito, de pensar

antes de falar e escrever, rever o que escrevi por considerar essencial que o outro entenda. E todo esse trabalho sem o esforço de que o professor exija que o aluno escreva.

Para Freinet (1974) o trabalho com jornais proporcionava à criança escrever notícias quais considerava primordial publicar, durante o processo de escrita eles mesmos revisavam para que no final houvesse a impressão, o aluno perpassava pela correção ortográfica do que escreveu, reavaliava os conteúdos que seriam publicados, e se estavam de acordo com o interesse de quem iria receber o jornal.

O mesmo acontece com as cartas, os alunos escrevem pensando no que perguntar, e o que se pergunta é porque gera interesse em receber a resposta de seu interlocutor, é um processo de enviar e receber que não para, e que em meio a ele acontece a aprendizagem de forma espontânea, qual frente às conversas o aluno deixa ali registrado o que lhe importa escrever, e aos poucos o diálogo lhe faz sentido, e escrever se torna algo de valor.

A criança que compõe um texto sente-o nascer enquanto trabalha; dá-lhe uma nova vida, torna-o seu. Deixa de haver um intermediário no processo que vai do pensamento balbuciado e depois expresso ao jornal que será mandado pelo correio para os correspondentes. Controla todas as etapas: escrita, aperfeiçoamento colectivo, composição tipográfica, ilustração, disposição sob a prensa, tintagem, tiragem, agrupamento,agrafagem (Freinet, 1974, p.20).

As crianças são seduzidas à escrita de cartas por meio do texto livre. As palavras têm a voz daquilo que elas muitas vezes não conseguem expressar, e nessa escrita aparecem seus sentimentos, seus sonhos, interesses e vida, vida qual está inserida num determinado contexto social, em uma família, em uma cidade, em um estado, em um bairro, em uma escola. O sentido que lhe faz entender a sociedade, e todo um contexto daquele com o qual ele faz o intercâmbio.

O intercâmbio que como defende Freinet (1974) é o que estimula as crianças a querer escrever com interesse, sendo que nessas escritas baseadas nos textos livres revelam o meio de relações vivenciadas, seu ambiente social e cultural. As cartas revelam a observação e expressão da própria vida do aluno, suas características sob todas as suas formas, literária, científica, artística. Essa escrita que revela períodos históricos, e maneiras diferentes de ver o mundo.

Chega um momento na escrita de cartas que o aluno começa a interessar-se pelo mundo que o rodeia e pela vida de seus correspondentes. É nesse momento que o ensino de história tem coerência frente a realidade dos alunos. Conhecer o correspondente, que é de uma geração diferente das deles, pessoas que possuem experiências diversas a contar, trajetórias de vida, enfrentamentos, e tantos outros porquê a se fazerem parte do conhecer, e conhecer por meio da interação escrita e real, mas mais que tudo, de vínculos entre duas gerações distantes.

A difusão da troca de jornais entre as crianças de uma escola que recebiam os jornais de colegas de outra realidade escolar proporcionava o intercâmbio entre os alunos de Freinet (1974). Intercâmbio este, que aproximava realidades distantes e culturas diferentes. Elas se interessavam em ler sobre os assuntos ali escritos e trocaram experiências e saberes por eles mesmos produzidos. A troca de cartas entre os mais jovens e idosos permite esse intercâmbio de experiências e saberes, bem como fortalece vínculos por meio da escrita.

Aí senti imediatamente as importantes possibilidades de uma tal troca: as crianças já não escreviam para si próprias mas para os seus correspondentes: os deveres escolares mudaram então de sentido, ou seja, de natureza. Qué animação e que entusiasmo pela leitura quando chegávamos jornais dos nossos âmiguinhos! Vivíamos com os camponeses-pescadores de Trégunc: conhecíamos os seus trabalhos, passatempos, preocupações. Já não se tratava de um desses vulgares processos pedagógicos pretensiosamente designados como «métodos». Eram antes uma forma nova de vida na Escola, alma e instrumento do esforço escolar ao qual eu aspirava. (Freinet, 1974, p. 70-71)

O intercâmbio é visivelmente eficaz em termos pedagógicos, de trocas de experiências entre as crianças, que se envolvem tanto no vivenciar o que o outro tem a lhe dizer que acabam por realizar a busca pela aprendizagem sozinhas, sem nenhum esforço do professor, que age como mediador do processo de conhecimento, bem como todo o conteúdo começa a ter sentido pela criança, que de forma autônoma entende o processo histórico humano, qual evoluiu a medida em que os homens e mulheres passaram seus saberes uns aos outros, se fazendo evoluir o que se tem hoje por meio das relações sociais e troca de experiências entre si.

As cartas além de fornecer o intercâmbio entre os correspondentes, se tornam objeto relíquia de relevância a este aluno. Segundo Freinet (1974, p.75), “Quando estas remessas chegam, o interesse na aula atinge o seu auge! Cada um recebe como uma relíquia a carta do seu correspondente, guarda-a com cuidado, leva-a para casa e conserva-a com carinho”.

A produção da escrita epistolar sugere a inserção dos sujeitos que fazem parte de um mesmo cotidiano e momento histórico, o intercâmbio entre grupos com diferentes vivências, a prática cultural de proporcionar o diálogo entre eles é que determina sua condição de sujeito, sujeito histórico, escrita essa, determinada por sua condição de sujeito, escrita não fabricada, mas construída pelo processo de interação social.

[...] o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito (Freire, 1987, p. 78-79).

E se o intercâmbio proporciona todo esse processo de comunicação, vivência e experiências entre grupos e pares, sim, nosso trabalho enquanto educador tem tido sucesso com práticas que inserem a escrita de cartas em sala de aula.

2.2 As cartas? há indícios fortes sobre elas!

Quantas cartas datadas de há muito ainda hoje revelam o ser humano e sua essência, suas intensões, razões, sentimentos e momentos da história. As cartas são fontes que permanecem, pois a escrita do que se há é que se permitem as mais diversas pesquisas e pesquisadores. Muitos historiadores se debruçaram e debruçam a analisar o mar existente de cartas dos séculos passados. Quantas publicadas em livros, e quantas são que nos podem explicar como e porquê.

Sobre elas estão os mais fortes indícios, detalhes, pistas e descobertas. A própria história brasileira levou a muitos historiadores a busca de documentos para compilação de suas pesquisas. As cartas foram fontes reveladoras a partir do início da colonização brasileira. Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), paulista, um exemplo disso, correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no século XIX, historiador que se debruçou a escrever sobre a história do Brasil por meio da colheita de diversas fontes, dentre elas muitas cartas enviadas pelos escribas em período colonial pela obra “História Geral do Brasil”.

Detalhes, indícios, sinais ou pistas, na leitura feita do material de Varnhagen, as cartas afloram como um material valioso de pesquisa da história e sinalizam a complexa rede de interlocutores que se entrecruzam, seja pela escrita, seja pela leitura, seja pela descoberta sinuosa, ou pela negação de que as mesmas – as cartas – existem (Camargo, 2011, p.14).

Não há dúvidas que as cartas foram fontes que desvendaram descobertas, deram pistas aos historiadores, que puderam fazer comprovações e conexões em tempo sobre os acontecimentos nos mais diferentes momentos históricos da colonização do Brasil. Muitas dessas fontes resguardadas encontra-se na Biblioteca Nacional que está localizada na cidade do Rio de Janeiro, na Praça da Cinelândia, sendo considerada a maior biblioteca da América Latina e uma das maiores do mundo.

Varnhagen (1961), escreveu cartas de cunho pessoal sobre relatos e experiências, escreveu a amigos e pesquisadores, no qual ali versava sobre seu olhar particular, que como afirma Camargo (2011, p.16):

De qualquer modo, amigo ou não, a carta destinada a quem não conhecia pessoalmente diferencia-se de outras pela comoção e pelas sensações experimentadas que se seguiam aos relatos do que via; diferencia-se pelo pasmo e pela admiração que pode ser horrorosa e ao mesmo tempo agradável; diferencia-se porque, naquele momento, informando e partilhando sensações, vai compondo um texto, ao que parece, sem grandes preocupações com a organização temática. Talvez porque, naquele momento, se propusesse apenas a escrever uma carta; não fazia parte de suas preocupações imprimir redação histórica.

Cartas enquanto documento fonte como objeto de construção histórica, são de inquestionável relevância no quesito descobrir e revelar, por meio da leitura e conteúdo descrito nas mesmas os historiadores teceram teias, organizaram as tramas e reconstituíram a história a partir das muitas epístolas existentes e acessíveis de cada época. Ela aproxima o sujeito do ato de escrever e ler. Desvendar e tirar conclusões, se perceber enquanto eu pensante, num determinado lugar social, fazedor de história.

Carta. Objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar, nas formas, nas letras e nas múltiplas combinações desses elementos; materialidade que também pode ser um conjunto de folhas avulsas ou conjuntamente dispostas, quando impressas num livro; cartas que são textos porque são produções escritas; cartas que são discursos e nas quais se buscam significações históricas (Camargo, 2011, p. 42).

Significações históricas, que narram experiências no tempo, e que auxiliam na aproximação entre as gerações, criando-se laços de pertencimento a uma determinada história entre os indivíduos. Dessa forma, Couto (2003), em sua obra “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, trabalha sob uma trama no qual o personagem principal, Marianinho, se desloca da cidade grande para suas terras de origem pelo fato de seu avô Mariano ter falecido. Sob o olhar do falecimento de seu avô e ao chegar em Luar-do-Sertão, sua terra natal, vive as lembranças de sua infância e de todo aprendizado advindo pelo seu avô, e por meio das memórias de sua família e raízes de sua tradição, retoma a construção de sua identidade, entendendo o quão fez falta sua presença naquela terra. Ao longo da trama, Mariano encontra cartas escritas por seu avô e em contato com os familiares que ali estão para lhe auxiliar no enterro do mesmo ele percebe que ao deixar a ilha para viver na cidade grande acabou deixando suas raízes para trás, não sabendo de muitos acontecimentos, na qual as tradições das famílias da ilha aos poucos estava desaparecendo com a morte dos mais velhos, desfalecendo juntamente com a intervenção dos compradores de terra que ali chegara para iniciar a modernização do lugar, e seus valores aprendidos na cidade ficam frente às lembranças de suas tradições e costumes. Nas cartas ficam os registros que permitem que Mariano desperte a consciência de si próprio, do lugar onde viveu e da sua identidade:

As cartas instalavam em mim o sentimento de estar transgredindo a minha humana condição. Os manuscritos de Mariano cumpriam o meu mais intenso sonho. Afinal, a maior aspiração do homem não é voar. É visitar o mundo dos mortos e regressar, vivo, ao território dos vivos (Couto, 2003, p. 257-258).

A ilha era cheia de segredos que só os mais velhos poderiam com propriedade entender, e Marianinho, precisava saber dos segredos para que a ilha não perdesse seus traços culturais, além disso seu avô deixaria seu legado ao neto, que com as cartas misteriosas explora pistas e decifra mistérios ao longo da trama. Todos eles envolvem a memória, sentimentos, histórias que ressignificavam o passado e teciam as tramas futuras da terra de Luar-do-Sertão, dos habitantes da ilha, e da identidade individual e coletiva do personagem.

Estas cartas são o modo de lhe ensinar o que você deve saber. Neste caso, não posso usar os métodos da tradição: você já está longe dos Malilanes e seus xicuembos. A escrita é a ponte entre os nossos espíritos e os seus espíritos. Uma primeira ponte entre os Malilanes e os Marianos (Couto, 2003, p.126).

Verifica-se então, que o avô busca manter as tradições daquele lugar vivas, para preservar as memórias da família, e para isso, como estava longe do neto, utiliza-se das cartas como forma de deixar registradas suas experiências, e por meio delas dá comandos ao neto e instruções para conservar as memórias, sendo Marianinho um personagem necessário para que se mantenham as tradições vivas daquela terra, afim de restaurar a cultura de um povo, e passar tais tradições às futuras gerações da ilha.

Você não veio a Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito de viver (Couto, 2003, p. 64).

Com isso, Marianinho sofre uma crise de identidade que confrontam com os valores da vida moderna qual havia na cidade, ao se deparar com tanta informação sobre sua família e registros do passado de seu avô entregando-lhe uma missão de continuar com a preservação cultural do lugar. Vemos aqui, a transmissão de saberes por meio da escrita e como é vital a convivência com as diferentes gerações.

É fato que ao lembrar de nossos avós iremos trazer à memória muitas lembranças sobre eles, sobre o que mais gostávamos, algo que nos ensinaram e que nos foi positivo, suas recomendações, suas tradições, seus conselhos. Os mais velhos sempre serão fonte de

conhecimento aos mais novos. Sempre serão os responsáveis por repassar o que aprenderam as novas gerações.

Outra fonte para refletirmos sobre a temática, são as literaturas de cárcere, aquelas vividas por presos políticos ou não, que encontravam saída de escape para suas depressões e formas de se expressarem na escrita epistolar. A literatura de Joel Rufino Santos (2000) intitulada “Quando voltei, tive uma surpresa”, é prova viva disso, obra essa que reúne 32 cartas escritas por ele ao filho Nelson de apenas 8 anos (ver Anexo E, pág. 171), enquanto estava preso no presídio Hipódromo em São Paulo durante o período da Ditadura Militar²⁴, entre os anos de 1972 e 1974 por ter participado da escrita do livro História Nova do Brasil e por combater a Ditadura Militar em organizações militantes. E, para manter o contato com seu filho e não perder fatos sobre seu crescimento, Rufino escreve cartas durante todo o período que ficou recluso, porém de forma memorialista e evidenciando o seu dia-a-dia de forma cautelosa e saudosa. As cartas foram guardadas por Teresa, mãe de Nelson, que tentou esconder a princípio os motivos pelos quais o pai teria sido preso, e já no prefácio da obra relata que o filho ao saber da prisão do pai se esconde embaixo da cama abraçando a gaiola com seu passarinho. Rufino ameniza a situação da distância entre o filho com as cartas, que demonstram sutileza nas palavras, recriando o aspecto da prisão de forma imaginária para não assustar o filho e induzi-lo a acreditar que ele seria um criminoso ou que estivesse sofrendo.

Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil, trabalhar. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. [...] Eu acho que tenho razão. As aulas que dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais – eu acho que são coisas certas. O governo não acha (Santos, 2000, p. 9).

As experiências do cárcere eram reveladas de forma velada, afim de que o pai pudesse manter o contato com o filho com delicadeza e de forma literária impactar positivamente o distanciamento vivido pelo filho, as cartas poderiam amenizar a falta que Nelson sentia do pai, e para isso Rufino relatava seu dia-a-dia na prisão, e queria que o filho sempre o mantivesse informado sobre sua rotina e vida.

²⁴Forma de governo em que o poder político é controlado por militares, normalmente conquistado por meio de um golpe de Estado no qual o governo anterior é deposto pela força; caracterizada pelas perseguições, prisões e assassinatos dos seus opositores (FAUSTO, 2015).

Nós mesmos fazemos nossa comida. Eu sei cozinhar, como você sabe embora não tenha muita experiência. Jogamos bola na terça-feira, na quarta-feira e na sexta. [...] De dia, a gente lê, estuda e trabalha. Estou aprendendo a fazer uma porção de coisas bacanas: bolsas, colares, canetas encapadas, chinelos etc. [...] De noite, cantamos e assistimos à televisão (Santos, 2000, p. 11).

A carta aproximava cada vez mais pai e filho. Distanciados pela dor, nas cartas expressavam o mais singelo gesto de afetuosidade, o pai fazia desenhos, contava histórias a Nelson, histórias e lendas que aprendeu com sua avó, inventadas por ele, e histórias cristãs como a do nascimento de Jesus. As cartas serviam para Rufino como camuflagem de uma realidade cruel. Distanciava-o da dor e aproximava-o do filho.

Noite trabalhava de dia. E dançava de noite. A lua fitava Noite e, muitas vezes, quando Noite ia nadar no rio, a Lua pensava: como ela é bela. Havia, porém, uma coisa em Noite que era melhor do que sua grande beleza. Era que Noite amava a liberdade. Ninguém escravizaria a Noite! Noite era bela porque queria ser livre! (Santos, 2000, p. 49).

Nota-se, um pai que busca ensinar o que sabe ao filho, contando minuciosamente a história e fatos ocorrentes com Zumbi dos Palmares, com desenhos e escrita com canetinhas coloridas, e preocupado em manter-se perto do filho e com sua aprendizagem, passou a ser além de pai, professor, um ser humano que sofreu e combateu a repressão com as armas que tinha em mãos, um pedaço de papel e canetas.

Canetas e pedaços de papel já circularam muito pelo mundo, das mais variadas formas, entre os mais diversos interlocutores, das mais diversas distâncias. Tenho certeza que qualquer que seja a carta ela tem muito a dizer. Um momento histórico que levou ao distanciamento de tantas famílias, envolto em dor, foram e são tantas as histórias que cercaram o cenário da Ditadura Militar. As cartas retiraram tantas dores. Tantas formas de isolamento e lamentos elas carregaram ao longo da história. E como no caso duas obras citadas, as cartas aproximaram duas gerações distintas e de maneiras diferentes. Uma abordagem literária, outra uma realidade experienciada. Tantas são as literaturas e obras quais podemos utilizar para trazer à tona temas diversos, como é o caso da Ditadura Militar, ou da importância de se manter vivas as tradições e cultura de um povo.

Nesse sentido, entendo as cartas como uma potência rica de expressão do eu ao outro. Do libertar-se. Da resistência. Do movimentar a imaginação. Nossos avós guardaram cartas, nós escrevemos e guardamos cartas, e as novas gerações, saberão do que estamos falando? Essa experiência é necessária enquanto saber para as crianças em sala de aula ou fora dela.

2.3 Carta enquanto objeto de memória

A metodologia de envio de cartas, também chamada de cartas pedagógicas ou pedagogia da correspondência, consiste no uso da escrita de cartas como instrumento de ensino, diálogo, reflexão e construção do conhecimento entre professores, estudantes ou pesquisadores. Na prática, a metodologia funciona por meio da troca de correspondências entre os participantes. O professor pode propor que os alunos escrevam cartas sobre determinado tema, relatem experiências, respondam a questões reflexivas ou dialoguem com colegas, autores e comunidades. Após a escrita, as cartas são lidas, respondidas e discutidas, promovendo interação e construção coletiva do conhecimento.

As cartas pedagógicas também são utilizadas como metodologia de pesquisa qualitativa, pois possibilitam registrar narrativas, experiências e percepções dos participantes. Dessa forma, favorecem a autoria, a expressão pessoal e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

A metodologia de envio de cartas baseia-se na troca de correspondências como instrumento pedagógico de diálogo, reflexão e construção do conhecimento. Inspirada nas ideias de Paulo Freire, essa prática valoriza a autoria dos participantes, possibilitando a expressão de experiências, sentimentos e aprendizagens por meio da escrita (COELHO, 2011; CAMINI, 2012).

Diante do exposto, uma pergunta sempre envolvia os espaços de cada aula após o envio das primeiras cartas aos amigos do Lar: “Professora, quando vai chegar minha carta?” Essa ansiedade do retorno das respostas das cartas tanto pelos idosos quanto pelos alunos mostrava como era significativo receber e abrir aqueles envelopes. Pode ser que ainda tenhamos guardadas em nossas gavetas ou caixas alguma carta que nos marcou a vida. Muitas são as pessoas que se questionadas, se lembram com ternura, emoção e sentimentos diversos de quando recebiam cartas de alguém que estava longe. Ver a letra no papel e sentir a autoria de uma pessoa amada. Quem em algum momento não escreveu uma cartinha quando criança ou na adolescência? E se não, teria tido essa vontade? E pode ser que sua mãe guarde até hoje as cartinhas e desenhos que você fez quando em época escolar. O envelope, o papel, a letra, o desenho, as palavras, todas, carregadas de sentimentos e de memórias de um tempo. Com certeza, cada carta recebida e escrita pelos estudantes desse projeto envolveu muito mais que aprendizado. Muitas delas poderão guardar suas cartas, e até quando velhos poderão lembrar dessa experiência quando olharem para o objeto carta.

A construção da memória está a todo tempo atrelada aos objetos. Um museu sem seus objetos que remetem ao passado e às mais diversas simbologias e significações não poderia existir. Uma casa sem objetos é vazia de significados. Lugares são cheios de memórias. Ao passar próximo a uma escola, quem ali estudou se permite às lembranças do vivenciado em sua época escolar. Em muitos lares, os lugares são marcados: “minha avó gostava de sentar ali”, “o lugar do pai à mesa é aqui”, “esse lugar do sofá é meu”, “eu amava ir na casa da minha avó, porque lá tinha um balanço na árvore”.

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição (Bosi, 2022, p. 25-26).

E assim, os objetos vão tomando seu significado histórico. O mesmo só pode ser construído a partir de vivências sociais. Um jantar por exemplo não tem outra intenção se não a de reunir familiares e amigos. Para quê? Construir e compartilhar memórias, pois há nesses atos valor individual agregado, na reunião, no estar junto, e é sempre comum, que nas conversas surjam lembranças de momentos de família, ou perguntas sobre como vai a vida de algum dos nossos. Isso é cultural. É no ambiente da casa que se encontram, e nos arredores do objeto mesa que se compartilham momentos, histórias, lembranças e o alimento. A mesa, o balanço, a velha máquina de costura, a roupa, o lugar da casa, dentre tantos lugares que se fazem ser significativos, visto que é lugar histórico de memória coletiva, que segundo Ecléa Bosi (2022) são objetos que representam uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador.

Minha mãe até hoje guarda alguns vestidos de quando eu era criança. Para ela isso tem significado e sentido. Quantos são os objetos guardados e deixados expostos nos lares porque estão carregados de histórias, sentimentos e valor.

De acordo com Bosi:

Tudo fala, o teto, o fogo, as esculturas, as pinturas. Os pratos e as colheres blasonadas com o totem do clã são animados e feéricos: são réplicas dos instrumentos inesgotáveis que os espíritos deram aos ancestrais. O tempo acresce o seu valor: [...]. A casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas preciosas que não tem preço. As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo que fomos. Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos nossos primeiros passos (Bosi, 2022, p.27).

À medida que a criança interage com os mais velhos a experiência fica cada vez mais forte, pois conforme Bosi (2022) a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador

entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Sendo assim, por meio da história oral pode-se contribuir para a transmissão de valores, autenticidade, sentimentos, ideias, dentre outros. Todo velho que se lembre de sua infância terá recordações boas e ruins. E se a memória deles é significativa para manter vivo o passado, há que se temer o não vínculo das crianças com os idosos em tempos atuais.

Para Bosi (2022) o desenraizamento é condição desagregadora da memória. Não ter convívio com os mais velhos é alienar e descontinuar as relações com o mundo, deixar de observá-lo e de conhecer o outro. Um tempo que se vê cada vez mais vazio dada as condições de uma sociedade industrial. Nela nota-se que a fragmentação do pouco tempo que sobra fora da fábrica é preenchida por afazeres diversos ou pelo isolamento social para o pouco tempo que lhe sobra de descanso. Um compasso que toma o tempo pelo trabalho, numa sociedade que exige aceleração dos processos de produção e o descartável dá mais agilidade ao ritmo. E nesse ritmo as relações humanas ficam cada vez mais escassas, diante tudo que lhe pode ser facilmente descartável. O guardar objetos diz muito a respeito de uma prática dos mais velhos. Os retratos quase que parecendo pintados à mão do rosto de avós e avôs, mães e pais na parede, em contraste com tempos atuais, quadros com imagens de lugares não visitados, ou de um artista famoso, comprados na loja mais próxima ou por meio de compras online.

Na chamada idade produtiva (os velhos são os “improdutivos” nas estatísticas), bem, nessa idade os conselhos foram perdidos, ai de nós! [...] Temos que procurar sozinhos o conselho esquecido, caminhando entre destroços num chão atulhado pelos tempos mortos que nos são impostos (Bosi, 2022, p. 34).

Os objetos guardados em caixas, gavetas e armários são cheios de significados e valor para o velho, pois nesse objeto ele rememora um tempo, acontecimento ou experiência, e com ele em mãos comprova sua veracidade o mostrando aos mais novos.

[...] o armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma intimidade (Bachelard, 1993, p. 91).

Os objetos por sua vez, fazem parte de um espaço, lugar e um lar, a casa enquanto espaço de vivências familiares, que sabemos descrever detalhes de como era, perto de algo específico, o que se visualizava pelas janelas, os acontecimentos que marcaram dentro daquele ambiente de comunicação e relações mais profundas, o lugar em que se pode ser o que quiser, podem ser livres, arrumar de acordo com a individualidade os objetos de consumo e de família, objetos de não valor, mas que de tanto significado sobre eles dificilmente seriam descartados.

[...] os objetos assim acariciados nascem realmente de uma luz íntima; chegam a um nível de realidade mais elevado que os objetos indiferentes, que os objetos definidos pela realidade geométrica. Propagam uma nova realidade de ser. Assumem não somente o seu lugar numa ordem, mas uma comunhão de ordem. Entre um objeto e outro, no aposento, os cuidados domésticos tecem vínculos que unem um passado muito antigo ao dia novo (Bachelard, 1993, p. 80).

O que envelhece com o dono lhe dá o sentimento de pertencimento e continuidade, sendo tal objeto insubstituível, a este se dá o nome objeto biográfico, pois tem valor autoral, possui pertencimento ao dono, Bosi (1994). Se todos nós um dia fomos crianças e guardamos objetos que nos fazem recordar da infância e de época escolar, as crianças de hoje terão recordações a respeito de suas vivências sociais por meio da escrita de cartas, sendo a escrita epistolar uma experiência que permite guardar o objeto carta enquanto objeto biográfico de memória e valor. Mesmo que as cartas se percam, as lembranças a respeito delas afloram a saudade.

[...]enquanto portadoras de uma “alma”, de um “espírito”, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, corpo e alma etc. (Mauss, 2003, p. 200).

Para tanto, os objetos sejam eles simples ou de alto valor, desempenham papel indispensável no vínculo e construção da identidade do sujeito, pois evocam a memória dos narradores orais das histórias que hão de repassar em seu círculo social. As cartas nesse sentido, podem ser um objeto simples, mas que carrega em si um alto valor, podendo se tornar uma relíquia memorativa de um tempo de experiências.

Quando as cartas chegam acontece o mesmo que acontecia na experiência trabalhada por Freinet (1974), que colocando o aluno para produzir seus jornais, obteve resultados admiráveis, pois ele aprendia desde o processo de escrita até o processo de impressão final, e nesse meio, refletiam sobre o que iriam escrever, manuseavam as máquinas, abraçavam suas responsabilidades com os dedos sujos de tinta, porém ao verem o resultado final experimentavam o sentimento de autoria, sendo o criador do início ao fim. O autor destaca tal experiência:

Quando as remessas chegam, o interesse na aula atinge o seu auge. Cada um recebe como uma relíquia a carta do seu correspondente, guardando-a com cuidado, leva-a para casa e conserva-a com carinho. Só existe um contra: ocorre que alguns alunos não recebem carta porque o seu correspondente está doente ou não escreveu. É então um verdadeiro desespero, que nos mostra o apreço que nossos alunos dão a estas

trocas. É mesmo necessário que os professores combinem entre eles para evitar tais dissabores, chegando mesmo ao ponto de mandar fazer uma carta suplementar a alguns alunos mais expeditos para atenuar pelo menos o desgosto dos não contemplados (Freinet, 1974, p. 75).

A criança que aprende por meio do contato do fazer manual, diante do mundo exterior ao da escola e ou da realidade de seu bairro, se oportuniza a contar suas histórias e ouvir as histórias que o outro tem a lhe contar, que consoante a Bosi (2022) é uma prática libertadora, que se liga com o todo, um treinamento para levantar voo.

E a carta enquanto objeto afetivo que desperta memórias e reflexão na vida dos indivíduos percorre caminhos que unem histórias, pessoas, grupos, sociedades envolvidas pelas tramas tecidas na escrita epistolar, um objeto que permite que as testemunhas orais não se dispersem, que as memórias não se apaguem, sendo conduzidas por letras num pouco de papel.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA ENTRE DUAS GERAÇÕES

Reinventar a escola se resume a encontrar formas concretas no mundo de hoje para fornecer “tempo livre” e para reunir os jovens em torno de uma “coisa” comum, isto é, algo que aparece no mundo que seja disponibilizado para uma nova geração.
(Masschelein, 2018, p.04)

Quando se pensa em um propósito, ele não tem sustentação sem as bases bem fortes. Uma casa sem um bom alicerce tende a apresentar rachaduras futuras. Nesse sentido que, a proposta desse trabalho caminhou, por um primeiro passo, por meio de uma sequência didática (Apêndice 01) que nada mais é que um conjunto organizado e planejado de atividades desenvolvidas em etapas, com o objetivo de promover a aprendizagem de um determinado conteúdo ou habilidade de escrita, fortalecendo o conhecimento. Tal sequência foi elaborada para fundamentar previamente o início da escrita epistolar pelos alunos, de forma que pudessem entender as bases e objetivos que sustentariam posteriormente as experiências que vivenciariam por meio de escrita de cartas, se fazendo dar sentido a elas, ao passo que a história da história permeasse a aprendizagem em cada aula, e em cada carta.

Quem não se lembra de algo que fez na escola que foi muito marcante e inesquecível, que deixou marcas, aquele professor que oportunizava ouvir a todos ao passo que ensinava e que mantinha uma relação horizontal de aprendizagem. Como é bom guardar boas memórias de nossa infância, aquelas de aprendizagem com nossos amigos, alguns que temos até os dias de hoje, e às vezes no meio de alguma conversa dizer aquela famosa frase popular: “Nós éramos felizes e não sabíamos!” Isso diz muito sobre nosso passado, o que aprendemos na escola e as experiências de aprendizagem que lá tivemos, a lembrança de nossos professores, de situações que nos marcaram positivamente ou não, e por isso para muitos, ser considerada uma época feliz. Nesse sentido, que neste texto busco escrever sobre o trabalho desenvolvido com os alunos de Sala de Recursos Multifuncional, alunos esses que apresentam significativa dificuldade de escrita autônoma, de pensamento lógico, foco, atenção, se dispersam por qualquer estímulo externo, apresentam lentidão e a todo momento dependentes de mediação constante pelo professor, alguns com episódios de irritabilidade, porém alunos com características doces, bondosas, humildes e inocentes, mostram gostar de estar na escola e com os amigos, brincar e bagunçar, ou seja, são crianças e adolescentes com histórias, vivências, potencialidades, interesses, emoções e formas próprias de aprender e se relacionar com o

mundo. Como qualquer ser humano, possuem sonhos, capacidades, desafios, sentimentos e o direito de participar plenamente da vida escolar e social. Suas diferenças não diminuem suas possibilidades de desenvolvimento, mas evidenciam a importância de práticas educativas que respeitem a singularidade de cada indivíduo. E assim sendo, descrevo todo o processo de aulas desenvolvidas na Sala de Recursos Multifuncional com os 09 alunos apresentados no início desse trabalho. Após os trabalhos desenvolvidos com a sequência didática, os mesmos escreveram suas cartas num processo que durou 3 meses entre idas e vindas das cartas entre eles, sendo que em todo processo os alunos foram orientados a escrever por meio de um roteiro norteador (Apêndice 02) de questões e assuntos possíveis para auxiliar a fundamentar a escrita das cartas.

Desde o primeiro momento de conversa com os alunos para lhes explicarem sobre como ocorreria o processo de escrita das cartas, eles se empolgaram e achavam que iriam escrevê-las no mesmo dia que lhes falei sobre, porém os disse que primeiro teriam que aprender bastante sobre as cartas. Sendo assim, desde que iniciei a primeira aula sobre a história das cartas, já pude imaginar a forma enriquecedora que se daria esse trabalho, que foi desenvolvido por mim no período matutino juntamente com os horários de atendimento das turmas e apreciado com a ciência dos professores da disciplina de história, a orientação escolar e a direção que compreenderam e enfatizaram a relevância do mesmo para o desenvolvimento dos alunos frente o ensino aprendizagem.

A sequência didática elaborada inicia-se no dia 05-08-2024 com 09 dos alunos da sala de recursos multifuncional, que se dispuseram a realizá-la considerando ser fundamental aprender sobre todo o possível a respeito das cartas, e ao mesmo tempo lhes expliquei que esse projeto tinha por objetivo que os mesmos pudessem experienciar o vínculo entre gerações diferentes por meio da escrita de cartas, e que para isso, iríamos nos comunicar com idosos que moram no Lar da cidade, e que também fica próximo ao colégio. Nesse processo, foram enviados bilhetes para a autorizações dos Pais (Anexo C). Solicitada autorização para o Lar de Idosos e autorização ao responsável pelo Colégio Estadual (Anexos A e B).

No dia que dei início à primeira aula referente ao projeto intitulado “Cartas” junto aos alunos, dia 05/08/2024, deveríamos entender, que a partir delas que construiríamos nossa aprendizagem vinculada às experiências. Vários aspectos foram estudados na primeira aula. Os alunos foram direcionados a ler em grupo em uma projeção colocada na televisão da sala, um texto resumo a respeito da evolução do meio de comunicação carta (Anexo F) e realizar uma pesquisa a respeito da história das cartas, como umas das fontes e meio de comunicação mais antigo existente, suas diversas maneiras de registros, com sentimentos variados, de alegrias à

tristezas, memórias vivas em letras registradas em um papel, um objeto de resgate de períodos históricos, muitas como fonte de informações, denúncias e pedidos de socorro. Alguns alunos questionaram como eram levadas as cartas no período de guerra, sobre cartas dentro de garrafas no mar e de cartas de amor, e assim compreenderam as diversas possibilidades numa mesma forma de se comunicar. Nessa mesma aula estudamos que a Bíblia é uma das fontes de informações mais antiga existente, além disso, por meio desse diálogo os alunos puderam entender como a escrita das cartas dos discípulos que andaram com Jesus e vivenciaram aquele período com Ele puderam escrever suas cartas que hoje compõem a Bíblia, os fatos descritos e que evidenciam um determinado tempo, esse tempo datado desde o nascimento de Cristo, qual contribui para que o aluno compreenda os períodos históricos de registros de a.C (antes de Cristo) e d.C (depois de Cristo), noção de anos, décadas, séculos, milênios, enfim, nosso passado que possui registros e são temporais, e estes por sua vez, históricos.

Outro questionamento e pesquisa realizada foi acerca do papel, sua invenção e a do papiro, o nome original do primeiro papel e seu material, sua evolução ao longo do tempo e seus inventores. Muitas discussões e questionamentos surgiram, e a curiosidade sobre o passado, de como era, e como acontecia no tempo que não se haviam papéis faz com que os alunos percebam aos poucos o quão bom é pesquisar, é ler e conhecer sobre o passado, que por meio dele e de quem o fez parte construiu a composição do tempo até o presente, sendo essencial o papel do historiador para registrar os fatos do passado, e a contribuição histórica de inventores, pesquisadores, entre outros que contribuíram para a evolução histórica a qual proporcionou haver o que há na atualidade, como no caso do e-mail, whatsapp e telefone.

Uma pergunta surge em meio a aula: “Por que muitas vezes preferimos escrever cartas ao invés de *e-mails*?” A partir dessa pergunta, pudemos refletir que com cartas as emoções são melhores transmitidas, posso pegar o papel, guardar e sentir o que ali está escrito, entender o carinho qual foi feito. Algo palpável de lembrança, um objeto gerador de memórias.

Nessa aula ainda, estudamos todas as formas de circulação existente da carta, desde o envio até sua chegada final ao destinatário. Os alunos aprenderam sobre os pombos correios e suas curiosidades. Um dos alunos mencionou que havia lido a respeito de uma reportagem sobre pombos correios participarem em jogos olímpicos, e foi uma surpresa saberem que eles eram utilizados para entregar cartas e queriam saber como esse processo ocorria. Outro assunto estudado, foi o de envio de cartas por meio de cavalos, o primeiro correio famoso, chamado Pony Express²⁵, cavalos que cruzavam o território americano para entregar cartas de grandes empresários, e que esse processo demorava em torno de 12 dias, e com o surgimento do telégrafo as atividades de entrega com cavalos foram encerradas. Já uma carta enviada por meio

de navios poderia demorar meses a chegar. E sobre uso de navios para entregas de cartas, falamos sobre a primeira carta escrita em solo brasileiro por Pero Vaz de Caminha (1450-1500) datada em Vera Cruz, 01 de maio de 1.500, descrevendo o que viu em solo brasileiro ao Rei de Portugal Dom Manuel (Link de acesso nas referências).

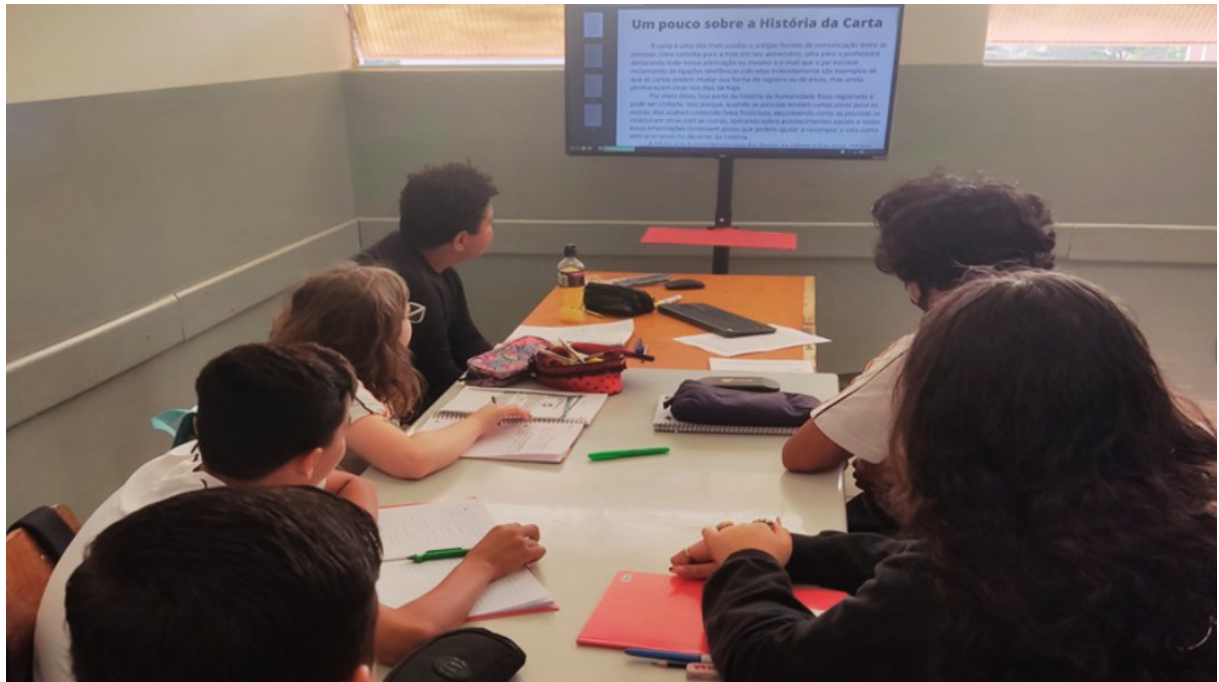
Com isso, os alunos aos poucos foram compreendendo que o que ainda existe hoje tem história, uma história viva, uma história que compõem-se de fatos, e quão necessária foi a escrita de cartas, que percorre as histórias do mundo. “Cartas que andam” por todo lugar, chegou e chega a qualquer local, desde as casas mais pobres até as mais ricas, aos desertos, ilhas, campos de concentração, que junto da memória se faz democrática.

Por fim, falamos sobre os correios brasileiros, data de criação, primeiras formas de transporte das cartas entre as cidades, presidente da época de criação, modalidades e valores que dependem da distância a ser entregue e uso de selo. Nesse momento os alunos questionam enquanto vamos lendo e interagindo, e noto que para eles o que estão estudando tem significado, estão conseguindo imaginar aquele passado distante e seus acontecimentos, as dificuldades enfrentadas para que se hoje pudesse ter algo ágil e de maior alcance. Uma era tecnológica que foi possível por ter existido um processo histórico de criações, invenções e atividades frente a determinados períodos históricos.

Em uma e primeira aula, percebo o conhecimento de história que os alunos puderam compreender, sem muitas dificuldades participaram e buscaram de forma autônoma ler e estudar sobre. Destaco que as fotos que aparecem nesse trabalho foram autorizadas pelos alunos e famílias por meio de documento assinado de permissão de uso de imagem que são recolhidas pela secretaria escolar no início letivo e guardadas nas pastas de documentação individual dos alunos.

²⁵ O Pony Express foi um serviço de correio expresso a cavalo que operou nos EUA de abril de 1860 a outubro de 1861. Ele conectava o Missouri à Califórnia, entregando correspondências rapidamente antes do advento do telégrafo. Apesar de sua curta duração, o Pony Express se tornou um marco histórico no Oeste americano e é lembrado como um símbolo de perseverança (Encyclopaedia Britannica, 2025).

Imagem 4 – Leitura em grupo na primeira aula sobre a história das cartas



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

A segunda aula da sequência aconteceu dia 12/08/2024, e objetivou fortalecer as bases de pesquisa e leituras realizadas pela primeira aula. Para isso, buscamos responder alguns questionamentos como: Quem pode escrever uma carta? Até onde uma carta pode chegar? O que cabe dentro de uma carta? Quem recebe cartas? Quais são os dados essenciais do envelope? Como escrever as informações de destinatário e remetente? O que é e para que serve o selo nos envelopes? Como escrever uma carta?

Para entender como realizar a escrita das informações iniciais de escrita de cartas como local e data, uso da saudação, o corpo com o assunto escrito e por fim uma despedida final com a assinatura do remetente, lemos uma carta modelo como exemplo. Após projetei na televisão da sala imagens de selos para que pudessem ver a variedade deles e de temas existentes, e a partir disso puderam ver quantos tipos e modelos diferentes já foram usados e que podem ser personalizados de acordo com alguma data específica dada como especial, como selos de época que são fabricados para comemorar eventos, como aniversário de cidades, valorização de profissões, dentre outros.

Figura 1 – Selos utilizados no Brasil



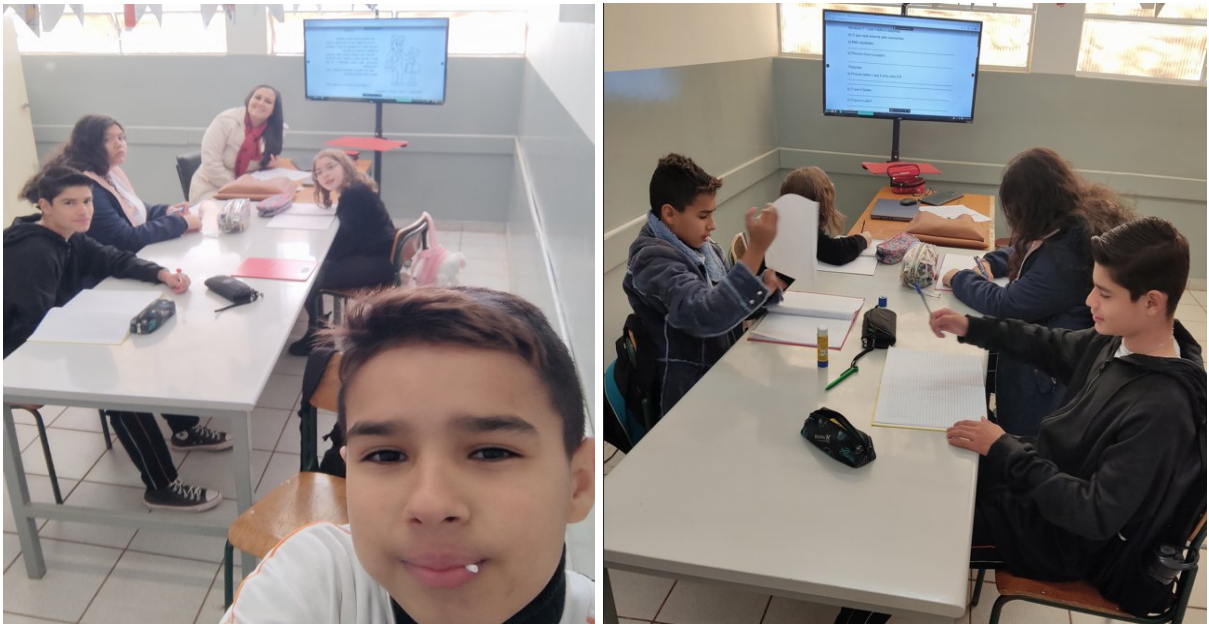
Fonte: Figura retirada do site: <https://selosefilatelia.com.br/PastaLancamentos2013/001.html>



Fonte: Figura retirada do site: <https://ihgmg.org/exposicao-virtual-300-anos-de-minas-gerais-os-selos-postais-e-as-historias-de-um-territorio/>

Modelos de selo foram visualizados, como o do bicentenário de Ouro Fino, trazendo a Igreja Matriz de São Francisco de Paula (1949), e os selos de 250 anos de Ouro Preto (1961) e de São João Del Rei (1963), e assim os alunos puderam por meio do diálogo e da interação aprenderem juntos, em ações que se demonstram significativas durante as aulas, posto que cada aluno era instigado a participar e conhecer sobre.

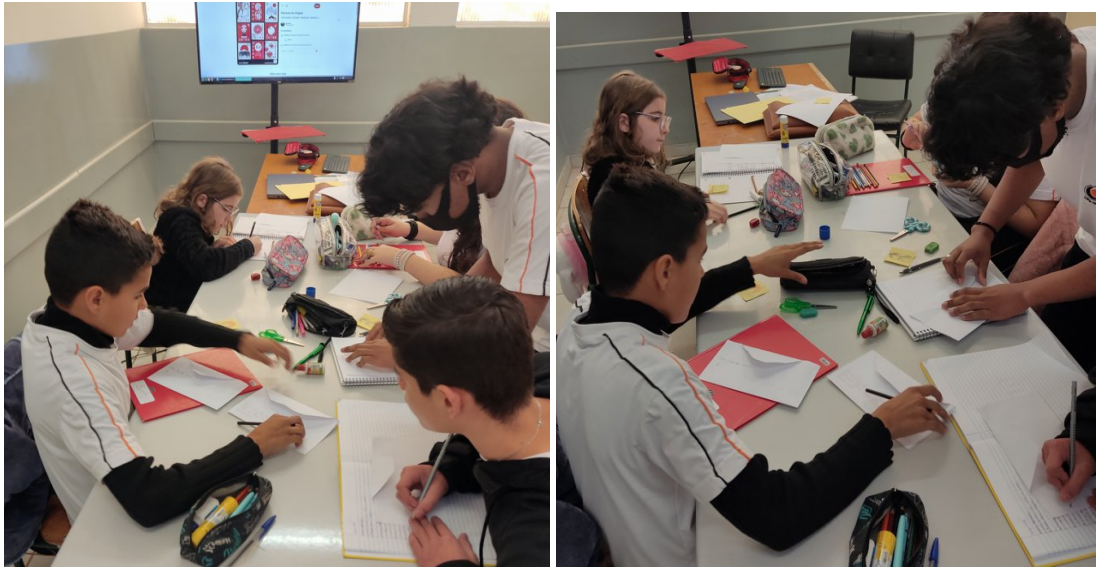
Imagem 5 – Aprendendo sobre selos e a utilização das cartas em tempos históricos.



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Em seguida, a proposta final dessa aula foi que cada aluno criasse seu próprio envelope e selo. Pude notar o empenho, a vontade de criar, ficaram surpresos de ver os selos do Japão, achavam que selo era coisa só do Brasil, e aprenderam que é algo mundial. Tantas foram as opções ao pesquisarem que tiveram dúvidas de quais os temas que poderiam produzir. Ao passo que selecionavam seus selos, mostravam para seus amigos os que mais gostavam e falavam como seriam os que iriam criar. Feito os envelopes e os selos, colados em seus envelopes, guardei para uma atividade posterior. E assim se deu o processo de aprendizagem da segunda aula.

Imagem 6 – Pesquisa e criação de selos e envelopes



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Para a terceira aula, na data de 14/08/2024, sempre em período vespertino em contraturno ao horário de aula regular, imprimi para cada aluno a carta original traduzida de Pero Vaz de Caminha e coloquei nos envelopes que na aula anterior haviam produzido. Pedi para que imaginassem ser Dom Manuel (1469-1521), Rei de Portugal, a receber a carta de Pero Vaz de Caminha. Os alunos ficaram empolgados quando eu disse que a carta era idêntica a original, a mesma carta, com as mesmas palavras de algo escrito há 524 anos atrás. Ao abrir, desanimaram de ter que ler tantas páginas, porém não iria tirar deles a oportunidade de ver a originalidade de representação de algo histórico, que fez parte da história do Brasil. O que os fez entender de como era a terra brasileira quando aqui os portugueses chegaram. Então, cada aluno foi lendo um parágrafo, e eu solicitava que eles grifassem as partes que Caminha apresentava detalhes do que via. Fomos lendo de forma dinâmica, cada um lia um pouco, e em alguns momentos eu parava a leitura para comentar algo que considerava pertinente destacar, bem como os alunos também falavam o que iam imaginando ao passo que liam, e assim foram entendendo as razões pelas quais os portugueses tanto se interessaram pelas terras brasileiras, que antes foi chamada de Vera Cruz, devido a primeira missa²⁶ realizada aqui pelos portugueses, a forma como viram os indígenas, como aconteceram os primeiros contatos e como aprenderam os caminhos para se chegar ao ouro, e tantas outras questões históricas relevantes lidas ali naquela carta, que hoje é uma fonte documental essencial.

Imagem 7 – Leitura da carta oficial escrita por Pero Vaz de Caminha em 1500



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

²⁶ Primeira Missa: A Primeira Missa no Brasil foi celebrada em 26 de abril de 1500, poucos dias após a chegada da expedição de Pedro Álvares Cabral. A cerimônia foi conduzida por Frei Henrique de Coimbra, na região de Coroa Vermelha, atual município de Santa Cruz Cabrália, na Bahia. Além de representar a introdução oficial do cristianismo em território brasileiro, a missa simbolizou a tomada de posse da nova terra pelos portugueses e foi registrada por Pero Vaz de Caminha em sua carta ao rei de Portugal. (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/primeira-missa-no-brasil.htm>)

Na quarta aula da sequência que ocorreu dia 19/08/2024 coloquei na televisão da sala a música de Sérgio Reis intitulada: Filho adotivo (Anexo 3), para que após compreender a letra da música e interpretá-la pudéssemos dialogar sobre o contexto da música com realidades vivenciadas por diferentes pessoas, fazer uma reflexão a respeito de histórias de vida, fortalecendo o que cada pessoa tem enquanto história a ser contada, que cada amigo idoso do lar qual irão se comunicar possuem memórias e lembranças diferentes, e por isso devemos respeitá-los e saber e querer ouvi-los, pois suas caminhadas foram construídas em um momento histórico de um passado no qual as condições eram diferentes das atuais, que a realidade social era outra, e que os alunos são de uma geração diferente das dos idosos, porém ambas as gerações convivem numa mesma sociedade e se eles estão vivos e têm muitas histórias para contar aos da nova geração.

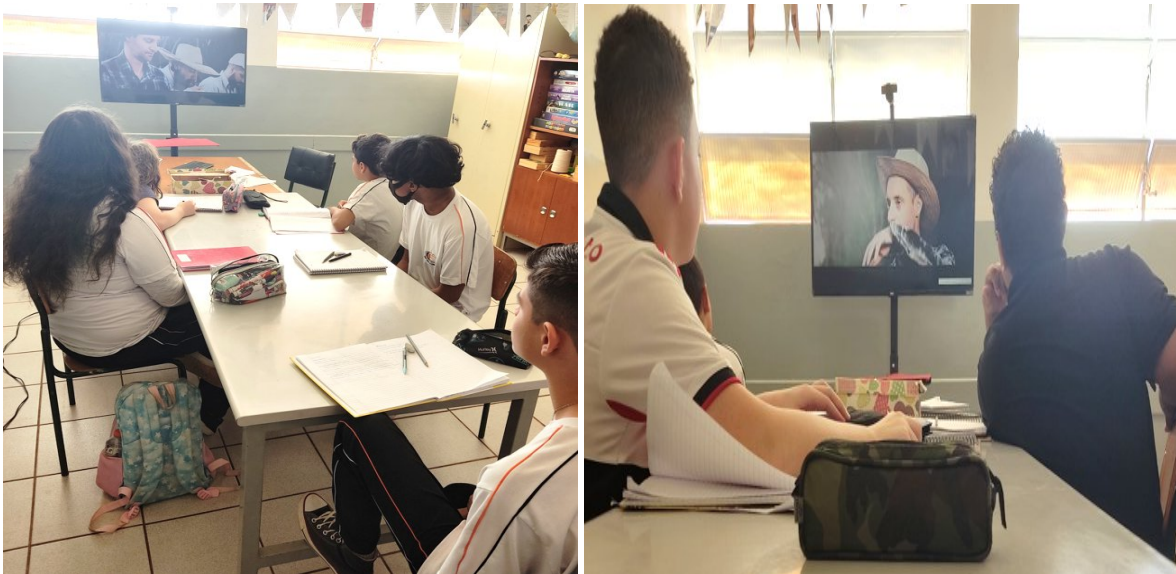
Com a história contada por meio do contexto trazido pela música e vídeo, os alunos conversaram entre si sobre valorizar a escuta aos mais velhos, que muitas vezes os pais sofrem para poder dar aos filhos tudo que podem, que numa geração diferente da deles seus avós e até mesmo pais tiveram que trabalhar ao invés de estudar. Além disso, o vídeo oportunizou desencadear esses questionamentos os questioneei sobre a diferença entre asilo e Lar de idosos, e assim entenderam que há diferença entre uma especificidade e outra. Embora muitas vezes sejam utilizados como sinônimos, os termos "asilo" e "lar de idosos" apresentam diferenças. Historicamente, o asilo era uma instituição de caráter assistencial destinada ao acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social, incluindo idosos sem condições de sustento ou apoio familiar. Já o lar de idosos, tem como objetivo oferecer moradia, cuidados de saúde, alimentação, lazer e acompanhamento especializado para pessoas idosas que necessitam de assistência contínua.

Após esse primeiro momento da aula, os alunos foram direcionados a ouvir a música de Chico Buarque, intitulada: Meu caro amigo (Anexo 4). Essa música de 1975, retrata a descrição de Chico Buarque e Francis Hime por meio de uma carta cassete²⁷. Auto exilado fez a música para enviar ao seu amigo Augusto Boal, que estava exilado em Portugal e queria ter notícias de como estavam as coisas pelo Brasil, bem como tentar sanar saudades do amigo. Na própria letra da música, podemos identificar que a Ditadura censurava os conteúdos das cartas, e nelas os mesmos com suas habilidades de escrita conseguiam que por meio de falas “códigos” decifrar as ironias escritas para descrever momentos vividos na censura ditatorial. Ao escutar uma

²⁷Carta cassete (ou carta falada): Uma gravação de áudio feita em uma fita magnética compacta, popularizada nas décadas de 1960 e 1970 para registrar mensagens, músicas ou outros áudios. Um exemplo notável é a música "Meu Caro Amigo" de Chico Buarque, que foi uma forma de "carta falada" enviada ao amigo Augusto Boal.

música fora dos padrões de escuta dos alunos, os mesmos puderam entender traços de uma música histórica, uma música popular brasileira, com instrumentos de sopro e corda. Com a letra da música em mãos analisamos e fizemos a reflexão sobre falas de cada estrofe, interpretando o que Chico quis dizer. Saber ler e interpretar documentos históricos obviamente não faz parte do cotidiano e muito menos do interesse dos alunos, porém mesmo com suas dificuldades de interpretação, eles perguntavam o que acontecia no período da Ditadura, o que era exilado, porque existiu tanta perseguição aos cantores e artistas nesse período, entre outros questionamentos. Imprescindível foi evidenciar a curiosidade que traz conhecimento, e poder dizer aos alunos como quantitativamente as cartas permearam desde a sua existência a história dos homens, e que houve muitos momentos históricos diferentes que utilizavam as cartas para as mais diversas finalidades possíveis, seja para registros, denunciar, informar e ou dizer o que fosse necessário.

Imagem 8 – Aula para reflexão histórica a partir da música: Sete filhos de Sérgio Reis



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Nessas aulas os mesmos não disfarçavam a vontade de logo começar a escrever suas próprias cartas. Toda aula eles apresentavam uma euforia:

- A professora fala tanto de cartas, e quando iremos começar a escrever?
- Calma, calma, o momento chegará! Ainda falta uma pergunta:
- Quem trabalha no correio tem história para contar?

Sim, este foi tema da quinta aula da sequência, que ocorreu dia 21/08/2024, e para responder a pergunta acima citada, assistimos a uma entrevista realizada pela TV Aparecida com um carteiro da cidade de São Paulo, com experiência de profissão de 35 anos, contando sobre suas histórias e experiências. Após assistir a entrevista instiguei-os com o seguinte questionamento: Há algo que vocês gostariam de saber além das questões que foram feitas na entrevista assistida? Perguntaram sobre o porquê alguns carteiros usam bicicletas, outros motos, outros carros. Sobre o porquê de terem de usar botas. O que fazem quando chove. Quanto recebem? Que curso se faz para ser carteiro? Nesse caso, diante dos questionamentos, fizemos uma roda de conversa e pedi para que juntos elaborássemos questões. Foi nesse momento que lhes disse que havíamos assistido ao vídeo de um carteiro da cidade de São Paulo, com 35 anos de experiência em sua profissão e como haviam gostado de saber mais sobre essa profissão, que iríamos elaborar questões para fazermos e recebermos a resposta de um carteiro que trabalha aqui em nossa cidade. Disse:

- Um carteiro de nossa cidade virá e vocês serão os repórteres, os entrevistadores. Faremos as mesmas perguntas que a repórter fez que vocês consideram interessantes, além das que vocês farão de diferente.

Com essa notícia, se empolgaram e começaram a disputar quem pensava em mais perguntas, o resultado foi de 16 perguntas elaboradas por eles. Sendo elas:

- 1) Quantos quilos de cartas você carrega por dia?
- 2) Como é feita a separação dos meios de transportes para entregar as cartas?
- 3) O que mudou de antigamente para os dias de hoje?
- 4) Qual foi a maior dificuldade que já passou em sua profissão?
- 5) Há quantos anos você trabalha nos Correios?
- 6) Você gosta dessa profissão? Por quê?
- 7) Você tem noção de quantos km você percorreu durante esses anos?
- 8) Qual é o maior desafio dessa profissão?
- 9) Tem alguma história de algum cliente que você não se esquece?
- 10) Têm clientes e pessoas que oferecem água ou bolo?
- 11) O que não pode faltar na bolsa de um carteiro?

- 12) O que você faz quando chove?
- 13) As bicicletas são dos Correios?
- 14) É legal trabalhar nos Correios? Qual curso se faz para ser carteiro?
- 15) Acha nossa cidade grande?
- 16) Qual é o salário de um carteiro?

Alunos de uma Sala de Recursos Multifuncional apresentando tantos resultados em termos de interação e aprendizagem nas aulas demonstram ao professor quanto é significativa valorizar o aluno com deficiência e/ou transtornos, que eles aprendem quando o que lhes é proposto tem significado.

Imagem 9 – Alunos assistindo entrevista sobre a profissão do carteiro



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Após as questões serem elaboradas e os erros ortográficos serem corrigidos por mim, sorteiei 2 questões para que cada aluno as fizesse na próxima aula, qual seria com a presença e visita do nosso amigo carteiro Renan. Saliento que, para que fosse possível a visita de Renan, fui até a agência central dos Correios de Campo Mourão, fui recebida, falei do projeto, fizeram várias perguntas e destacaram quão interessante consideravam a proposta. Então a partir daí o contato foi por *WhatsApp* com o chefe da central, Adilson. Adilson solicitou um pedido de Ofício (Anexo D), este foi feito e enviado pelo colégio solicitando a visita de um carteiro ao responsável da Central de Correios de Campo Mourão Pr. Adilson escolheu um de seus carteiros para vir até nossa escola, o Renan Martins dos Santos, que ficou famoso entre os alunos. Renan chegou no dia 26-08-2024 com certa insegurança, fizemos todos uma roda de conversa para aguardá-lo, e enquanto o esperávamos fomos todos repassando as questões, fazendo um treino como repórteres mirins.

Renan chegou, se assentou junto conosco, foi recebido com empolgação, eu o agradei por ter ido até à escola, disse que os alunos haviam feito algumas questões e que eles iriam então a partir daquele momento entrevistá-lo. Os alunos fizeram suas perguntas, escutaram as respostas do Renan, interagiram muito com ele, até mesmo comentavam após as respostas, mostrando bastante curiosidade e interesse. Depois de acabar a entrevista, todos agradeceram, tiramos fotos e Renan mencionou estar muito feliz pelo momento e que se sentia como um ator famoso.

Imagem 11 – Visita do carteiro Renam na turma





Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Antes de ir embora, agradei ao Renan por toda disponibilidade e interesse qual o Correio havia demonstrado em participar e contribuir com o projeto, e então ele disse algo que me deixou feliz: “Eu vim um pouco receoso, sem saber como eu deveria lidar com as crianças, tomar cuidado como e o que falar com eles, pensei que seria mais difícil, vim até um pouco com medo, pois quando se fala de alunos com deficiências não imaginamos que eles fossem assim.” Com essa prática de interação e diálogo proposto por meio de entrevista, o aluno foi protagonista de suas próprias questões, sentiu que o que ele fez teve importância, ouvir as histórias e ensinamentos que o outro traz e tem a me contar, e que por meio do ouvir e do interesse em querer saber sobre, é que acontece o aprender, e essas experiências contribuem para que os alunos pensem sobre as pessoas que muitas vezes são anônimas e que todos os dias trabalham e compõem uma história de vida e de trabalho, trabalho este, que faz parte de uma sociedade que se movimenta com a interação social de várias profissões. Porém, nesse dia Renan não se sentiu um anônimo que não fez nada de diferente durante todos esses anos de trabalho. Saiu da sua rota, conheceu crianças interessadas em ouvir sobre aquilo que ele faz, percebendo que os alunos eram especiais sim e que ele e seu trabalho também. Após ir embora, os alunos escreveram as respostas que ele havia dado às questões e comentamos sobre a visita dele em nossa sala, os mesmos demonstraram ter gostado bastante do traje dos Correios usado pelos carteiros.

- Professora vamos agora escrever as cartas? Sinceramente, perdi as contas de quantas vezes escutei essa pergunta, e que bom, mas já estávamos quase próximos de iniciar, faltava ainda uma proposta para fundamentar tudo que iríamos fazer e prepará-los melhor para isso, no caso ainda faltava a visita até a central dos Correios de Campo Mourão.

Para minha alegria, é próximo ao colégio, considerando de a pé umas 8 quadras, e assim combinei com Adilson, gerente da Agência, o dia e hora. Bilhetes foram enviados aos pais, e assim chegou o esperado dia, os alunos eufóricos esperando, pois iriam juntos passear e fazer algo diferente, fora do comum e de sala de aula. Não imaginavam a aprendizagem que havia fora das quatro paredes comum a eles.

Imagem 12 – Caminhando pela cidade rumo a central de correios da cidade



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Quanta alegria pude notar quando saíram da escola para poder passear com os amigos, fazer algo diferente, e ao andar, fomos falando e observando a rua, o que tem nela, os comércios, as empresas, e eles comentavam os lugares que já passaram e conheciam. Observavam que os motoristas identificavam se tratar de alunos, e sempre paravam para que pudéssemos passar pela faixa de pedestre, e em meio às conversas enquanto íamos surge uma ideia do aluno Mateus para que todos fôssemos confraternizar esse momento na lanchonete após a visita.

Enfim, chegando até a Agência, Adilson nos recebeu e os funcionários todos trabalhando e ao mesmo tempo observando os alunos, e é perceptível que o cotidiano repetitivo por um momento tem algo de diferente, todos trabalhando e ao mesmo tempo simpatizavam com os alunos, que curiosos queriam ver tudo e perguntar sobre tudo. De repente, avistaram Renan e foram o cumprimentar eufóricos e contentes.

Imagem 13 – Visita a central de correios de Campo Mourão – Pr







Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Após Adilson mostrar todo o setor de cartas, explicou como faz a separação, o que se mostra na TV que fica na parede com dados de entregas. Após seguimos por todos os setores, os funcionários cumprimentando os alunos e explicando qual etapa de trabalho pertenciam e como funcionava. Eles viram todo o processo desde a chegada até a saída das cartas e encomendas. Em certo momento entraram até na cozinha, lá haviam coisas que lhes despertaram interesse, muitos troféus, de vários tamanhos, uns pratas, outros bronze, outros dourados. Adilson explicou que ganhavam quando faziam torneios de futebol e xadrez entre os funcionários. O que mais fez sucesso foram as motos e bicicletas. Quiseram tirar foto com um carteiro que estava de saída para as entregas, que ficou todo animado e buzinando e após todos tirarem fotos nas bicicletas e motos ouviram o que Adilson podia lhes explicar sobre, como por exemplo, que as bicicletas serão substituídas por bicicletas elétricas, que as bicicletas comuns serão leiloadas, e que os funcionários mais velhos preferem trabalhar no setor interno ou com a bicicleta.

Imagem 14 – Conhecendo os objetos de trabalho dos carteiros e seus protagonistas







Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Eles puderam conhecer também uma senhora que trabalha lá há 35 anos, a mais velha funcionária (senhora da última foto acima). Essa informação foi concedida por Adilson no momento que a apresentou aos alunos. Por fim, fomos para o estacionamento das vans e carros dos Correios, uma van estava aberta, e quando vi, os alunos estavam lá dentro junto com as encomendas, tirando suas selfies. Pelo jeito, tudo estava sendo divertido. Após esse momento, Adilson os mostrou uma carta de um detento, e que essas cartas geralmente são as que mais eles recebem para serem entregues como meio de comunicação, haja visto que nos presídios os detentos apenas podem se comunicar externamente por meio de cartas. Cartas essas que são supervisionadas antes de serem entregues, por isso, algumas eles podem ver os conteúdos, acrescentando que nessas cartas sempre há muitos desenhos que são feitos pelos detentos para seus familiares. Após esse dia de aula fora das paredes de nossa sala, eu e os alunos conhecemos alguns personagens da vida comum. Gratificante foi até então tal parceria. Os agradei, e para a foto final antes de irmos embora, os alunos dizem “Vem Renan!” e lá vem o Renan correndo todo feliz. Sinceramente, Renan também aprendeu muito.

Imagem 15 – Momentos finais da visita à Central dos Correios





Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Nos despedimos, e voltando para escola, na rua eles comentavam uns com os outros das coisas que viram, do que havia despertado maior curiosidade e interesse. Nos dirigimos até uma lanchonete para comemorar esse dia de aprendizagem, um tempo livre que enriqueceu ainda mais o contato entre eles frente aos momentos de experiência da visita aos Correios.

Imagem 16 – Tempo livre após a visita à Central dos Correios



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Dessa forma, os conhecimentos históricos em torno do que fundamenta a prática da escrita de cartas foram trabalhados objetivando que a escrita delas pudessem ter um olhar do quanto há de história e o fazem história, na qual as aulas buscaram contribuir no ensino aprendizagem dos alunos, resgatando de diversas maneiras o papel da escrita epistolar, seus efeitos, suas cargas emocionais, suas denúncias, suas memórias e as mais diversas contribuições históricas que as cercam.

3.1 O tão esperado momento: a escrita das primeiras cartas!

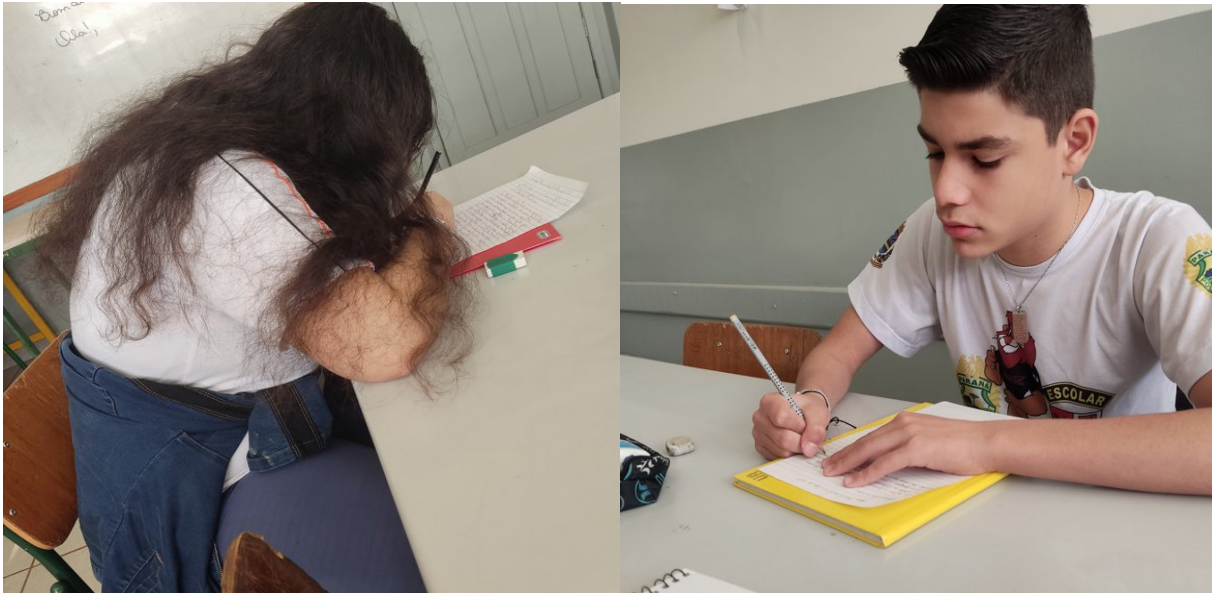
*Eu também gosto de música, de pintar,
de correr, de conversar e dormir,
nós somos muito parecidos.
(Thomas, 2024)*

O tão esperado momento chegou! O próximo passo, em uma aula seguinte, ocorrida dia 03/09/2025, iniciamos a escrita das primeiras cartas. Para isso, mostrei um roteiro que havia preparado para orientá-los nas escritas (Apêndice 2), relembrei sobre o que estudamos, as informações principais, a saudação inicial e final e que os deixariam livres para escreverem suas cartas e que após eu faria as correções ortográficas necessárias. Antes de tudo, falei para os alunos os nomes dos idosos do Lar, que foram selecionados para participarem do projeto. Nesta lista enviada previamente a mim pela psicóloga do Lar haviam 9 nomes de idosos, li para os alunos, que acharam engraçados alguns nomes, nomes não mais usuais na atual época, já percebendo a diferença entre as gerações. Depois, realizei um sorteio para ver que aluno se

comunicaria com qual idoso. As correções ortográficas da maior parte das cartas foram realizadas juntamente com os alunos antes de serem enviadas.

Os nomes que serão mencionados a seguir são os nomes verídicos dos envolvidos no trabalho, e todos são utilizados mediante prévia autorização conforme Anexo C em que os pais ficaram cientes que os filhos participariam do projeto. Prosseguindo, ao ouvir os nomes Mateus não quis sorteio, quis escrever para Maria de Lurdes e todos concordaram. Seguindo, Thomas também quis escolher o senhor Irineu, todos também concordaram. O restante participou do sorteio, e todos demonstraram gostar do amigo sorteado. Samuel 1 escreveu para Ivone, Samuel 2 escreveu para Viturina, Ariel escreveu para Alzirina, Davi para Dorival, Laura para Margarida, Maria Vitória para Ana e Luan para José.

Imagem 17 – Concentração para escrever as primeiras cartas



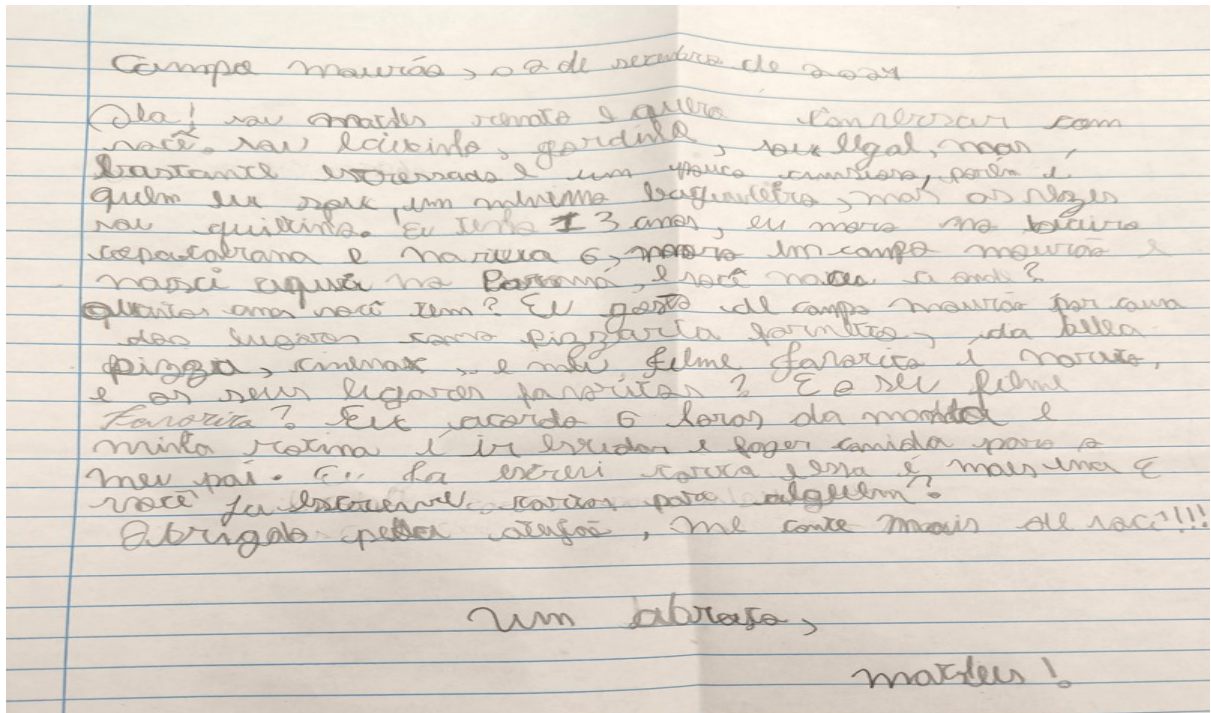
Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Na primeira escrita de cartas intitulada autobiografia, 03-09-2024, os alunos ficaram um pouco confusos no que escrever, até porque era a primeira carta para alguém ainda não conhecido, apenas imaginado, pois ainda iriam construir por meio das falas das cartas a intimidade e aos poucos conhecendo o novo amigo do Lar, e também os idosos desse local aos alunos, mas aos poucos foram entendendo como se autodescrever, colocando cada um suas características físicas e o que mais consideravam pertinente registrar, como cor do cabelo, raça, cor da pele, altura, apelido, de qual cidade vieram ou sempre moraram, os lugares que gostavam de frequentar na cidade, sendo que a maior parte dos alunos relataram ser a praça, lanchonetes e o Parque do Lago, falaram sobre o cotidiano e o que mais gostavam de fazer durante o dia, o

que foi bem diferente das respostas dos idosos, e além disso, falaram sobre suas origens, entendendo que cada um de nós temos uma história a partir do momento que nascemos, que é construída em um cidade, um estado e um país.

Imagem 18 – As primeiras cartas escritas

Transcrições abaixo das cartas

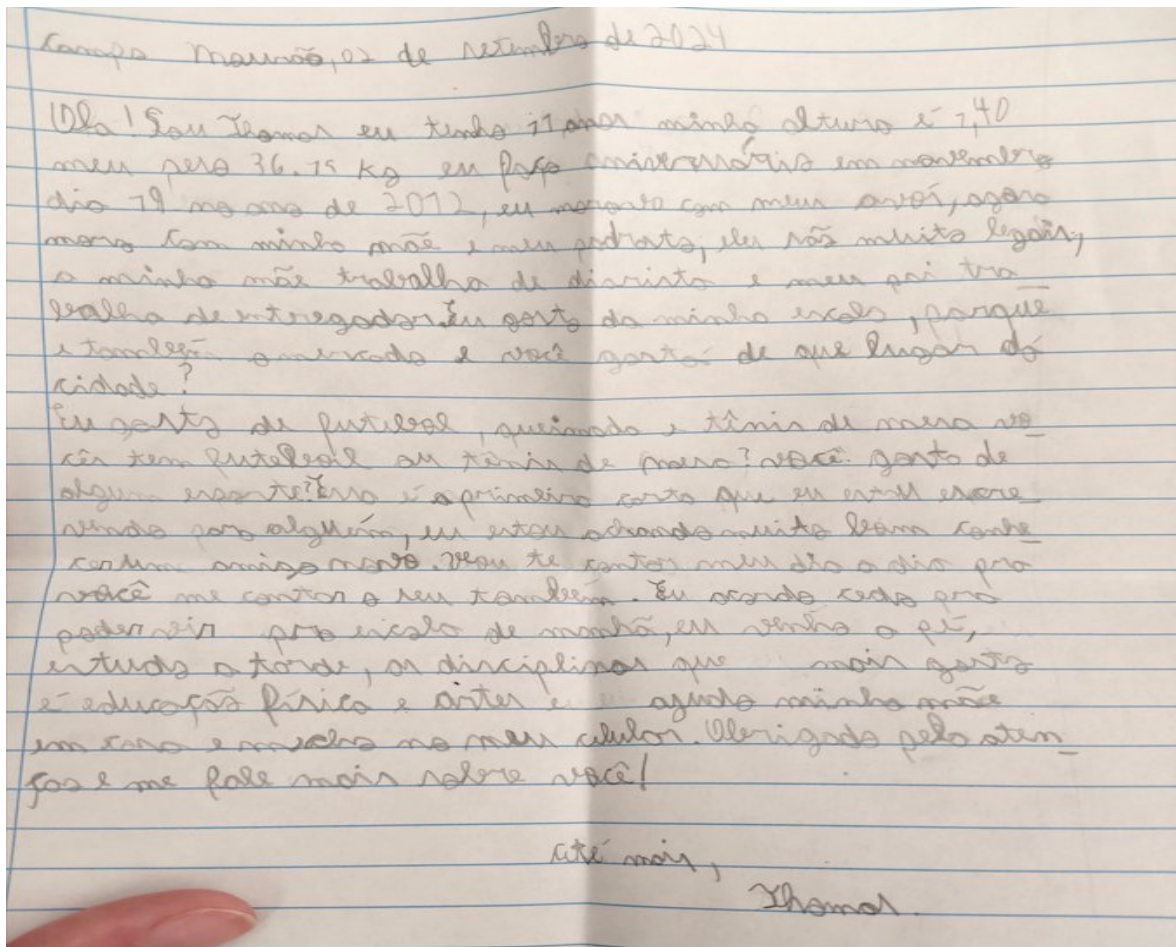


Campo Mourão, 02 de setembro de 2024.

Olá! Sou Matheus Renato e quero conversar com você, sou baixinho, gordinho e sou legal, mas um pouco estressado e um pouco ansioso, porém é quem eu sou, um pouco bagunceiro, mas às vezes sou quietinho. Eu tenho 13 anos, eu moro no Bairro Copacabana e na rua 6, moro em Campo Mourão e nasci aqui no Paraná. E você mora onde? Quantos anos você tem? Eu gosto de Campo Mourão por causa dos lugares como pizzaria Fornetto, Bela Pizza, Cinemax ver meu filme favorito Naruto, e os seus lugares favoritos? E o seu filme? Eu acordo 6 horas da manhã e minha rotina é ir estudar e fazer comida para o meu pai. Eu já escrevi carta e essa é mais uma, e você já escreveu cartas para alguém? Obrigado pela atenção, me conte mais de você!!!

Um abraço,

Matheus!

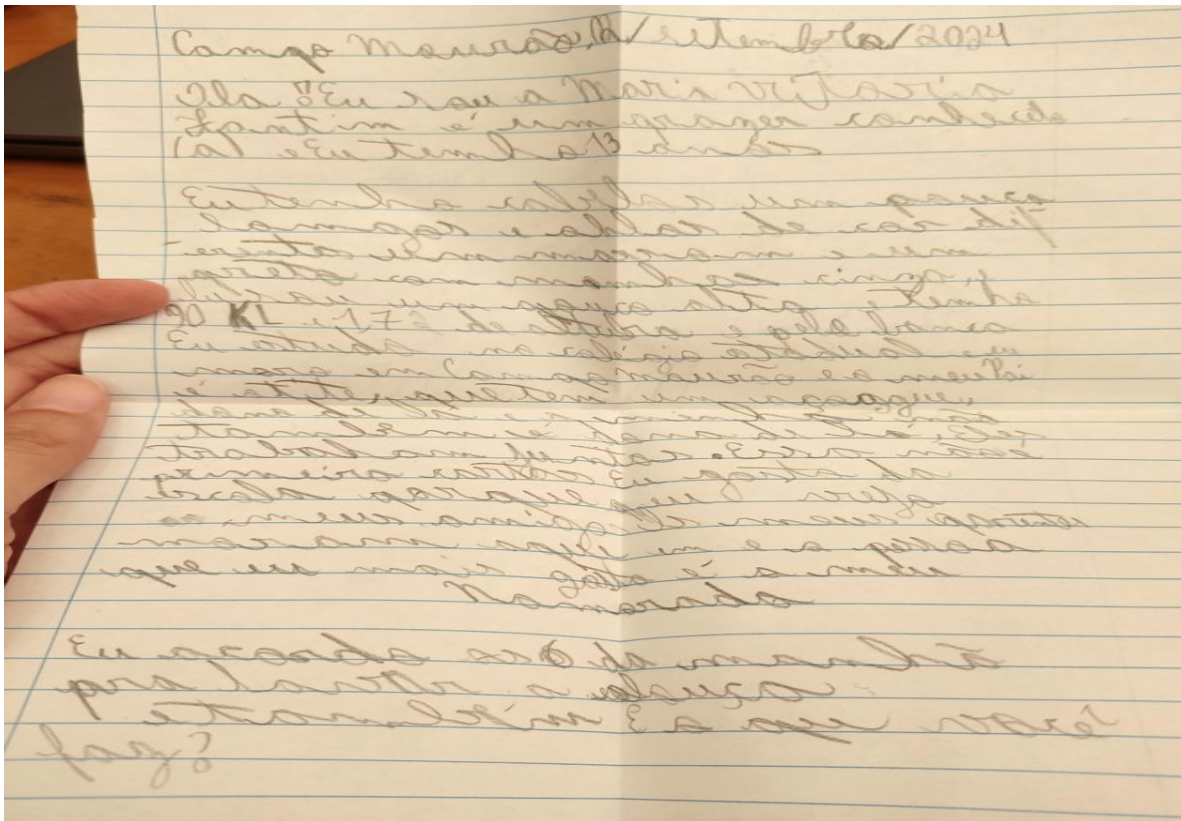


Campo Mourão, 02 de setembro de 2024

Olá! Sou Thomas, eu tenho 11 anos, minha altura é 1,40 meu peso 36,15 kg, eu faço aniversário em novembro, dia 19 no ano de 2012, eu moro com meus avós, moro com minha mãe e meu padrasto, eles são muito legais, a minha mãe trabalha de diarista e meu pai trabalha de entregador, eu gosto da minha escola, parque e também mercado e você gosta de que lugar da cidade?

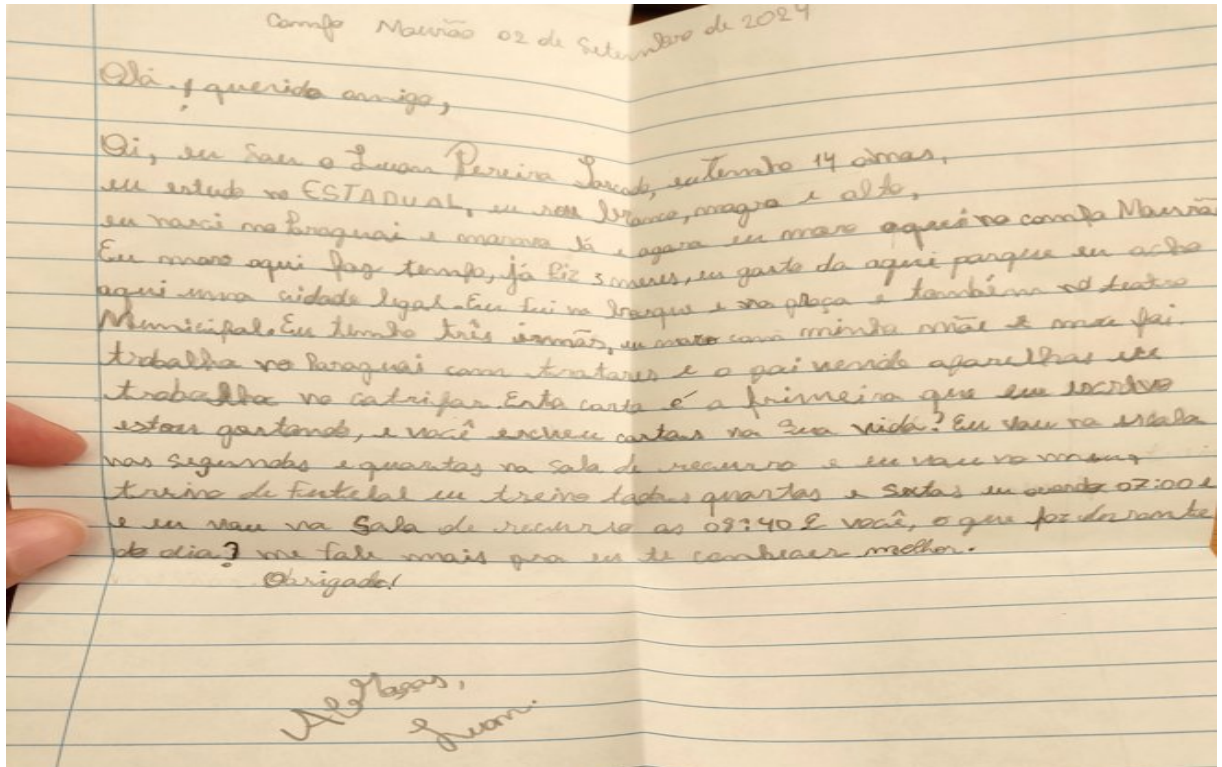
Eu gosto de futebol, queimada e tênis de mesa, você tem futebol ou tênis de mesa? Você gosta de algum esporte? A primeira carta que eu estou escrevendo para alguém, eu estou achando muito bom saber sobre meu amigo novo, e vou contar mais do meu dia a dia para você me contar o seu também. Eu acordo cedo para poder ir para escola de manhã, eu venho a pé, estudo a tarde, as disciplinas que mais gosto é educação física e artes, eu ajudo minha mãe em casa e mexo no meu celular. Obrigado pela atenção e me fale mais sobre você!

Até mais, Thomas



Campo Mourão, 02 de setembro de 2024

Olá, Eu sou a Maria Vitória Fantin, é um prazer conhecê-la e eu tenho 13 anos. Eu tenho cabelos um pouco longos e olhos de cor diferente, um marrom e um preto com manchas cinzas. Eu sou um pouco alta e tenho 90 kl e 1.72 de altura e pele branca e eu estudo no colégio estadual e eu moro em Campo Mourão e meu pai é o Tite, que tem um açougue, dono de lá, e a minha mãe também é dona de lá. Eles trabalham juntos. Essa não é minha primeira carta. Eu gosto da escola porque eu vejo os meus amigos. Os meus parentes moram aqui e a pessoa que eu mais gosto é do meu namorado. Eu acordo as 6 hrs para lavar a louça, e você o que faz?



Campo Mourão, 02 de setembro de 2024

Olá, querido amigo,

Oi, eu sou o Luan Pereira Forcado, tenho 14 anos. Eu estudo no Estadual, eu sou branco, magro e alto. Eu nasci no Paraguai e morava lá, mas agora eu moro aqui em Campo Mourão.

Eu moro aqui faz um tempo, já faz 3 meses, eu gosto daqui porque eu acho que é uma cidade legal.

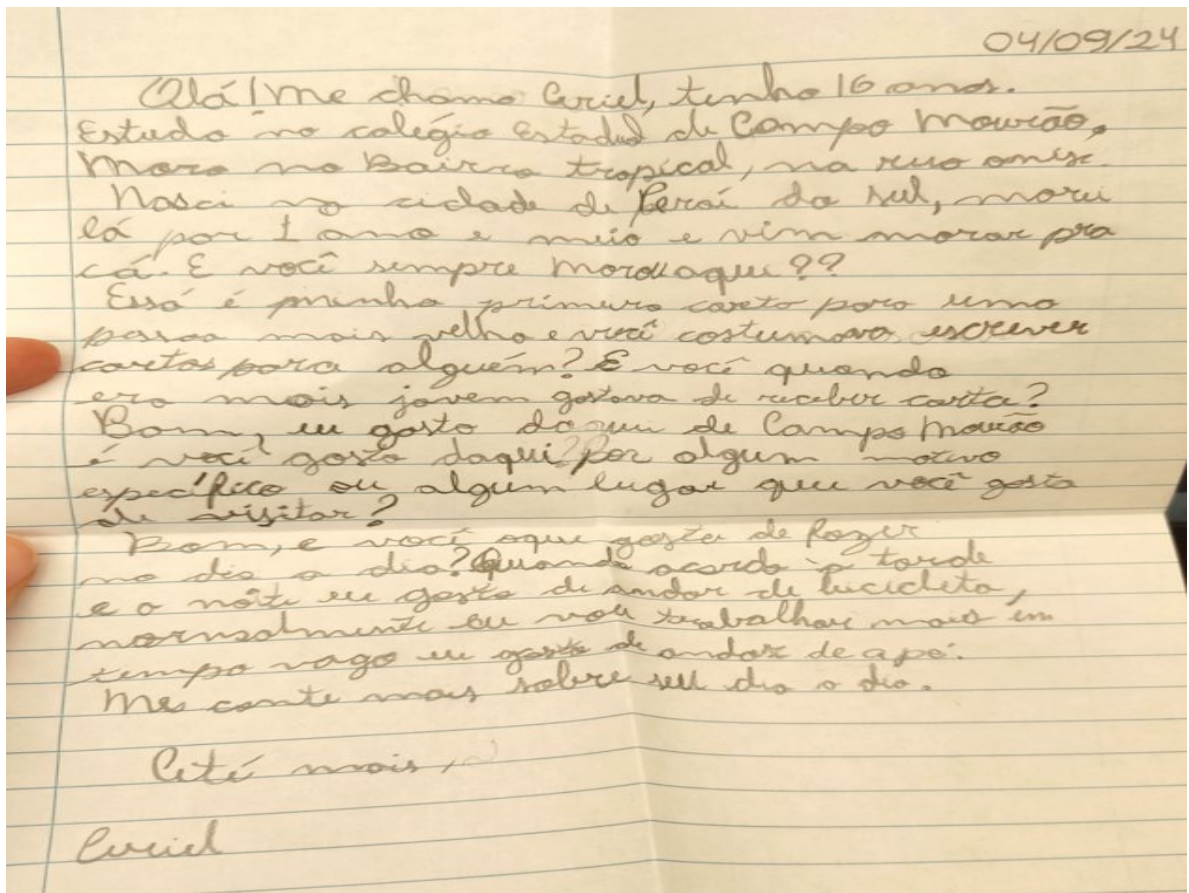
Eu já fui no bosque, na praça e também no teatro Municipal. Eu tenho três irmãos, eu moro com minha mãe e meu pai trabalha no Paraguai com tratores e o pai vende aparelhos e trabalha no Catrifar.

Esta carta é a primeira que eu escrevo, estou gostando, e você escreveu cartas na sua vida?

Eu vou na escola nas segundas e quartas na sala de recurso e eu vou no meu treino de futebol, eu treino todas quartas e sextas, segunda às 7:00 e eu vou na sala de recurso às 09:00.

E você, o que faz durante o dia? Me fale mais para eu te conhecer melhor.

Obrigado!



04/09/24

Olá, meu nome é Ariel, tenho 16 anos. Estudo no Colégio Estadual de Campo Mourão.

Moro no bairro Tropical na rua Onix.

Nasci na cidade de Perói do Sul, no Paraná. Morei lá por um ano e meio e depois vim morar aqui. E você, sempre morou aí?

Essa é minha primeira carta para uma pessoa mais velha e você costumava escrever cartas para alguém? E você, quando era mais jovem, gostava de receber cartas?

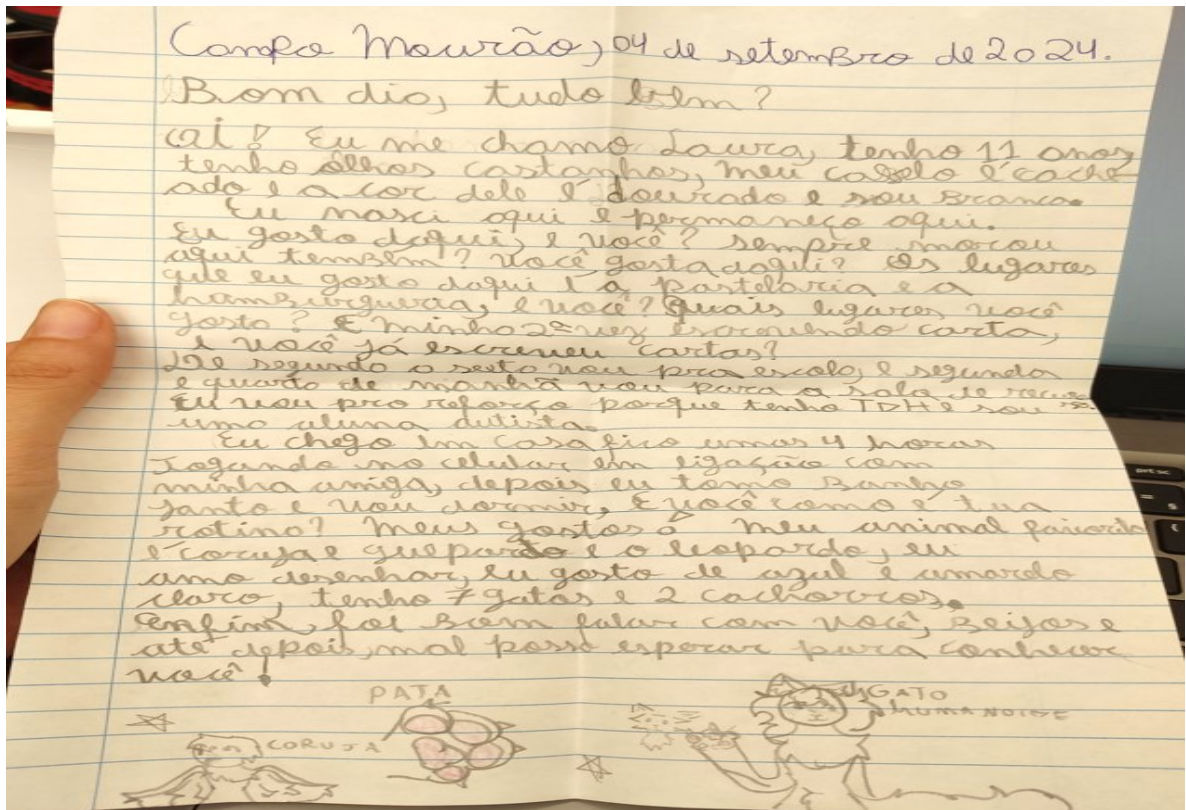
Bom, eu gosto daqui de Campo Mourão. E você, gosta daí? Por algum motivo específico?

Algum lugar que você gosta de visitar?

Bom, e o que você gosta de fazer no dia a dia? Eu acordo à tarde e à noite gosto de andar de bicicleta. Normalmente eu vou trabalhar, mas no tempo vago eu gosto de andar de a pé.

Me conte mais sobre seu dia a dia.

Até mais, Ariel



Campo Mourão, 04 de setembro de 2024.

Bom dia, tudo bem?

Oi! Eu me chamo Laura, tenho 11 anos. Tenho olhos castanhos, meu cabelo é cacheado e a cor dele é dourada. Eu sou branca.

Eu nasci aqui e sempre morei aqui. Eu gosto daqui. E você, sempre morou aí também? Você gosta daí? Quais são os lugares que você gosta?

Os lugares que eu gosto daqui são a pastelaria e a hamburgueria. E você, quais lugares gosta?

É minha segunda vez escrevendo cartas. E você, já escreveu cartas?

De segunda a sexta eu vou para a escola. De manhã eu vou para a sala de recursos, porque tenho TDAH e sou uma aluna autista.

Quando chego em casa, fico umas 4 horas jogando no celular ou em ligação com minha amiga. Depois eu tomo banho, janto e vou dormir. E você, como é sua rotina? Quais são seus gostos? Meu animal favorito é a coruja, o guepardo e o leopardo. Eu amo desenhar. Gosto das cores azul e amarelo claro. Tenho 7 gatos e 2 cachorros.

Enfim, foi muito bom falar com você. Beijos e até depois. Mal posso esperar para conhecer você!

Campo Mourão, 4 de setembro de 2024.

Olá, Bom dia! Você está bem? Bom, eu espero que sim!

Oi, oi o meu nome é Samuel, eu tenho 14 anos e minha cor favorita é azul e preto. E qual é a sua cor favorita? Bom, o meu gosto de música é rap e o seu? Você tem um gato de música? Olha, eu nunca fui muito de escrever cartas, mas mudando de assunto, eu tenho 1,62m de altura, sou moreno e a cor do meu cabelo é preto e eu uso máscara. E você?

Bom, eu não nasci aqui, eu morava em São Paulo, mas vim para cá com mais ou menos 7 anos de idade. E você, sempre morou aqui? Eu sempre fui uma pessoa arrogante e eu não ligava para ninguém, mas eu mudei. E você, já escreveu cartas? Essa é a quinta vez que eu escrevo. Bom, o meu dia a dia é bem diferente, então não consigo falar muito sobre isso. Mas você tem um dia a dia específico? Bom, fique bem e se cuide!

Abraço e se cuide tá!
Assinado por: Samuel Jefferson

Campo Mourão, 4 de setembro de 2024.

Olá, bom dia! Você está bem? Bom, eu espero que sim!

Oi, o meu nome é Samuel, eu tenho 14 anos e minha cor favorita é azul e preto. E qual é a sua cor favorita?

Bom, o meu gosto musical é rap. E o seu? Você também gosta de música? Olha, eu nunca fui muito de escrever cartas, mas mudando de assunto, eu tenho 1,62m de altura, sou moreno e a cor do meu cabelo é preto e eu uso máscara. E você?

Bom, eu não nasci aqui. Eu morava em São Paulo, mas vim para cá com mais ou menos 7 anos de idade. E você, sempre morou aqui? Eu sempre fui uma pessoa arrogante e eu não ligava para ninguém, mas eu mudei. E você, já escreveu cartas? Essa é a quinta vez que eu escrevo. Bom, o meu dia a dia é bem diferente, então não consigo falar muito sobre isso.

Mas você tem um dia a dia específico?

Bom, fique bem e se cuide!

Abraço e se cuide tá!

Assinado por: Samuel Jefferson.

Campo Mourão, 09 de Setembro de 2024
 Segunda-feira
 Olá Tudo bem

Eu sou o Davi, tenho 11 anos vou fazer 12 anos de idade e você? Desculpe-me se você for mulher sou branco, alto, moreno, moreno guarda, tenho cabelos seu cabelo e você é daqui? Eu moro na casa catana. Eu moro na sua Roberta Brerenti. meu pai é paulista. Ela é minha primeira carta? Tem lugares que gosto muito de ir Bom bar e uma choperia que tem pizza e vários outros tipos de comida, também tem a Passilim, não tem pizza, mas tem hambúrguer, espetinhos, cachorro-quente e meu lugar preferido é o Chitão onde sushi, você gosta de morar aqui? Daqui alguns dias vou fazer natação vou fazer de manhã. De tarde vou para a escola, depois, vou para casa e a maioria do tempo fico ouvindo música de Alexandre Luperon e Judas e outro e também fico jogando no celular que tipo de música você ouve

Até mais, espero uma resposta sua.

Campo Mourão, 09 de setembro de 2024

Segunda-feira

Olá, tudo bem?

Eu sou o Davi, tenho 11 anos, vou fazer 12 anos de idade e você? Desculpe-me se você for mulher. Têm lugares que eu gosto muito de ir. Bom bar, tem uma choperia que tem pizza e vários outros

Até mais, espero uma resposta sua.

Alguns alunos relataram ser suas primeiras cartas escritas, outros estavam empolgados em escrever com autonomia, haja visto que em tempos atuais, a escrita tem sido escassa, muitos não apresentam sequer interesse de praticá-la, conforme observo no dia a dia em sala de aula. Presenciar o querer se comunicar e falar sobre si para o outro, se expressar, aliado a todo conhecimento prévio estudado sobre as cartas, de como foram historicamente evidentes para compor momentos vividos, lembrar um ente querido, contar um período histórico, um passado de gerações diferentes das atuais, movimentação e modificação que têm origem, que têm um início, como nossas vidas, cada um com sua história. Entender que existem muitos outros no mundo, que fizeram e fazem suas histórias, e quanto vital é o passado que compõe uma geração de agora.

Cartas todas escritas, corrigidos os erros ortográficos, o próximo passo foi ir até ao Correio levar as cartas. Previamente agendei com o Correio, no caso não seria a mesma central e sim uma agência, em localidade diferente, e Adilson já havia deixado avisado os funcionários da agência sobre nossa ida e também uma responsável, Melina Torres, para nos receber e mostrar o processo de protocolo e colagem do selo e carimbo. Tudo se dispuseram a realizar de forma gratuita.

No dia 11/09/2024 fomos todos ao Correio levar nossas primeiras cartas. Ao andar pelas ruas da cidade, os alunos percebem coisas que ainda não haviam notado, onde há farmácias, onde há algum prédio, andar pela cidade e se localizar, o caminho para chegar ao destino, alguns disseram “eu moro para lá, eu moro perto de tal lugar”, e assim, andando, contando histórias, chegamos. Ao entrar pude perceber como para os alunos o lugar era novo, desconhecido.

Imagem 19 – Saindo do Colégio para ir a agência dos correios levar as primeiras cartas





Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Fizeram a fila para cada um entregar suas cartas, Melina prontamente mostrou e explicou o processo de registro e envio das cartas, com os olhos brilhando os alunos ficaram eufóricos ao ver que em suas cartas havia sido colado um selo autêntico do Correio. O selo fazia sentido, pois estudamos sobre, e entenderam sua utilidade, além disso ganharam um selo de lembrança com o tema profissões e instrumentos musicais.

Em seguida, após todas as cartas registradas, visitaram o interior do Correio, fizeram perguntas para Melina que os guiou. Interagiram com os funcionários. Objetivo concretizado e a pergunta muda: “Professora, quando vai chegar nossa carta?!” Esse processo de espera, de calma, ansiedade fazia todo sentido, mas tiveram que aguardar até que chegasse a resposta de suas cartas, um tempo de aproximadamente duas semanas.

Imagem 20 – Melina Torres recebendo os alunos e suas cartas, direcionando-os a uma visita interna pela agência explicando sobre o trabalho ali desenvolvido





Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Os alunos combinaram entre si de levar dinheiro nesse dia para passar numa lanchonete comer pastel! Já haviam pedido a autorização previamente, os pais foram comunicados e concordaram, e após entregarmos as cartas, todos fomos comemorar as primeiras cartas escritas para seus novos amigos.

Imagem 21 – Tempo livre após vivenciar a entrega das primeiras cartas na agência dos correios



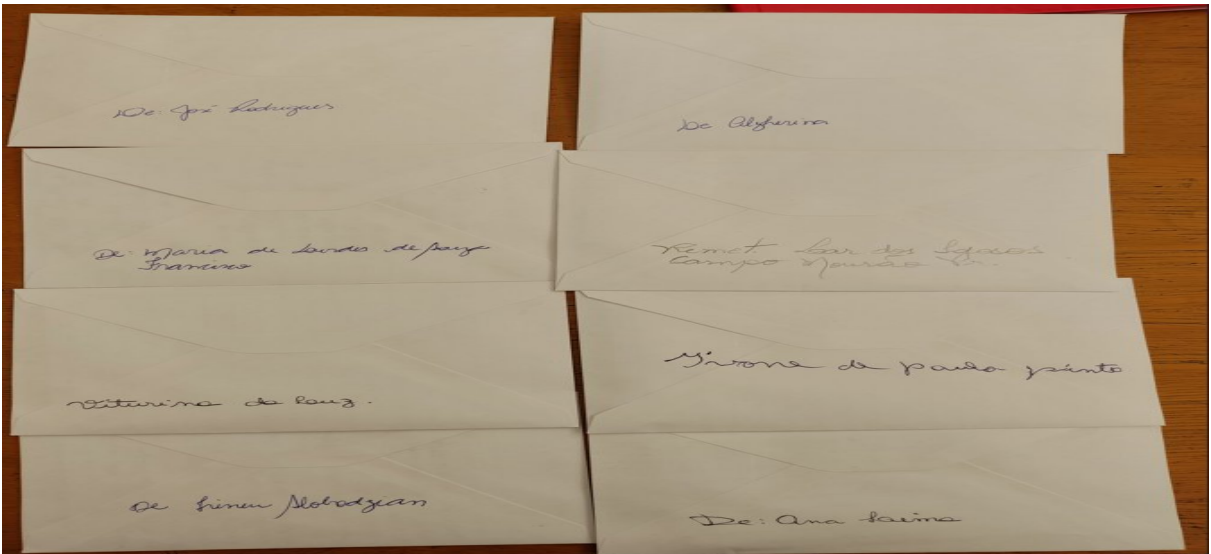
Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Depois de uma semana, o Lar dos idosos recebeu as primeiras cartas pelo correio, que as guardaram para que na data de 18-09-2024 as fossem entregues junto com a psicóloga para poder abri-las e lê-las aos idosos. Em todos os dias de os idosos receberem as cartas e le-las eu estive presente para auxiliar na leitura e escrita das cartas respostas. Dos 9 idosos, apenas 2 sabiam ler. As Senhoras Margarida e Ivone. Margarida recebeu sua carta mal humorada, sem saber quem estava escrevendo e sem entender direito o que estava acontecendo, a psicóloga relatou que naquele dia ela estava estressada, porém quando leu a carta, tudo mudou, se animou, leu primeiro que todos os outros, já pediu uma folha e um lápis e respondeu todas as perguntas de Laura. Todos os idosos que foram selecionados pelo Lar para participarem foram colocados em uma sala, chamada Sala de Artes, lá quiseram me mostrar seus quadros feitos a mão, e ali, para os idosos que não sabiam ler, íamos aos poucos lendo suas cartas, e eles ouvindo, e aos poucos entendendo que crianças estavam escrevendo para eles, e que teriam um amigo por meio de cartas. Foi um momento memorável ver a participação dos idosos, a receptividade em saber que um dia aquele que estava lhe escrevendo cartas iriam visitá-los, começaram a ficar curiosos, fazendo questionamentos. Uma senhora chamada Viturina se demonstrou animada e contente dizia: “ele deve ser lindo, eu já amo ele!”, pegou sua pasta de desenhos e trouxe para que eu escolhesse alguns de seus trabalhos de arte para entregar de lembrança aos alunos. E conforme íamos lendo, os idosos iam respondendo, e íamos escrevendo as cartas conforme as respostas e perguntas para os alunos.

Imagem 22 – Primeiro contato com os idosos do Lar, momento de lerem as primeiras cartas e responderem







Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Imagem 23 – Desenhos que a Senhora Viturina faz no Lar e deu de presente para entregar aos alunos

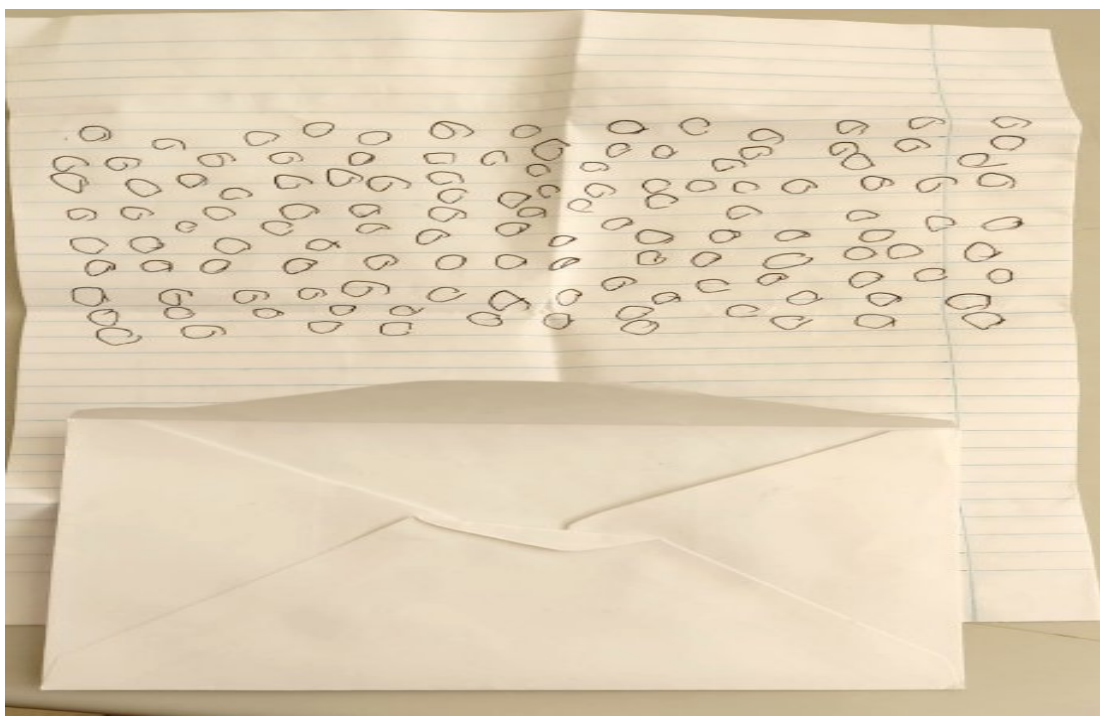


Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Nesse dia, um idoso chamado Carlinhos que estava a caminhar pelo Lar, viu a movimentação, entrou na sala e disse: “É carta? Quero escrever uma carta!”, então entregamos uma folha e ele começou a desenhar bolinhas. Sua maneira de se expressar, participar e interagir.

A atitude do idoso analfabeto que realiza marcas gráficas em forma de “bolinhas” no papel para representar a escrita evidencia a compreensão da função social da linguagem escrita. Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), o processo de construção da escrita ocorre por etapas, sendo a fase pré-silábica caracterizada pela produção de grafismos que simulam a escrita convencional. Ainda que não haja correspondência entre letras e sons, o sujeito demonstra reconhecer que a escrita é composta por sinais gráficos organizados.

Essa compreensão também dialoga com a perspectiva sociocultural de Lev Vygotsky (1984), para quem os signos e símbolos são instrumentos mediadores do pensamento. Assim, mesmo sem alfabetização formal, o indivíduo manifesta uma representação simbólica da escrita. Da mesma forma, Paulo Freire (1989, p.9) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, indicando que o sujeito pode compreender o significado social da escrita antes de dominar seu sistema alfabético.

Imagem 24 – Carta escrita pelo Senhor Carlinho do Lar de Idosos

Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Todas as cartas prontas, cada uma com seu conteúdo, cada uma com um vínculo iniciado, personalidade e característica especial. Momentos especiais vividos ao perceber a emoção de receber uma carta, de ver que alguém pensou em mim, quer ser meu amigo e que uma criança irá lhe visitar. Eu imaginava que os idosos escreviam cartas quando jovens, que iriam me dizer que recebiam muitas cartas, porém quase todos disseram que eram sua primeira cartinha recebida na vida. Terminadas as cartas, todos os idosos assinaram no fim da página delas. Viturina sempre se demonstrava contente em todos os contatos que tínhamos, pegou sua pasta de atividades do Lar em seu quarto, trouxe e pediu que eu escolhesse desenhos que ela pintou. Levei um desenho para cada aluno.

Do dia 04-09 até dia 23-09-2024 eu escutei “Os velhinhos já responderam? Quando vão chegar as cartas deles? Esse processo de ida e vinda das cartas é demorado, sempre agendava antes a melhor data para ir ao Lar, e nesse processo de espera, de ansiedade, para uma geração que vive o imediatismo, o agora, o rápido, foi algo bom, entender o sentimento daqueles que no passado viveram uma realidade diferente, e que a modernidade faz parte do agora. Dia 23-09-2024 entreguei as primeiras cartas dos idosos para eles, que demonstraram alegria, começaram a pular e falar para os que chegavam depois: “A professora está com sua carta” e corriam pegar para ler. A partir daí eu não pedi mais para nenhum deles ler e nem escrever, faziam isso sozinhos. Nesse processo os orientei a ler as cartas e responder comentando o que

eles haviam lhes falado sobre eles e demais detalhes, e após iniciar falando sobre a próxima temática, que além de lhes perguntarem também deveriam falar sobre eles.

Imagem 25 – Alunos lendo as primeiras cartas vindas dos seus amigos do Lar de Idosos e escrevendo as novas cartas



Campo Mourão, 18 de setembro de 2024
 Olá Thomas, tudo bem?
 Eu gosto de música, de pintar,
 de ler, de correr, de conversar,
 de fazer exercícios físicos e dormir.
 Tenho 69 anos e nasci em
 Ludonópolis, perto de Guarapuava, eu
 morava com meu pai, ele já faleceu,
 aprendi com meu irmão a fazer pão.
 Antes de morar aqui eu era
 aventureiro, já conheci Uberlândia, Flórida,
 Goiás, Rio de Janeiro, Mato Branco,
 Terra Rica, Novo Mundo, Acapulco.
 Conheço muitas pessoas e tenho
 muitos amigos.
 Aqui na cidade gosto do
 parque porque tem árvores, frutas,
 tem parquinho e esportes.
 Gosto de futebol, já joguei
 bola com os retiravistas.
 Eu já escrevi outras cartas
 para minha irmã que mora em
 Nova York.
 Eu gosto de morar aqui porque
 aqui é um lugar sereno e de
 amor. Posso ir para tomar café
 e tomar banho, também assisto a
 televisão, exuto a rádio e converso com
 meus amigos.
 Foi muito boa a sua carta,
 gostei de receber a sua carta Thomas.
 Um abraço para você, sua
 mãe e seu pai.
 TIE MEU SUPPLIANT

Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Transcrição das cartas abaixo:

Campo Mourão, 18 de setembro de 2024

Olá Thomas, tudo bem?

Eu gosto de música, de pintar, de ler, gosto de correr, de conversar, de fazer exercícios físicos e dormir.

Tenho 69 anos e nasci em Ludonópolis, perto de Guarapuava. Eu morava com meu pai. Ele já faleceu, aprendi com meu irmão a fazer pão.

Antes de morar aqui eu era aventureiro, já conheci Uberlândia, Flórida, Goiás, Rio de Janeiro, Mato Branco, Terra Rica, Novo Mundo, Acapulco.

Conheço muitas pessoas e tenho muitos amigos. Aqui na cidade gosto de ir ao parque porque tem árvores, frutas, tem pássaros e capivaras.

Gosto de futebol, já joguei bola com os seminaristas. Eu já escrevi outras cartas para minha irmã que mora em Nova York.

Eu gosto de morar aqui porque aqui é um lugar sossegado e de amor, onde eu vou tomar café e tomar banho, também assisto a televisão, escuto a rádio e converso com meus amigos.

Foi muito boa a sua carta, gostei de receber a sua carta Thomas. Um abraço para você, mãe e seu pai.

Irineu.

Resposta do Thomas para seu amigo Irineu:

Compa mouso, 23 de setembro de 2024

Olá Irineu, estou bem e está tudo bem?
 Eu também gosto de música, de pintar, de cozinhar, de conservar e de dormir, mas tenho muita pressa.
 Tenho 17 anos, vou fazer 18 em novembro dia 19.
 E moro aqui Brasil, mas sou minha mãe e meu pai, eu aprendi a jogar ping-pong com meus amigos.
 Eu também sou antiterapeuta, mas não sei se sou melhor do que os outros, e você já encontrou outras tipos de animais?
 Você gosta de outros esporte além do futebol? Eu não jogo com meus amigos, eu jogo futebol de campo na quadra a semi final.
 Eu tenho outras amigos, são muito legais.
 Eu quero ser médico, o que você era quando era jovem?
 Como foi sua infância? Também está sendo muito bem.
 Fiquei melhor de uma semana triste, porque a mãe foi embora e o seu pai?
 Você morava sua vida? A minha foi meu cachorro chocolate.
 E minha, está gostando de animais ou gostando de gato e de cachorro.
 Eu gosto de ler livros de policiais e livros, pegando, escutando música e games de computador, você gosta de quê?
 Qual animal de transporte você mais gosta?
 Qual o estilo de música você mais gosta? Eu gosto de qualquer estilo de música.

Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Campo Mourão, 23 de setembro de 2024

Olá Irineu, estou bem e você, tá tudo bem?

Eu também gosto de música, de pintar, de correr, de conversar e dormir, nós somos muito parecidos. Tenho 11 anos, nasci em Foz do Iguaçu em novembro dia 19. E nasci aqui no Paraná, moro com minha mãe e meu padrasto. Eu aprendi a jogar ping-pong com meus amigos. Eu também era aventureiro, uma vez encontrei um porco-espinho, e você já encontrou vários tipos de animais?

Você gosta de outro esporte além de futebol? Eu só jogo com meus amigos, nós jogamos futebol de campo e perdemos a semifinal.

Eu tenho vários amigos, são muito legais.

Eu quero ser médico, o que você era quando era jovem?

Como foi sua infância? A minha está sendo muito boa.

Essa semana eu tive uma semana triste porque meu amigo foi embora, e o seu qual foi?

Quem marcou sua vida? A minha foi meu cachorro Chocolate.

É mesmo! Você gosta de animais! Eu gosto de gato e de cachorro.

Eu gosto de brincar de polícia e ladrão, pega-pega, esconde-esconde e guerra de cone. Você gosta de quê?

Qual o meio de transporte você mais gosta?

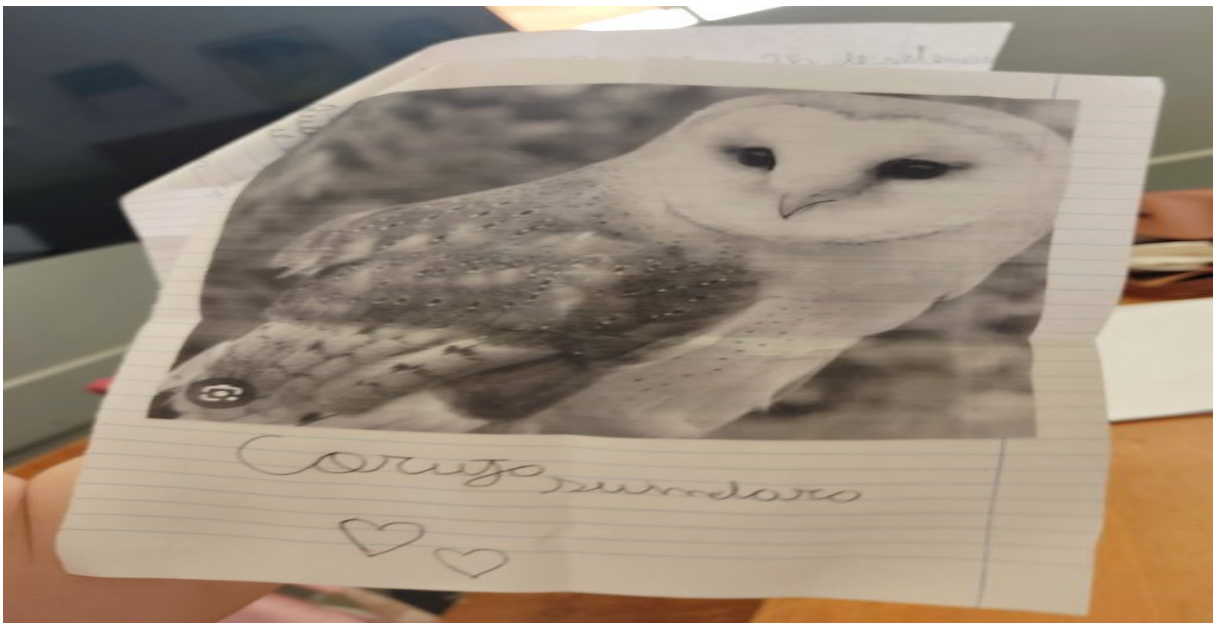
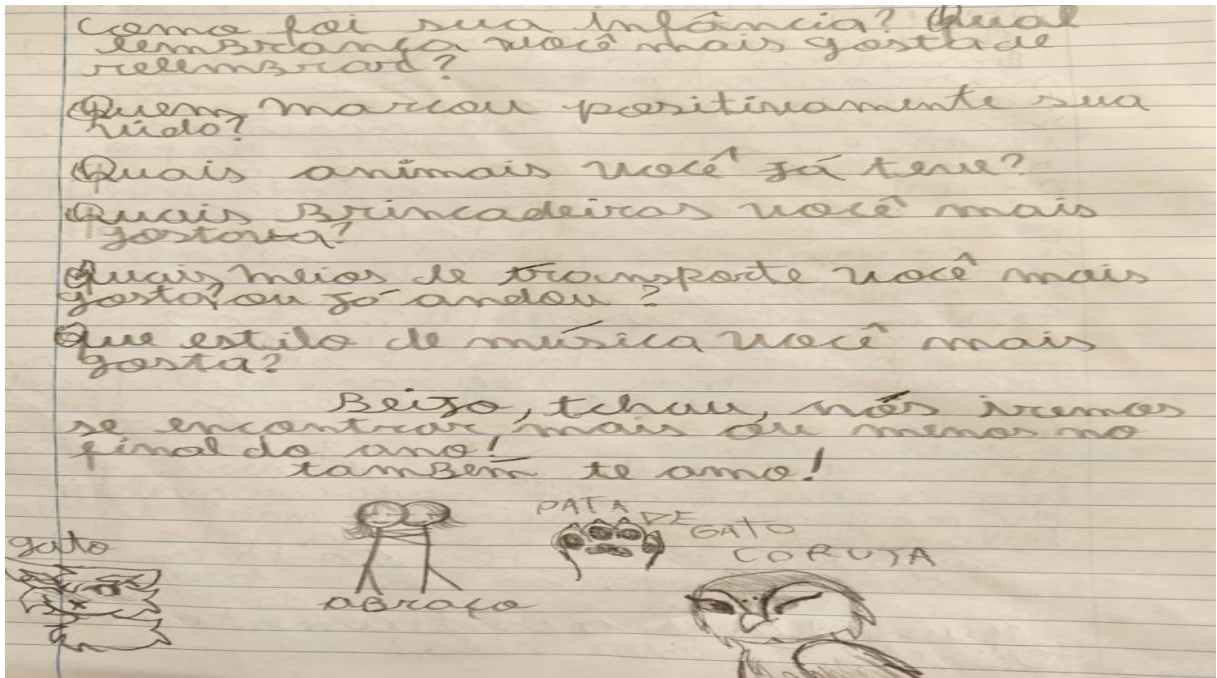
Qual o estilo de música você mais gosta? Eu gosto de qualquer estilo de música.

A partir da primeira remessa de cartas entregues pelos Correios, as próximas eu levei em mãos ao Lar, pois ir até à Agência fez parte de uma experiência e entendimento para a primeira vez de envio. Então no dia 05-10 voltei ao Lar para entregar a segunda carta para os idosos. Me reconheceram, e alguns diziam: “Tem mais uma carta? Achei que você não iria mais voltar!”. Falas como essas nos põe a refletir sobre criar um vínculo duradouro. Todos idosos reunidos, começamos a ler suas cartas, que foram escritas de acordo com a segunda temática, intitulada: Lembranças (Apêndice 2). Nessa etapa, os temas giraram sobre lembranças de infância, tanto das crianças que contaram sobre seus gostos e suas perspectivas de futuro, ao passo que os idosos relatavam suas experiências do passado, e assim começam os alunos a notarem a diferença entre as gerações, palavras que não sabiam o significado, como por exemplo o arado, o que seria arar a terra, como funcionava as colheitas de algodão, como funcionava a prática de corte de cana. Algumas senhoras relataram que desde muito jovens

tiveram que trabalhar em casas de família, ficando nessa casa até mais senhora, e ali no Lar um dia a deixaram. Outro senhor relata que estudou até a quarta série, apenas tem memórias de que no caminho de estrada de terra ele gostava de arremessar mamonas, essa era uma de suas brincadeiras, e ao passo que as cartas e lembranças ali eram escritas, eles se emocionavam, e tantas coisas foram escritas sobre suas profissões, sobre seus passados e lembranças de crianças.

Imagem 26 – Carta escrita pela aluna Laura para a Senhora Margarida

Campo Mourão, dia 25 de setembro
 Oi, tudo bem?
 Eu vou responder suas perguntas!
 Bom, você perguntou "O que são as corujas"
 mas corujas? Eu amo as corujas
 por serem pássaros noturnos, elas
 são carnívoras e rugam, são mesmo
 tempo. Eu admiro como ela pega
 suas presas, coruja são aves muito
 protetoras, elas ficam do lado dos filhotes
 até eles serem adultos, ela só tem um
 pássaro para sua vida. Elas gostam
 de água sempre que veem água elas
 correm para se Banhar, e não delas
 atinge 60km e o pulo de 30 centímetros
 Existem 212 espécies, a menor é a coruja
 e a coruja suindara, as machos são
 mais pequenos e claros, e as fêmeas são
 grandes e mais escuras. Elas protegem
 sem o seu ninho, as corujas chegam
 em torno de 35 a 50 cm, a coruja mais
 pequena é a coruja Burraquira, medindo
 apenas 19cm, ela conhecida assim porque
 faz a sua toca em buracos na terra
 ou no ground. Fascinante, não? Eu vou
 falar sobre a folha a foto da
 coruja suindara, a foto tá em preto
 e branco mas as partes pretas são
 marcadas na coruja. Mudando de assunto
 Qual foi o acontecimento mais
 triste em sua vida?



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Transcrição da carta abaixo:

Campo Mourão, dia 25 de setembro

Olá, tudo bem?

Eu vou responder suas perguntas!

Bom, você perguntou: "O que você vê nas corujas?" Eu amo as corujas por serem pássaros noturnos, elas são carnívoras e veganas ao mesmo tempo. Eu admiro como elas pegam suas presas. Corujas são aves muito protetoras, elas ficam ao lado dos filhotes até eles virarem

adultos, ela só terá um parceiro para a vida toda. Elas gostam de água, sempre que veem água elas correm para se banhar. O voo delas atinge 60 km e o pulo é de 30 centímetros. Existem 212 espécies, a minha favorita é a coruja suindara.

Os machos são mais pequenos e claros e as fêmeas são grandes e mais escuras. Elas protegem bem o seu ninho. As corujas chegam em torno de 35 a 53 cm. A coruja mais pequena é a coruja-buraqueira, medindo apenas 19 cm. Ela é conhecida assim porque faz a sua toca em buracos na terra ou no gramado. Fascinante, não?

Eu vou deixar atrás da folha a foto da coruja suindara. O rosto dela está em preto e branco, mas as partes pretas são marrom na coruja.

Mudando de assunto:

Qual foi o acontecimento mais triste em sua vida?

Como foi sua infância? Qual lembrança você mais gosta de lembrar?

Quem marcou positivamente sua vida?

Quais animais você já teve?

Quais brincadeiras você mais gostou?

Quais meios de transporte você mais gostou ou já andou?

Que estilo de música você mais gosta?

Beijo, tchau, nós iremos nos encontrar mais ou menos no final do ano.

Também te amo!

Quando os alunos leram, foram muitas perguntas e reflexões a respeito de como era diferente a vida das crianças que hoje são velhos, e o que eles iriam contar aos seus netos sobre sua infância, bem como diferenciaram os dias atuais dos tempos passados, identificando que hoje podem estudar, seus brinquedos são diferentes, muitos são tecnológicos, podem ter acesso a *internet*, possuem celulares, tablet's e computadores, e que há menos sofrimento em suas vidas comparada aos dos mais velhos, as histórias se diferem por estarem em gerações diferentes, entendendo que a cultura e uma sociedade se constróem e se organizam num determinado momento histórico com suas especificidades e características, que eles fazem parte de uma geração, qual terá uma determinada história a contar no futuro. Os idosos contaram sobre suas comidas favoritas e quais dessas os faziam recordar de alguém, suas músicas preferidas, os meios de transportes andavam, acontecimentos de medo que se lembravam, o que fazem no Lar, e como é a rotina por lá e dessa forma, o conhecimento histórico acontece com sentido para os alunos, que querem ouvir as histórias dos mais velhos para entender um passado diferente dos deles.

Imagem 27 – Segunda visita ao Lar dos Idosos com a chegada das segundas cartas enviadas pelos alunos, leitura das cartas e respostas das mesmas aos alunos





Campos Mourão, 05 de outubro de 2024.

Querida Baura.

Tudo bem?

Wesjeio que você e sua família estejam bem e com muita saúde.

Baura admirei seu conhecimento sobre coelho. Para mim ela é uma ave rapina temerosa, mas vamos mudar de assunto.

A minha infância foi maravilhosa, nasci em Apucarana, vivi e convivi com os meus familiares em fazendas, no as puro com muitos animais, adorava andar de cavalos e tirar leite de vacas, foi muito linda.

O que marcou minha vida foi quando eu comeci a dirigir, dirigir carro, trator, colhedeira e caminhões. Hoje não temos mais, meus pais são falecidos.

Tive cachorros e pássaros.

Eu adorava brincar de roda, queima e velas e você?

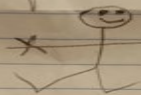
De manhã cedo eu gosto de música sertaneja e a tardezinha seu gosto de música classica, com instrumentos ou por melhor instrumentadas e você?

Acho que você tem dom para desenhos e principalmente de pinturas. Gosto também Baura, estou te mandando de uns que eu fiz para você.

Baura tive só uma filha e o nome dela é Loays, e adogada trabalha no Escritório de Dr. Bról do Teodoro conhece?

Sale Baura vou te adotar como minha filha, não vejo a hora de te conhecer.

Aqui vai um desenhinho.



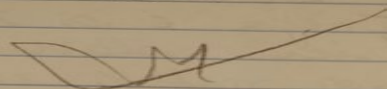
* Um abraço

deste tamanho, hoje e sempre.

Pelo sua carta percebi e senti que é maravilhosa.

Margareida Castaldo.

Tchau



Transcrição abaixo da carta resposta de Margarida para Laura:

Campo Mourão, 05 de outubro de 2024.

Querida Laura, tudo bem?

Desejo que você e sua família estejam bem e com muita saúde.

Laura, admirei seu conhecimento sobre corujas. Para mim ela é uma ave razoável, temerosa, mas vamos mudar de assunto.

A minha infância foi maravilhosa, nasci em Apucarana, vivi e convivi com os meus familiares em fazendas, no ar puro com muitos animais. Adorava andar de cavalos e tirar leite de vacas, foi muito linda.

O que marcou minha vida foi quando eu comecei a dirigir, dirijo carro, tratores, colheitadeiras e caminhões. Hoje não temos mais, meus pais são falecidos.

Tive cachorros e pássaros.

Eu adorava brincar de roça, queima e vôlei e você?

De manhã cedo eu gosto de música sertaneja e à tardezinha eu gosto de música clássica com instrumentos ou por melhor, instrumentais. E você?

Acho que você tem dom para desenhos e principalmente de pinturas. Gosto também.

Laura, estou te mandando uns que eu fiz para você.

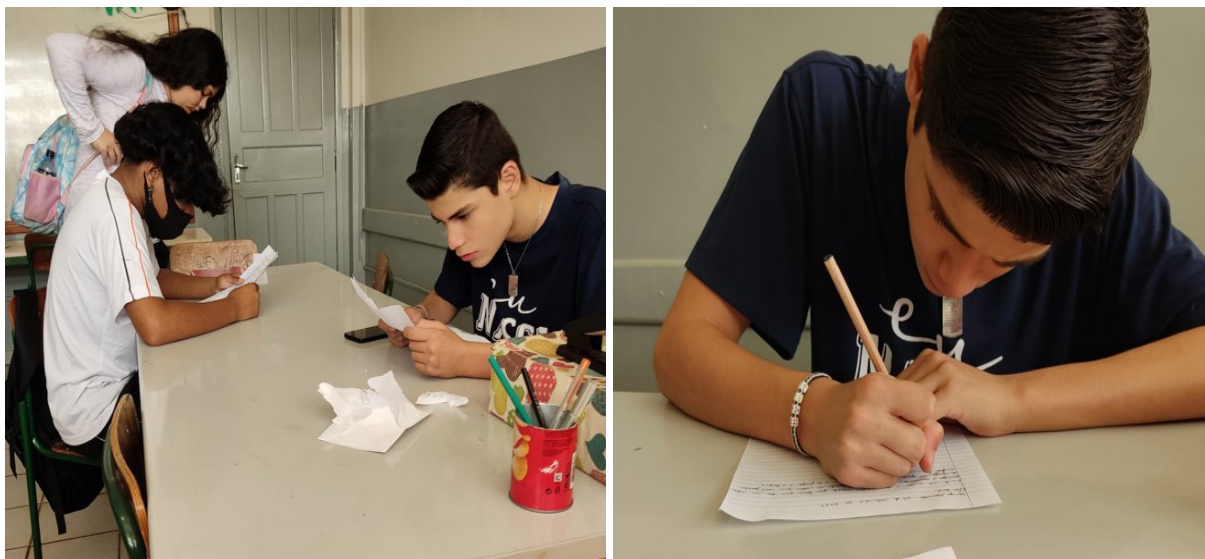
Laura eu tive só uma filha e o nome dela é Lays. É advogada e trabalha no escritório do senhor Dr. Eraldo Teodoro, conhece?

Sabe Laura, vou te adotar como filha, não vejo a hora de te conhecer!

Aqui vai um desenho, um abraço desse tamanho, hoje e sempre!

Pela sua carta percebi e senti que és maravilhosa.

Ass: Margarida Castaldo, Tchau!



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

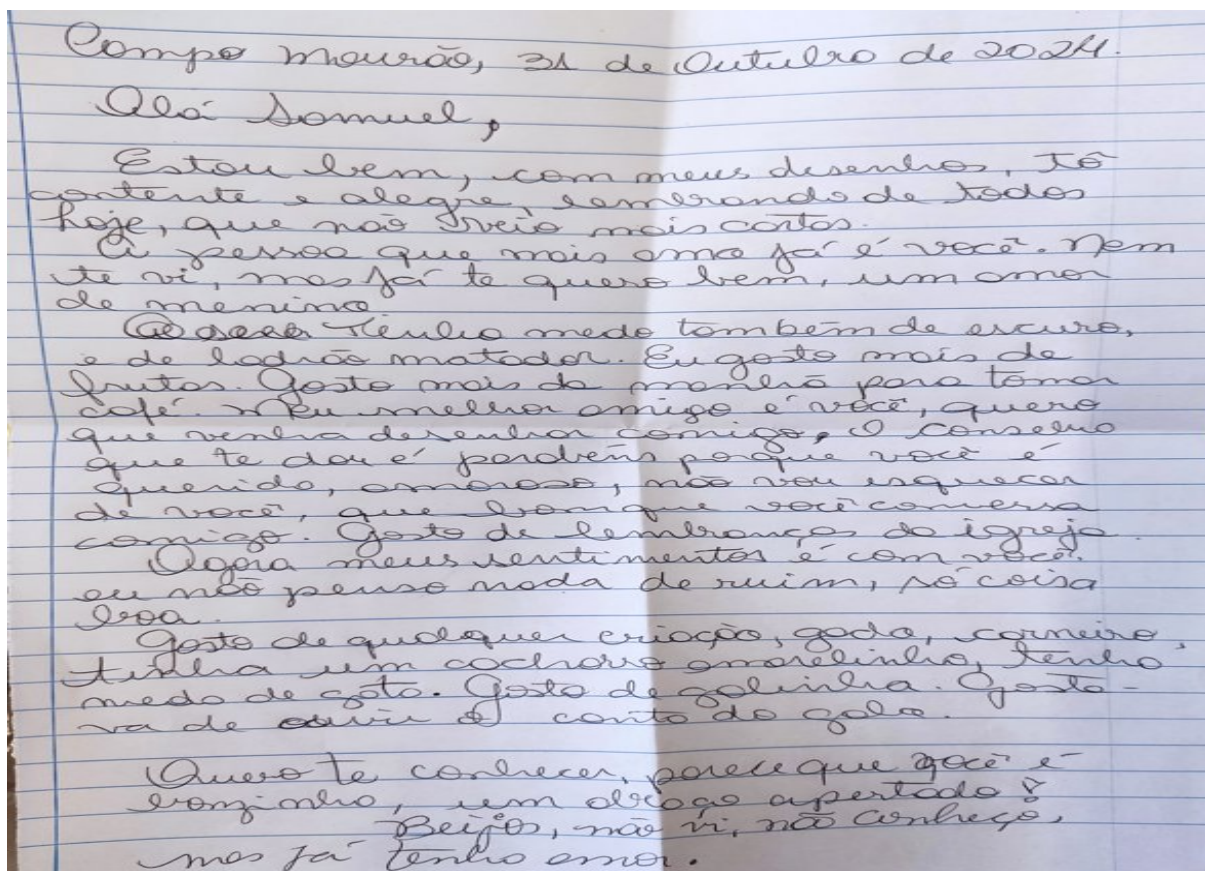
No dia 31/10/2024 aconteceu a terceira entrega de cartas no Lar de idosos, e nessa etapa os alunos responderam as cartas por eles anteriormente recebidas e escreveram acerca do tema: Laços (Apêndice 2). Nesse tema os alunos escreveram sobre as pessoas que mais amam ou mais amaram, o período do dia que mais gostam, com quem mais aprenderam coisas possíveis, sobre sentimentos, signos, amigos e amigas. Nesse terceiro encontro, Irineu me fez chorar. Ao chegar e me ver ele disse: “Tem mais uma carta para mim?” E ao dizer que sim, ele diz: “me leva que eu quero ler minha carta”. Chegando na sala, contou tantas histórias, falou de quando viu o lobisomem e a mula sem cabeça. Um homem cheio de histórias para contar. Seu amigo Thomas ao ler fica encantado, além de comparar os gostos do seu amigo Irineu aos dele, e comenta “Seu Irineu é muito parecido comigo”. Senhor Irineu era muito “arteiro” e ele também. Os idosos já não viam a hora de saber quem eram seus amigos, ficavam perguntando onde eles estavam e quando iriam lá para os visitar. Os informamos que iríamos levar as crianças no próximo encontro. Dona Alzirina quis escrever sozinha um pouco da carta colocando seus sentimentos, escrevendo que já gostava do seu amigo.

Imagem 28 – Idosos do Lar, alguns vendo suas cartas, outros assinando e outros escrevendo sua carta



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Imagem 29 – Cartas com as respostas dos idosos aos alunos



Transcrição abaixo da carta de Viturina para Samuel:

Campo Mourão, 31 de outubro de 2024.

Olá Samuel,

Estou bem, com meus desenhos, tô contente e alegre, lembrando de todos hoje, que não escrevo mais cartas.

A pessoa que mais amo já é você. Nem te vi, mas já te quero bem, um amor de menino.

Às vezes tenho medo também do escuro e de ladrão matador. Eu gosto mais de frutas. Gosto mais de mandioca para tomar café. Meu melhor amigo é você, quero que venha desenhar comigo. O conselho que te dou é parabéns porque você é querido, amoroso, não vou esquecer de você, que bom que você conversou comigo. Gosto de lembranças do recreio.

Agora meus sentimentos: eu não sei, eu não penso nada de ruim, só coisa boa.

Gosto de qualquer criação, gato, carneiro, tenho medo de gato. Gosto de galinha. Gosto de ouvir o canto do galo.

Quero te conhecer, parece que você é bonzinho, um abraço apertado e beijo, não vi, não conheço, mas já tenho amor.

Campo Mourão, 31/10/2024
 Olá! Estou bem graças a Deus. Foi um problema de saúde que eu perdi a perna, foi trombose, há 12 anos atrás. O que me deixa triste são as pessoas brigarem e ficarem tristes com mim, brigadas umas com as outras. Meu pai já não tenho há 30 anos. Ele se chamava José Rodrigues, ele sempre ia pra colher café, e eu ficava com saudade. Eu amei mais minha mãe Florencina, eu tenho 13 irmãos, só eu e um irmão estamos vivos, ela mora em Goioerê, 74 anos. Eu aprendi mais coisas boas com meu pai, ele sempre orava a Deus, e me ensinou isso. O que mais me dá medo é a cobra cascavel. Eu gosto mais da época da noite. Meus amigos são Pedro, a gente jogava junto, e o Messias, nós saímos à tarde. Sempre seja amigo de todos, esse é meu conselho. O melhor sentimento é a amizade. ~~Deus~~ Eu tive um cavalo, se chamava Estrela, tive cachorros, gato. Meu signo também é leão. Tive duas filhas, Ivani e Edna, moram em Cionerte, 53 anos e a Edna 52 anos, há dois anos elas não vem me visitar. Gostei de sua carta, de tudo que você me contou.
 Um abraço, de seu amigo José!
 José Rodrigues de Silva

Transcrição abaixo da carta de senhor José ao Luan:

Campo Mourão, 31/10/2024

Olá! Estou bem graças a Deus. Foi um problema de saúde que eu perdi a perna, foi trombose, há 12 anos atrás. O que me deixa triste são as pessoas brigarem e ficarem tristes comigo, brigadas umas com as outras. Meu pai já morreu há 30 anos. Ele se chamava José Rodrigues. Ele sempre ia para colheita de café e eu ficava com saudade. Eu amei mais minha mãe Florencina. Eu tenho 13 irmãos, só eu e 5 irmãos estamos vivos. Ela mora em Goioerê, 71 anos. Eu aprendi mais coisas boas com meu pai, ele sempre orava a Deus e me ensinou isso. O que mais me dá medo é a cobra cascavel. Eu gosto mais da época da noite. Meus amigos são Pedro, a gente jogava junto, e o Messias, nós saímos à tarde.

Sempre seja amigo de todos, esse é meu conselho. O melhor sentimento é a amizade. Eu tive um cavalo, se chamava Estrela. Tive cachorros, o Galo. Meu signo também é leão. Tive duas

filhas, Frenê e Edna, moram em Cianorte, 53 anos e a Edna 52 anos. Há dois anos elas não vêm me visitar. Gostei da sua carta, de tudo que você me contou.

Um abraço do seu amigo José.

José Rodrigues da Silva.

Campos Mourão 31 de outubro de 2021

Olá Maria Tereza, vim para fazer perguntas que eu respondo.

A pessoa que eu mais amo é a minha mãe, eu a conheço.

Se a pessoa não quer você, larga de mãe, foge de conta que esqueceu, e goste mais de você.

Mais filhos, quando não está trabalhando, diz eles que estão em casa. Os nomes deles é Jaime e Sidineu. Eles optam de um churrasco quando podem fazer.

Nossa! Como dá trabalho, mais pelo menos um tem que ter, pois na velhice tem quem cuida.

O meu signo é de Beira. Ah! O touro é Bravo em!

Eu aprendi muitas coisas com a minha tia, trabalhando na roça, capim, colher café, não aprendi a ler, só trabalhei.

Eu já não tenho medo, perdi tudo! Só bem que tenho medo de perder os amigos e filhos.

Eu gosto mais da parte da manhã, ver os amigos e ir a igreja.

Procure os seus amigos que você gosta mais que você melhora.

Meus amigos são a Dalila, ela quem me dá a mão, ela é a minha amiga, aqui tenho amigos mas não lembro.

Você está triste por causa do Samuel? O nome não deu certo? Já não, siga em frente, você é jovem, bonita e tem que ser feliz.

Eu perdi um grande amor, ele me largou por causa de uma mulher de 40 anos. Senti muito, agora estou me sentindo bem! mas o meu melhor sentimento continua sendo o

Amor.
 Não fique triste por dores de amor, que isso passa! Você
 é jovem e vai arrumar coisa boa, tem muita vida pela
 frente.
 Um abraço para você!
 Assinado: Ana Lima
 Fiquei muito feliz em receber a sua
 cartinha!

Transcrição da resposta da carta de Ana Lima para Maria Vitória:

Campo Mourão, 31 de outubro de 2024

Olá Maria Vitória, sim pode fazer perguntas que eu respondo.

A pessoa que eu mais amo é a minha mãe, eu a conheci.

Se a pessoa não quer você, larga de mão, faz de conta que esqueceu, e gosta mais de você.

Meus filhos, quando não estão trabalhando, diz eles que estão em casa. Os nomes deles é Jaime e Sidnei. Eles gostam de um churrasquinho quando podem fazer.

Nossa! Como dá trabalho, mas pelo menos um tem que ter, pois na velhice tem quem cuida.

O meu signo é de Libra. Ah! O touro é bravo em!

Eu aprendi muitas coisas com a minha mãe, tinha trabalhando na roça, capinar, colher café, não aprendi a ler, só trabalhei.

Eu já não tenho medo, perdi tudo! É, bom eu tenho medo de perder os amigos e filhos.

Eu gosto mais da parte da manhã, rever os amigos e ir à igreja.

Procure os seus amigos que você gosta mais que você melhora.

Meus amigos são a Dalila, ela quem me dá a mão, ela é a minha amiga, aqui tenho amigos, mas não lembro.

Você está triste por causa do Samuel? O namoro não deu certo? Se não, siga em frente, você é jovem, bonita e tem que ser feliz.

Eu perdi um grande amor, ele me largou por causa de uma mulher de 40 anos. Sofri muito, agora estou me sentindo bem! Mas o meu melhor sentimento continua sendo o amor. Não fique triste por dores de amor que isso passa, você é jovem e vai arrumar coisa boa, tem muita vida pela frente.

Um abraço para você!

Ass: Ana Lima

Fiquei muito feliz em receber sua cartinha.

Campo Mourão, 31 de outubro de 2024
 Eu também quero ser sua amiga.
 Meu signo é aquário, tenho 67 anos e gosto de cozinhar arroz, feijão, bife, frango, mas hoje já não faço mais isso. Hoje eu gosto de pintar.
 Que triste esta história! Bêbado não sabe o que está fazendo. Que bom que o seu pai parou de beber e não te bate mais.
 Que bom que você mudou de escola e você não deve procurar esta ex-namorada porque ela está envolvida com outra pessoa e não é bom ficar com alguém assim.
 Eu tenho medo de sapo, perereca, grilo e você do que tem medo?
 Eu nunca me casei, mas tive filhos, meus pais me trouxeram para trabalhar em uma fazenda e fiquei com ela trabalhando e não casei. Gostei de um rapaz mas não deu certo, ele não queria nada comigo, ele corria de mim.
 Um abraço para você, gostei muito de receber a sua cartinha.
 Amizado: Yvone de Paula

Transcrição da resposta da carta de Samuel 2 para Ivone:

Campo Mourão, 31 de outubro de 2024

Eu também quero ser sua amiga.

Meu signo é aquário, tenho 67 anos e gosto de cozinhar arroz, feijão, bife, frango, mas hoje já não faço mais isso. Hoje eu gosto de pintar.

Que triste esta história! Bêbado não sabe o que está fazendo. Que bom que o seu pai parou de beber e não te bate mais.

Que bom que você mudou de escola e você não deve procurar esta ex-namorada porque ela está envolvida com outra pessoa e não é bom ficar com alguém assim.

Eu tenho medo de sapo, perereca, grilo e você do que tem medo?

Eu nunca me casei, mas tive filhos, meus pais me trouxeram para trabalhar em uma fazenda e fiquei com ela trabalhando e não casei. Gostei de um rapaz mas não deu certo, ele não queria nada comigo, ele corria de mim.

Um abraço para você, gostei muito de receber a sua cartinha.

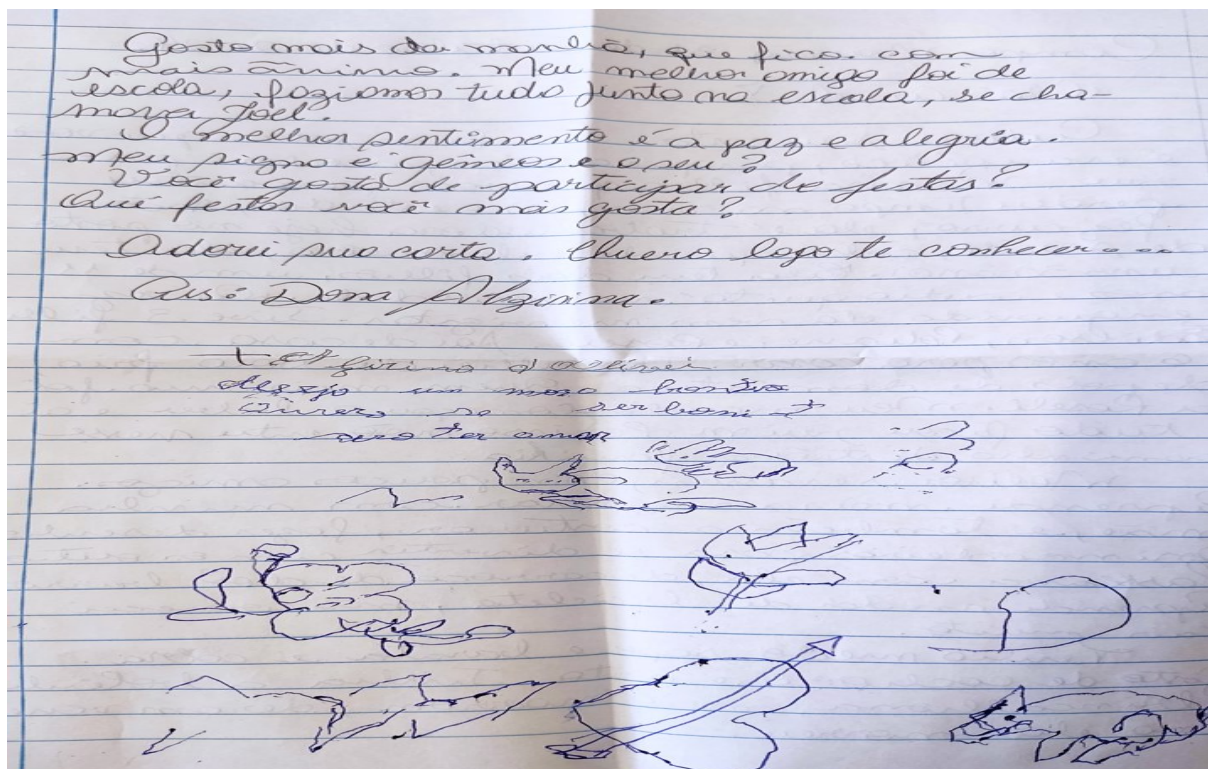
Assinado: Ivone de Paula

Campo Mourão, 31 de Outubro de 2024.
 Orla Ariel ♀

Adorei sua carta. Que bom saber que você é evangélica, porque assim, não sei para que. Minha filha que você perguntou perdeu tempo na vida, não estudou, não fez curso, ela é trabalhadora hoje no posto de saúde, onde que de enfermeira, ela tem uns 30 anos. Ela tem dois filhos, um de 11 anos e outro que tá na faculdade. De vez em quando ela vem me visitar. Tive 3 filhos Edilson, Poliane, e Roseli. Dei de casa com 16 anos para casar. Trabalhei de mãe fria, depois de doméstica. Quem mais ama foi a Roseli. Meu marido começou a beber e aí tudo ficou ruim. Por isso não entre nesse caminho, destrói a família.

Melhor ser assim, com poucos amigos. Aprendi mais a cozinhar com minha mãe, e também a costurar, fazer desenhos, brincadeiras para se divertir com os outros. Passava com ela, de cozinha de dois burros. Aprendi ainda de bicicleta, nos conheci com muito.

Tenho medo de ser e barata e cobra. Gosto de coelho e gato. Tinha a balança, brincadeira, meio marionete, deram veneno, ela morreu.



Transcrição da resposta de Alzirina para carta de Ariel:

Campo Mourão, 31 de Outubro de 2024.

Olá Ariel!

Adorei sua carta. Que bom saber que você é evangélico, porque assim não sai para rua. Minha filha que você perguntou perdeu tempo na vida, não estudou, não fez curso, ela é trabalhadora hoje no posto de saúde, acho que de enfermeira, ela tem uns 30 anos. Ela tem dois filhos, um de 11 anos e outro que tá na faculdade. De vez em quando ela vem me visitar. Tive 3 filhos: Edilson, Poliane e Roseli. Saí de casa com 16 anos para casar. Trabalhei de boia fria, depois de doméstica. Quem mais amo foi a Roseli. Meu marido começou a beber e aí tudo ficou ruim. Por isso não entre nesse caminho, destrói a família. Melhor ser assim, com poucos amigos. Aprendi mais a cozinhar com minha mãe, e também a costurar, fazer desenho, brincadeira para se divertir com os outros. Passeava com ela de carroça de dois burros. Aprendi andar de bicicleta, mas comecei cair muito. Tenho medo de sapo, barata e cobra. Gosto de cachorro e gato. Tinha a Bolinha, brincalhona e gato cinza, deram veneno, ela morreu.

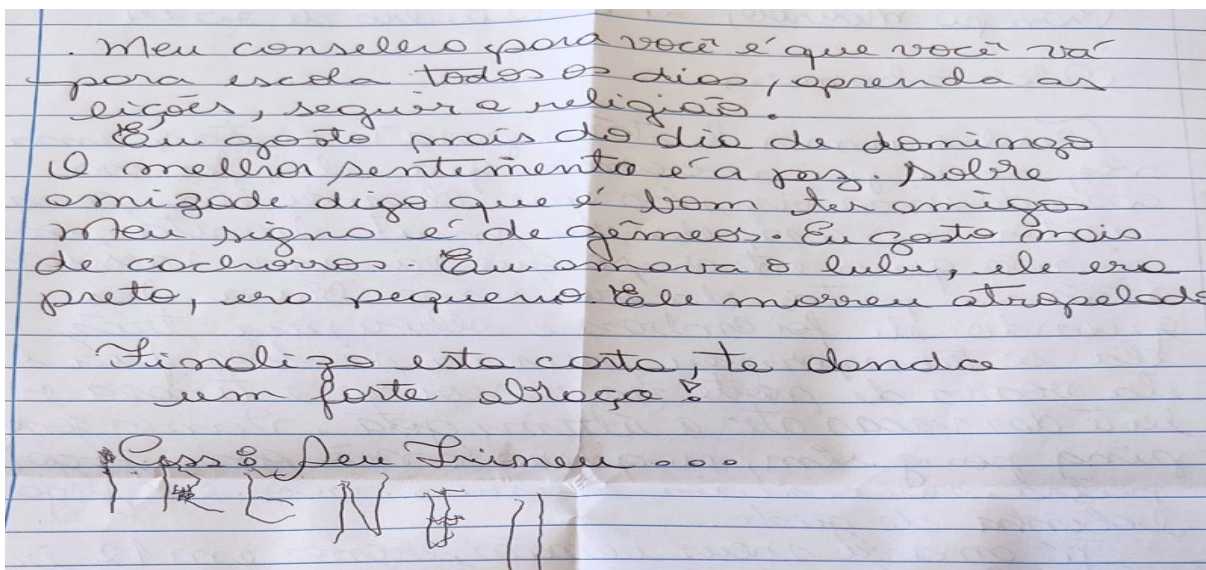
Gosto mais da manhã que fico com mais ânimo. Meu melhor amigo foi da escola, fazíamos tudo junto na escola e se chamava Joel.

O melhor sentimento é a paz e alegria. Meu signo é Gêmeos e o seu? Você gosta de participar de festas? Que festas você mais gosta?

Adorei sua carta, quero logo te conhecer!

Ass: Dona Alzirina (Após, ela escrever mesmo com dificuldade e mãos trêmulas palavras em uma mensagem para Ariel e faz pequenos desenhos)

Campo Mourão, 31 de Outubro de 2024.
 Olá Thomas,
 Tenho umas histórias para te contar, uma vez meu pai me contou que ele foi na casa de uma vizinha que chamou ela para visitar sua casa, ela era muito bonita, mas ele não quis entrar porque viu uma vassoura atrás da porta, ela era uma bruxa feia, quando ele foi embora e olhou para trás, ela se transformou numa mulher feia e ela varria de noite na vassoura e tirava o leite das vacas até a última gota. Nunca joga ping pong sim, eu quero não pode jogar pedra na casa dos outros não. Eu jogava bolinha de gude.
 Já amava meus irmãos, eram em 12 irmãos, Orestes, Marteniano, Izidoro, Sérgio, Lucio, Estefano, Custofala que morreu com 100 anos esclerosada, era feia, Valdomiro, só eu que estou vivo de todos eles, meus melhores amigos eram o Teninho, só ele. Ele me dava dinheiro, roubava do pai dele que tinha mercado e me dava. Eu mais amei o meu pai, Pedro Esnobezio, faleceu com 79 anos. Ele morava em Prudentópolis, era dançarino e sapateiro. Trabalhei de lado dele. Aprendi mais coisas boas com meu pai, ele me ensinou a tabuada, me ensinou a escrever, ele era uma pessoa boa.



Transcrição da carta de Irineu para Thomas:

Olá Thomas,

Tenho umas histórias para te contar, uma vez meu pai me contou que ele foi na casa de uma vizinha que chamou ele para visitar sua casa, ela era muito bonita, mas ele não quis entrar porque viu uma vassoura atrás da porta, ela era uma bruxa feia, daí quando ele foi embora e olhou para trás ela se transformou numa mulher feia e ela voava de noite na vassoura e tirava o leite das vacas até a última gota.

Vamos jogar ping pong sim, eu quero, não pode jogar pedra na casa dos outros não. Eu jogava bolinha de gude.

Eu amava meus irmãos, éramos em 12 irmãos, Orestes, Marteniano, Isidoro, Sérgio, Lúcio, Estefanea, Cristófala que morreu com 100 anos esclerosada, era Freira, Valdomiro, só eu que estou vivo de todos eles, meus melhores amigos eram o Toninho, só ele. Ele me dava dinheiro, roubava do pai dele que tinha mercado e me dava. Eu mais amei o meu pai, Pedro Ambrózio, faleceu com 79 anos. Ele morava em Rondonópolis, era barbeiro e sapateiro. Trabalhei de lavador. Aprendi mais coisas boas com meu pai, ele me ensinou a tabuada, me ensinou a escrever, ele era uma pessoa boa.

Meu conselho para você é que vá para escola todos os dias, aprenda as lições e seguir a religião.

Eu gosto mais do dia de domingo. O melhor sentimento é a paz. Sobre amizade digo que é bom ter amigos. Meu signo é de Gêmeos, eu gosto mais de cachorros. Eu amava o Lulu, ele era preto e pequeno e morreu atropelado.

Finalizo esta carta te dando um forte abraço.

Ass: Irineu



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Dia 04/11/2024, os alunos leram suas últimas cartas e escreveram as respectivas respostas, cartas que levariam num próximo encontro que seria a visita junto aos idosos. Em todo o processo de escrita eles ficaram inquietos, queriam logo ir no Lar para conhecer seu amigo das cartas. Nessa última escrita falaram sobre a despedida, como foi para eles esse processo de se comunicar por meio de cartas, a espera, como descreveriam seu amigo anônimo, se gostaram das trocas de cartas, e sobre a expectativa do encontro final. Alguns deles fizeram desenhos para dar de presente ao seu amigo, mas a Laura trouxe um chaveiro para dar de presente para sua amiga Margarida. Laura, uma aluna com dificuldade para interações, de difícil socialização, escreveu tudo sobre corujas, seu animal favorito para dona Margarida, pediu para que eu fizesse uma impressão da imagem da coruja que ela mais gostava, e dona Margarida respondeu que não gostava de corujas, por serem perigosas, mas Laura surpreendeu ao escrever suas cartas, com muitas falas, argumentos, contando sobre tudo que ela gosta, e Margarida a ouviu, Margarida tirou toda aquela primeira armadura da primeira carta, e acaba por em uma das cartas escrever que já considerava Laura como uma filha. Tudo mudou desde a primeira carta. As cartas comprovaram que se pode criar vínculos por meio delas. A mãe de Laura me pergunta que dia vamos ao Lar de Idosos, pois Laura pediu para que ela comprasse tintas de

pintura para dar à Margarida. Isso demonstra o vínculo de laços humanos entre uma criança e uma senhora, pois ambas se ouviram. Muito me surpreendeu.

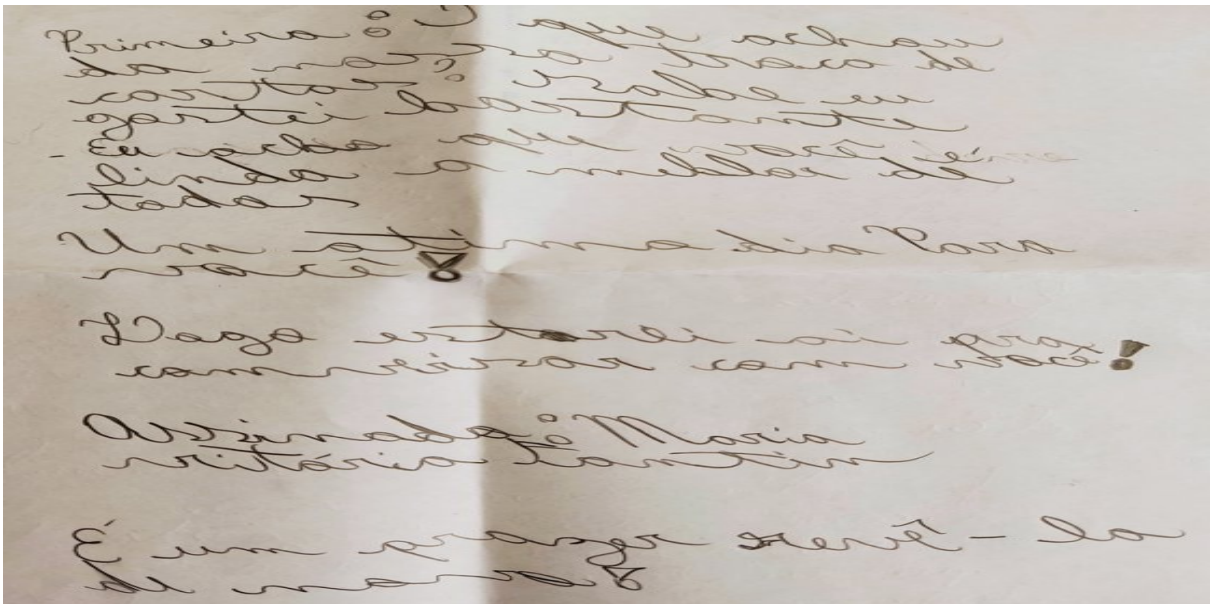
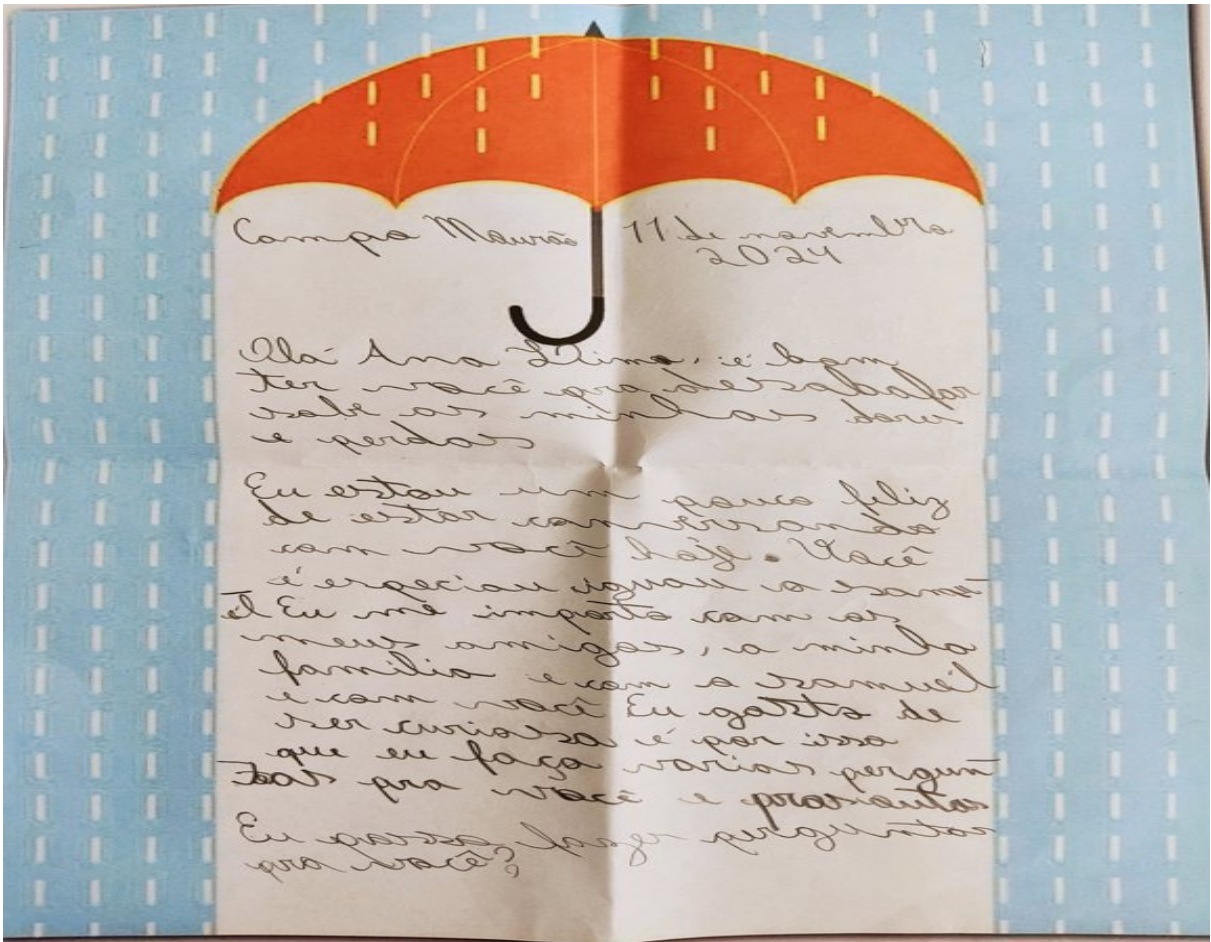
Imagem 30 – Alunos lendo as cartas chegadas/ Presente da Laura para sua amiga Margarida do Lar



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Como eram as últimas cartas a serem escritas e levadas pelos alunos em mãos, imprimi vários papéis personalizados, com desenhos e coloridos, e eles escolheram os que gostavam mais e pareciam mais ter a personalidade do seu amigo idoso e escreveram rumo ao encontro aguardado.

Imagem 31 – Últimas cartas escritas pelos alunos em papéis decorados



Transcrição da resposta de Maria Vitória para Ana Lima:

Campo Mourão, 11 de novembro de 2024

Olá Ana Lima, é bom ter você para desabafar sobre minhas dores e perdas.

Eu estou um pouco feliz de estar conversando com você hoje. Você é especial igual o Samuel.

Eu me importo com os meus amigos, a minha família, com o Samuel e com você. Eu gosto de ser curiosa e por isso que eu faço várias perguntas para você e pros outros.

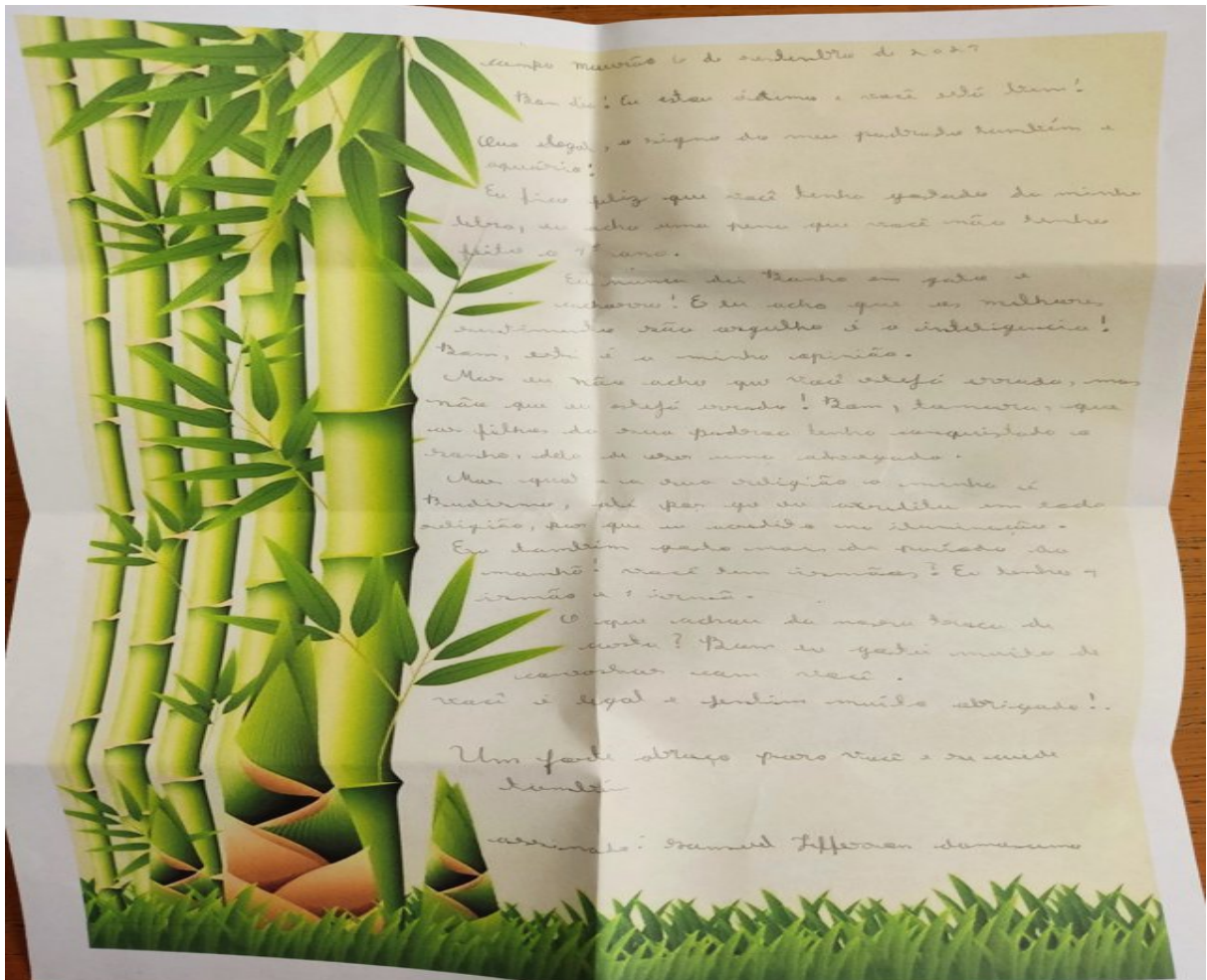
Eu posso fazer perguntas que você?

Primeiro: O que achou da nossa troca de cartas? Sabe, eu gostei bastante! Eu acho que você é linda, a melhor de todas.

*Um ótimo dia para você, logo estarei *ai* para conversar com você!*

Ass: Maria Vitória.

É um prazer revê-la de novo!



Transcrição da carta resposta de Samuel para Ivone:

Campo Mourão, 06 de setembro de 2024

Bom dia: Eu estou ótimo e você está bem?

Que legal, o signo do meu padrasto também é Aquário.

Eu fico feliz que você tenha gostado da minha letra, eu acho uma pena que você não tenha feito o 4º ano.

Eu nunca dei banho em gato e cachorro. Eu acho que os melhores sentimentos são orgulho e a inteligência! Bom, esta é minha opinião. Mas eu não acho que você esteja errada. Bom, tomara que os filhos da sua patroa tenham conquistado o sonho dela de ser uma advogada.

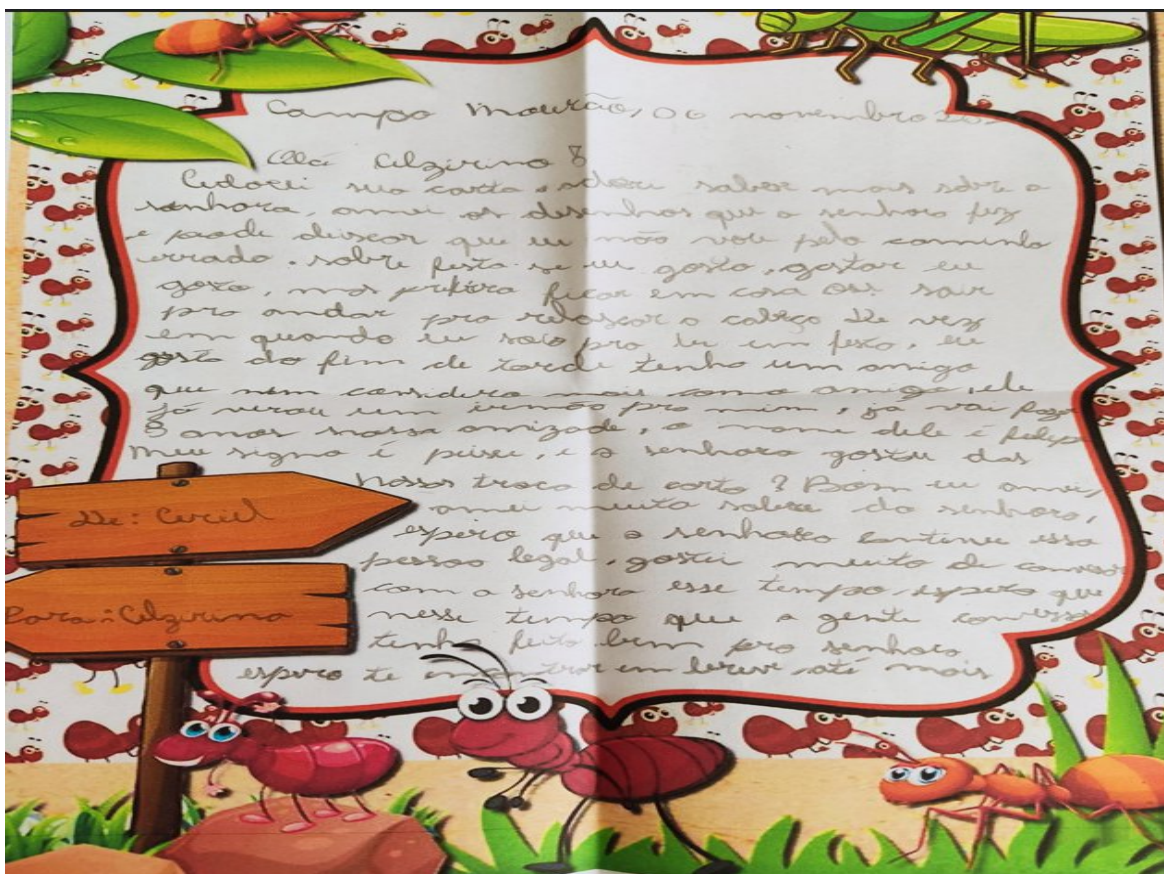
Mas qual sua religião, a minha é budismo, até porque eu acredito em toda religião, porque eu acredito na iluminação.

Eu também gosto mais do período da manhã. Você tem irmãos? Eu tenho 4 irmãos e 1 irmã.

O que achou da nossa troca de cartas? Bom, eu gostei muito de conversar com você. Você é legal e gentil, muito obrigado!

Um forte abraço para você e se cuide também.

Assinado: Samuel Jefferson Damasceno.



Transcrição da resposta de carta de Ariel para Alzirina:

Campo Mourão, 06 novembro 2024

Olá Alzirina,

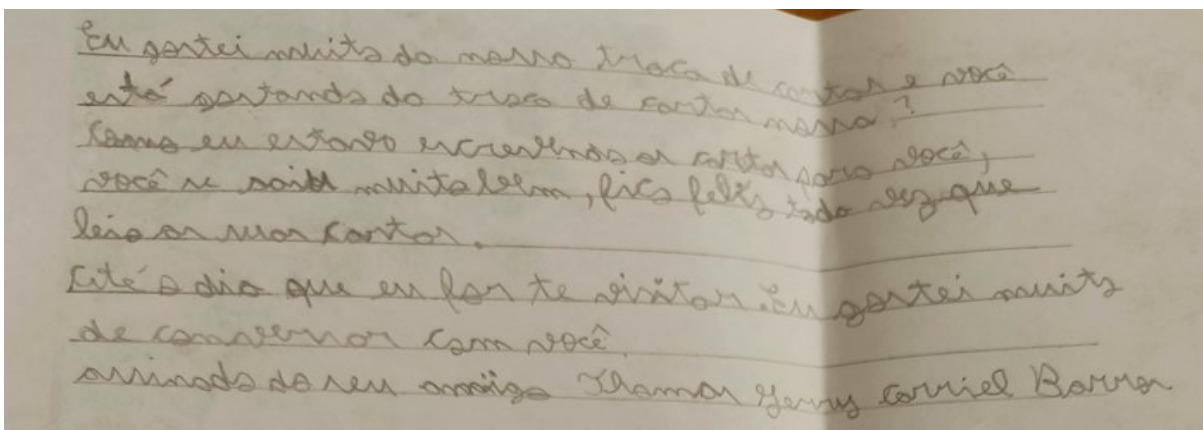
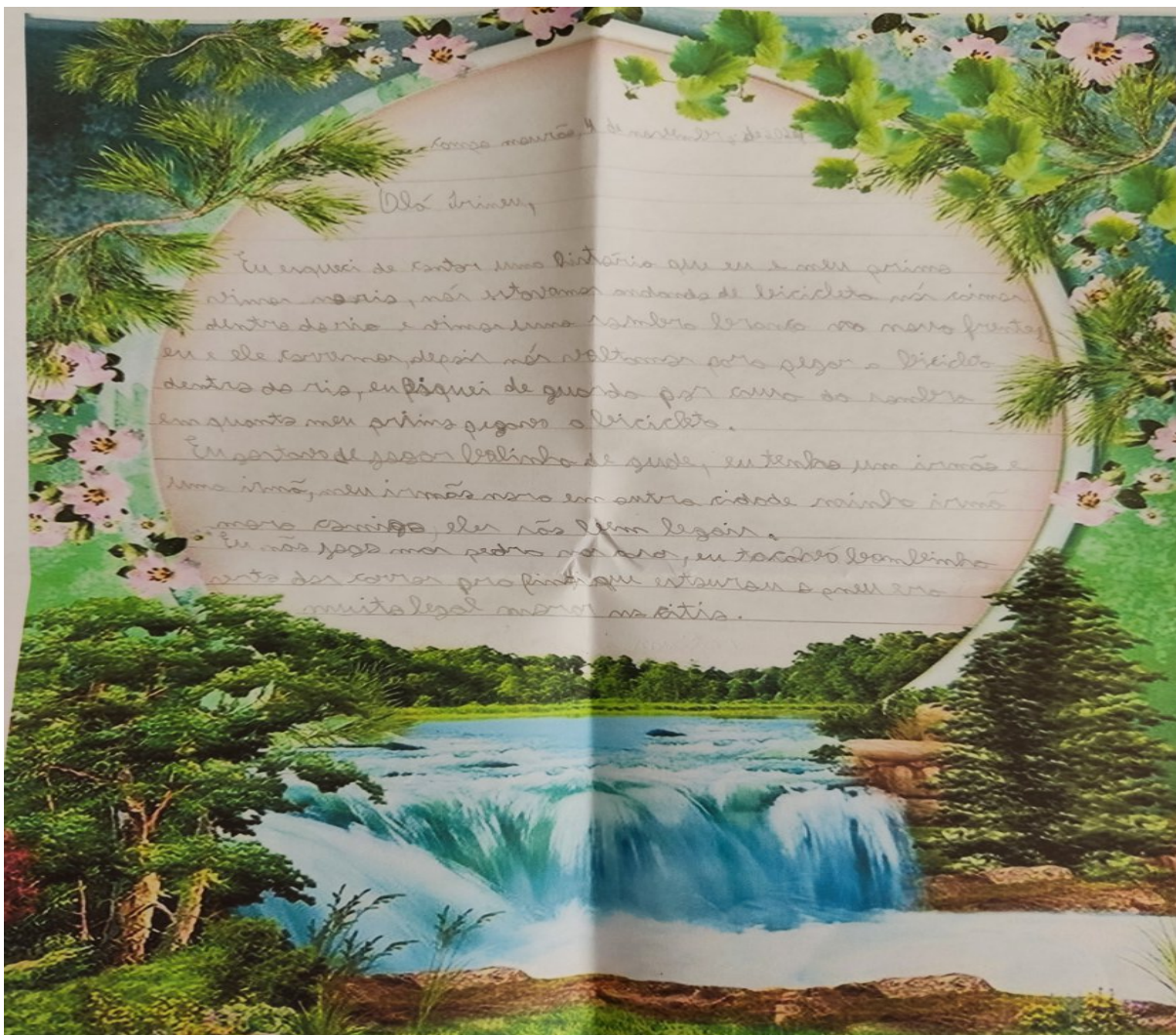
Adorei sua carta e adorei saber mais sobre a senhora, amei os desenhos que a senhora fez e pode deixar que eu não vou pelo caminho errado. Sobre festa, se eu gosto, gostar eu gosto, mas prefiro ficar em casa ou sair para andar para relaxar a cabeça. De vez em quando eu saio para ir em festa. Eu gosto do fim de tarde. Tenho um amigo que nem considero mais como amigo, ele já virou um irmão para mim, já vai fazer 8 anos nossa amizade, o nome dele é Felipe. Meu signo é Peixes, e a senhora gostou das nossas trocas de carta?

Bom, eu amei muito saber da senhora, espero que a senhora continue essa pessoa legal. Gostei muito de conversar com a senhora esse tempo, espero que nesse tempo em que a gente conversou tenha feito bem para a senhora.

Espero te encontrar em breve, até mais.

De: Ariel

Para: Alzirina



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Transcrição da carta de Thomas para Irineu:

Campo Mourão, 04 de novembro de 2024

Olá Irineu,

Eu esqueci de contar uma história que eu e meus primos vimos ontem, nós estávamos andando de bicicleta, nós caímos dentro do rio e vimos uma sombra branca no meio. Eu e ele corremos, depois nós voltamos para pegar a bicicleta dentro do rio, eu fiquei de guarda por causa da sombra, enquanto meu primo pegava a bicicleta.

Eu gosto de jogar bolinha de gude, eu tenho uma irmã, meu irmão mora em outra cidade, minha irmã mora comigo, eles são bem legais.

Eu não jogo mais pedra na casa, eu tacava bombinha perto dos carros para fingir que estourou o pneu. Era muito legal morar no sítio.

Eu gostei muito do nosso troca de cartas e você está gostando da troca de cartas nossa?

Como eu estava escrevendo a carta para você, você se saiu muito bem, você é muito legal, fico feliz toda vez que leio as suas cartas.

Até o dia que eu for te visitar, eu gostei muito de conversar com você.

Assinado de seu amigo: Thomas.

A todo instante eu constatava quanto esse projeto realmente realizava um encontro entre as gerações, e quanto é possível o diálogo e aprendizagem entre elas. O vínculo que se criou por meio das palavras, histórias e sentimentos. As primeiras escritas mais breves, retraídas e tímidas se tornaram cartas com mais falas, e nota-se a diferença entre as primeiras cartas e as últimas com maior entrosamento, mais diálogo livre e espontâneo, uma amizade criada e sustentada nas escritas. Algumas das meninas usam a escrita para desabafar e consideram as senhoras do Lar como suas confidentes, verificando em algumas das respostas palavras de conselhos sobre momentos que passaram dificuldades em suas vidas, já alguns meninos focaram em contar sobre o que fazem no dia-a-dia, tendo curiosidade para fazer perguntas sobre a vida de seu amigo do Lar.

Saber o que o outro tem a me dizer sem nem ao menos conhecê-lo, mas entender que ele e eu temos nossas histórias, temos nossas lembranças e que fazemos parte de uma sociedade, de um mundo, e que nele há anônimos que o faz movimentar todos os dias. O conhecimento por meio do ouvir, ouvir aqueles com mais experiências de vida, o conhecimento de mundo que passa de geração em geração, da mãe para seus filhos, do professor para o aluno, o mais velho

que guia o mais novo, o mestre que instrui seus discípulos e assim sempre haverá um ciclo que move a humanidade.

3.2 O encontro entre duas gerações

*Quando eu era jovem, eu era lavrador,
cuidava dos animais nas fazendas.
Na minha infância, jogava bola,
caçava passarinhos
e ia ao cemitério buscar coquinhos.
Foi bom quando eu era criança.
(Irineu, 2024)*

Dia 04/12/2024 foi a data marcada para o encontro entre eles, o momento que finalmente iria acontecer depois de 6 meses conversando pelas cartas. Saber como é meu amigo, onde ele mora, olhar para ele e ouvi-lo pessoalmente, dialogar e entendê-lo, desvendar o mistério de conhecer aquele com o qual agora tenho vínculo afetivo e amigável.

Este dia estava nublado, um dia tão esperado por eles, ansiosos para conhecer o Lar de Idosos. Cada um com suas cartas na mão. Aquela carta que ele leria ao seu amigo e entregaria em mãos. Meus alunos, a maior parte mais introvertidos, outros nem tanto, tímidos e até mesmos apáticos, num momento de se sentirem pertencentes, pertencentes a uma escola, a uma sociedade, a um momento único para poderem experienciar que alguém os veem de forma diferente, que estão fazendo a diferença na vida deles e daqueles idosos, proporcionando alegrias, sendo são capazes de participar, interagir, ler, escrever, interpretar e entender o mundo, o outro.

Na foto abaixo na entrada do Lar, na recepção, cada um segurando suas cartas, esperando o Lar organizar os idosos na varanda para recebê-los. Nem sempre os alunos estão dispostos a participarem das fotos, sendo assim, alguns não aparecem em algumas, estavam com medo e ansiosos, talvez o medo de não saberem como agir, porém as fotos depois do encontro mostram que o medo se foi e que gostaram da experiência.

Imagem 32 – Visita ao Lar de idosos para conhecer os amigos das cartas



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Os idosos foram organizados sentados na varanda do Lar com uma cadeira ao lado para que as crianças pudessem sentar perto deles para conversar. De longe eles os viram chegando, os rostos sorrindo de felicidade, os alunos eufóricos, passaram pelo portão e aí fui dizendo por fila quem era o amigo de quem, e eles foram cumprimentar e sentar do lado do seu amigo, entregar a carta e ler para eles, e conversar bastante.

Imagem 33 – Momentos do encontro entre duas gerações vinculadas por meio da escrita de cartas



(Mateus e Maria de Lurdes)



(Maria Vitória e Ana)



(Sr^a Margarida e Laura/ Sr^a Alzirina e Maria Vitória)



(Thomas e Irineu / Luan e José)



(Samuel e Ivone)



(Dona Ana num abraço de mãe para Mateus/ Tayane e Lourival)



(Momentos de conversas e interações entre eles)



(Dona Viturina com sua pasta de desenhos distribuindo suas pinturas de presente para as crianças, mostrando seus trabalhos e pedindo para escolherem.)



(Momento de mais conversas)





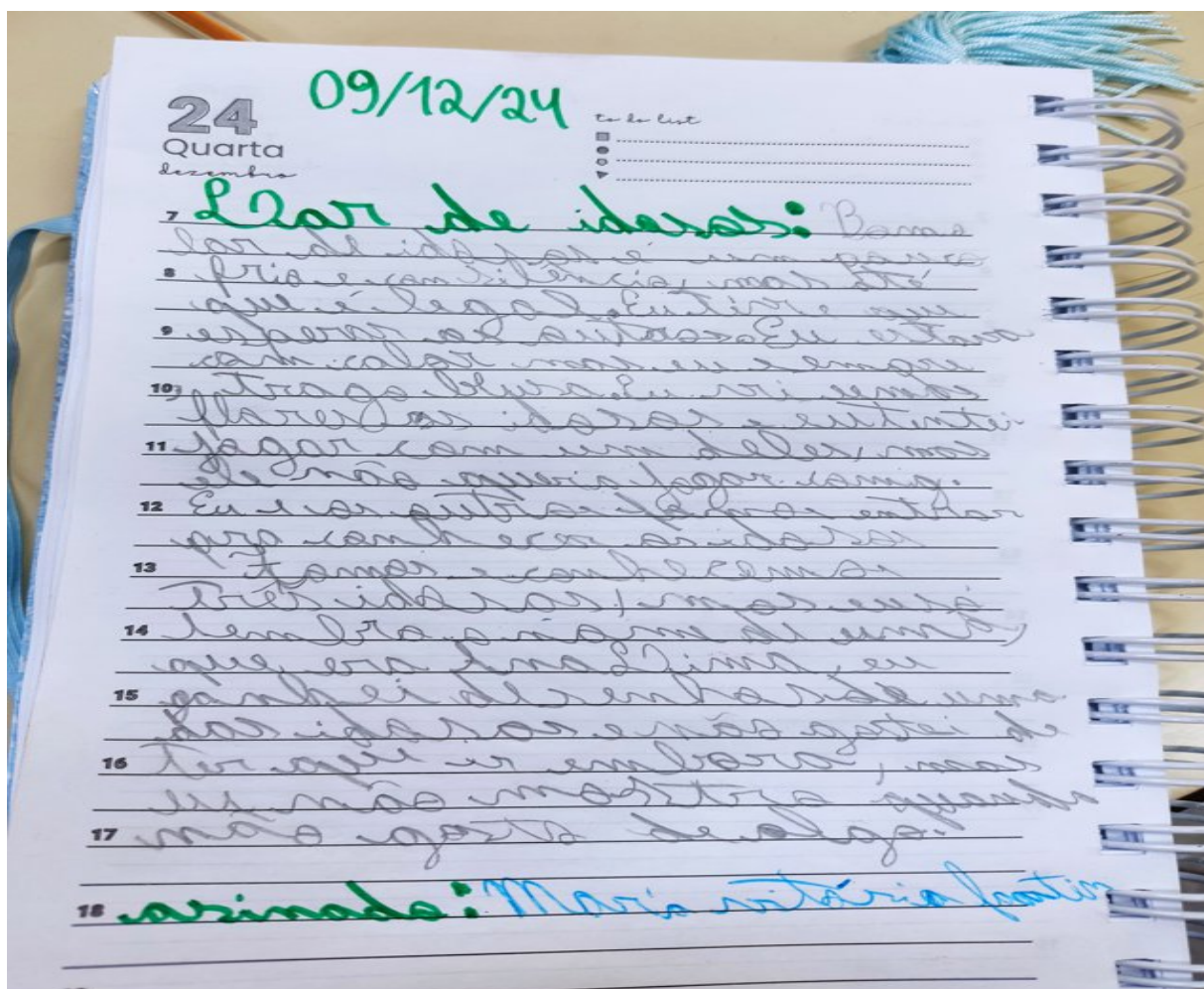
(Visita finalizada, momento de retornar à escola)

Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Como podemos ver, alguns alunos não puderam estar no dia do encontro final. Uma das exigências do Lar era que os visitantes estivessem vacinados com a primeira dose da vacina contra Covid-19, um dos alunos não havia se vacinado. Sua mãe tentou em todas as unidades de saúde encontrar a dose, porém sem êxito. Ariel também não foi no dia devido estar doente. Sendo assim, orientei aos outros que foram para conversarem com aqueles idosos na qual seus correspondentes não haviam ido, entregar suas cartas e lê-las. Essa falta foi substituída por eles. Conforme acontecia com Freinet (1974) aqui também ocorreram divergências, porém que não fizeram do momento menos especial.

Abaixo um relato da aluna Maria Vitória que escreveu sobre sua experiência de ida ao Lar de Idosos como mostra a Imagem 34. Após, o momento de entrega de fotos dos alunos com seus amigos, que foram reveladas, colocadas numa moldura e o aluno Thomas foi juntamente comigo levar as fotos para entregar aos idosos.

Imagem 34 – Aluna Maria Vitória escreveu sobre a experiência da visita no Lar de idosos



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Transcrição do relato após visita:

09/12/24

Lar de idosos

Bom, o Lar de Idosos é um pouco frio e com silêncio, mas até que é legal. Eu tive que esperar os outros, eu estava com calor, mas eu sempre trago blusa. Eu vi umas flores e idosos e eu tentei jogar com um deles, mas ele não queria jogar comigo.

Eu e os outros fomos entrar para conhecer os idosos. Fomos e conhecemos três idosos. Mas eu só lembro o nome de uma, que era a Ana Lima. Eu ganhei desenhos de uma das idosas e não gostei de ter que ir embora, mas eu não mostro quando não gosto de algo.

Assinado: Maria Vitória Fantin.

Imagem 35 – Sr. José recebendo sua foto com Luan



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Imagem 36 – Sr^a Alzirina com sua boneca emocionada quando viu a foto junto com Maria Vitória



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Imagem 37 – Entregando as fotos para Sr^{as} Ivone e Maria de Lurdes/ Aluno Thomas com a professora na frente da árvore de Natal do Lar de Idosos com missão de entrega de fotos cumprida.



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Dessa forma encerramos a experiência, na qual os alunos durante o retorno da visita ao Lar, contavam e conversavam entre si, sobre os idosos e o que lá viram. As aulas se encerraram e as atividades escolares também. O projeto foi idealizado e plantado junto ao chão da escola e de um lugar fora dela, um lugar que se encontravam pessoas com histórias de vida, fontes humanas de sabedoria a ser transmitida com humildade, um lugar fraternal que ajudou nossos alunos a entenderem a importância da história epistolar, a memória que se fez por meio do objeto das cartas, a comunicação entre duas gerações que juntas produziram saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de troca de cartas entre crianças e idosos demonstrou que a escrita pode constituir-se como um significativo instrumento de interação social, construção de vínculos afetivos e encontro entre gerações. Partimos do pressuposto de que atualmente, em tempos de “endeusamento” da inovação e um culto ao “novo” se abre uma brecha entre as gerações, um desencontro e com isto uma grande dificuldade na transmissão e renovação das memórias. Ao longo do processo, observou-se que a partir do encontro entre as gerações tanto os estudantes quanto os idosos ampliaram suas habilidades de leitura e escrita, ao mesmo tempo em que estabeleceram relações significativas compartilhando histórias, memórias e experiências de vida.

Nesse contexto, a escrita ultrapassa seu caráter meramente técnico e passa a assumir uma função social que de um olhar freireano, constrói uma relação com o mundo e com o outro, sendo a leitura e a escrita práticas que permitem ao sujeito compreender e transformar sua realidade. Além disso, a interação entre crianças e idosos evidencia o caráter social do ensino da história que ocorre por meio das interações e mediações culturais estabelecidas entre os sujeitos, na qual o diálogo intergeracional possibilitou não apenas o avanço na produção escrita, mas também a ampliação da compreensão histórica e social dos estudantes.

Dessa forma, infere-se que práticas pedagógicas que promovem o diálogo entre diferentes gerações, mediadas pela escrita, contribuem para o desenvolvimento da linguagem, para a formação de vínculos sociais e para a construção do pensamento histórico, valorizando a memória e a experiência como elementos fundamentais no processo educativo. Nesse sentido, o desenvolvimento deste trabalho permitiu constatar que a utilização de correspondências como ferramenta pedagógica contribui para o ensino de conteúdos históricos, configurando-se como uma ponte de humanização entre gerações distintas. A troca de cartas entre os idosos do Lar Joaquim Sant’Ana e as crianças da Sala de Recursos Multifuncional do Colégio Estadual, ambos de Campo Mourão-Pr, evidenciou que a história pode ir além de um conceito abstrato, tornando-se uma experiência viva e compartilhada na qual crianças puderam entender sobre uma geração diferente, e os idosos compreender como as crianças dos dias atuais constroem vínculos e percebem as mudanças ao longo do tempo por meio de suas falas e contos, como fontes históricas vivas de um passado que possui identidade e pertencimento para repassar conhecimentos.

Conforme as reflexões de Ecléa Bosi (1994) e Hannah Arendt (2005), a memória não foi tratada apenas como um arquivo do passado, mas como um fio condutor que dá sentido ao

presente e projeta o futuro. As crianças puderam compreender a historicidade das experiências humanas por meio dos relatos biográficos. Logrou êxito ao dar voz a dois grupos frequentemente marginalizados, idosos institucionalizados e crianças da Educação Especial, permitindo que ambos se reconhecessem como sujeitos históricos e produtores de cultura.

Em um mundo marcado pela vertigem e a dificuldade para encontrar-se com o outro, o tempo de espera e a dedicação exigidos pela escrita de cartas promoveram uma desaceleração necessária, criando laços de alteridade e empatia entre os participantes se fazendo enquanto metodologia aplicada demonstrando que o ensino de história, quando pautado na experiência (Larrosa, 2002) e no trabalho cooperativo (Freinet, 1998), é capaz de promover uma formação humana integral. A pesquisa confirma que o resgate das tradições e a escuta ativa das histórias de vida são estratégias poderosas para combater o isolamento social e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Espera-se que este estudo sirva de inspiração para que outros educadores busquem, na simplicidade do diálogo intergeracional, caminhos para uma educação mais sensível, que valorize o patrimônio imaterial das comunidades e reafirme a escola como um espaço de encontro e construção de identidades. Os resultados indicam que o diálogo estabelecido entre os participantes favoreceu não apenas a aprendizagem de conteúdos históricos, mas também a valorização da memória como elemento constitutivo da identidade individual e coletiva. As narrativas compartilhadas pelos idosos possibilitaram às crianças o contato com experiências concretas do passado, contribuindo para a compreensão da historicidade do presente. Ao mesmo tempo, as crianças, ao se colocarem como interlocutoras, assumiram um papel ativo na produção do conhecimento, desenvolvendo habilidades de leitura, escrita e interpretação de forma contextualizada e significativa.

Conclui-se, portanto, que iniciativas que aproximam gerações por meio da partilha de memórias e experiências configuram-se como caminhos fecundos para o ensino de história, ao mesmo tempo em que contribuem para o fortalecimento de laços sociais e o reconhecimento de sujeitos historicamente marginalizados. Espera-se que esta pesquisa incentive a adoção de práticas educativas que valorizem o diálogo intergeracional, reafirmando a escola como espaço de encontro, escuta e construção coletiva do conhecimento.

Ao revisitar minha trajetória pessoal e profissional por meio desta escrita, compreendo que cada experiência vivida contribuiu significativamente para a construção de minha identidade como educadora. Ao recordar minha infância, juventude e os caminhos que me conduziram à Pedagogia, percebo que muitas escolhas foram marcadas por incertezas, dúvidas

e desafios. Entretanto, também foram permeadas por encontros, aprendizagens e oportunidades que transformaram minha maneira de compreender a educação, o ser humano e a própria vida.

Entre todas as experiências profissionais vivenciadas ao longo da minha carreira, o trabalho desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos anos de 2008 e 2009, ocupa um lugar especial em minha memória. Embora eu estivesse na posição de professora, foi naquele espaço que aprendi algumas das lições mais importantes de minha vida. Ainda muito jovem, acreditava que minha função principal seria ensinar conteúdos escolares. No entanto, ao conviver diariamente com estudantes que possuíam décadas de experiências, histórias de luta, trabalho e superação, compreendi que o processo educativo vai muito além da transmissão de conhecimentos formais.

A convivência com aqueles alunos permitiu que eu percebesse o valor da escuta, da empatia e do respeito às trajetórias de vida. Cada relato compartilhado, cada conquista alcançada e cada dificuldade superada por eles representavam verdadeiras lições de humanidade. Ao ensinar a leitura, a escrita e os conteúdos escolares, eu também aprendia sobre resiliência, solidariedade, fé, esperança e sobre a importância de valorizar os saberes construídos ao longo da vida.

Essa experiência marcou profundamente minha prática pedagógica e continua influenciando minha atuação profissional até os dias atuais. Foi por meio dela que compreendi que a educação acontece em uma relação de troca, na qual professores e alunos aprendem mutuamente. Como afirma Freire (2012), o diálogo constitui um dos elementos centrais do processo educativo, permitindo que diferentes saberes se encontrem e se complementem. Nesse sentido, meus alunos da EJA foram também meus professores, pois contribuíram para ampliar minha visão de mundo e fortalecer minha compreensão sobre o papel social da educação.

A fotografia apresentada neste trabalho representa muito mais do que um simples registro de uma turma. Ela constitui um objeto de memória que preserva lembranças, sentimentos e aprendizagens construídas naquele período. Ao observá-la, recordo não apenas os rostos dos estudantes, mas também as histórias, os sonhos e os vínculos afetivos que foram construídos em sala de aula. Essa memória reafirma a importância das relações humanas no contexto educacional e evidencia que os processos de ensino e aprendizagem são profundamente marcados pelos encontros que realizamos ao longo da vida.

Ao longo dos anos, novas experiências profissionais foram sendo incorporadas à minha trajetória, tanto na docência quanto na atuação como orientadora educacional. Contudo, os ensinamentos adquiridos naquele início de carreira permaneceram como referência para minha

prática. Aprendi que educar é, antes de tudo, reconhecer a humanidade presente em cada sujeito, respeitando suas singularidades, seus conhecimentos e suas histórias.

Dessa forma, concluo que a experiência vivenciada na Educação de Jovens e Adultos foi fundamental para minha formação pessoal e profissional. Ela contribuiu para o desenvolvimento de uma postura mais sensível, reflexiva e humanizada diante da educação. Mais do que ensinar conteúdos, aprendi a valorizar as experiências de vida, a importância da memória e o poder transformador das relações construídas no ambiente escolar.

Ao finalizar esta reflexão, reafirmo minha convicção de que a educação é um espaço privilegiado de encontro entre gerações, saberes e histórias. É nesse encontro que nos constituímos como sujeitos e profissionais, aprendendo continuamente com aqueles que cruzam nossos caminhos. Assim, guardo com gratidão cada experiência vivida, especialmente aquelas compartilhadas com os estudantes da EJA, pois foram elas que ajudaram a construir a educadora que sou hoje e que continuo me tornando a cada novo dia.

Além das contribuições para minha formação humana e profissional, este projeto evidenciou a relevância do ensino de História desenvolvido a partir das experiências de vida e das memórias das pessoas idosas. As cartas trocadas entre as crianças e os idosos possibilitaram que o conhecimento histórico deixasse de ser compreendido apenas como um conjunto de datas, fatos e personagens presentes nos livros didáticos, passando a ser percebido como algo vivo, construído pelas experiências de pessoas reais.

Por meio da escrita epistolar, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer aspectos do cotidiano de outras épocas, compreender transformações ocorridas na sociedade, identificar permanências e mudanças nos modos de viver, brincar, estudar, trabalhar e se relacionar. Ao ouvir e ler as narrativas dos idosos, os estudantes entraram em contato com fontes históricas constituídas pelas memórias individuais, percebendo que cada pessoa carrega consigo parte da história de uma comunidade e de um tempo.

Nesse processo, a carta assumiu papel fundamental como instrumento de comunicação, diálogo e construção do conhecimento. Mais do que uma atividade de escrita, ela tornou-se uma ponte entre gerações, aproximando sujeitos que, muitas vezes, possuem poucas oportunidades de convivência. As crianças passaram a compreender os idosos para além dos estereótipos associados ao envelhecimento, reconhecendo-os como sujeitos históricos, portadores de saberes, experiências e memórias valiosas.

Da mesma forma, os idosos tiveram a oportunidade de compartilhar suas histórias, sentimentos e lembranças, sentindo-se valorizados e reconhecidos. O intercâmbio de cartas promoveu vínculos afetivos, despertou sentimentos de pertencimento e fortaleceu o respeito

mútuo entre as gerações. Tal experiência demonstra que a educação pode assumir um papel social transformador ao criar espaços de encontro, escuta e valorização da diversidade humana.

Nesse sentido, o ensino de História revelou-se uma ferramenta importante para a construção da identidade, da memória e da cidadania. Ao conhecer as histórias dos idosos, as crianças puderam compreender melhor sua própria realidade, refletir sobre as transformações sociais ao longo do tempo e desenvolver atitudes de empatia, respeito e valorização da experiência do outro.

Assim, concluo que o projeto alcançou objetivos que ultrapassam os conteúdos curriculares. As cartas permitiram que a aprendizagem histórica acontecesse de forma significativa, afetiva e humanizada, demonstrando que as memórias individuais constituem fontes para a compreensão da história coletiva. Ao promover o diálogo entre crianças e idosos, o projeto fortaleceu laços intergeracionais e evidenciou que ensinar História é também ensinar a ouvir, a respeitar e a reconhecer a importância das trajetórias humanas na construção do mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanaciones**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARCENA, Fernando. LARROSA, Jorge. MELICH, Joan Carles. Pensar la educación desde la experiencia. **Revista Portuguesa de Pedagogía**, (40-1), 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Há uma crise de atenção**. 2015. Disponível em o globo: . Acesso em 21/04/2025.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).
- BRAILOVSKY, Daniel. **El docente, arquitecto y anfitrión**. La escuela que se viene. Em: <https://laescuelaqueviene.org/el-docente-arquitecto-y-anfitrión/> 2020. Acesso em: 16 de junho de 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em: https://planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato20232026/2025/Lei/L15100. Acesso em: 1 jan. 2026.
- CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Por entre cartas: o movimento da história. In: AUTOR/A?: **Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 17-58. ISBN: 978-85-3930195-9. <https://doi.org/10.7476/9786557145180.0002> . Acesso em: 05/06/2025.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a el-rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil**. 1500. In: **Caminha: Carta**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn0001.pdf>. Acesso em: 23 out. 2024.
- CARERI, Francesco. **Caminhar, parar, hospedar-se**. São Paulo: Olhares, 2025.

Colégio Estadual de Campo Mourão. (2025). Disponível em: <<http://www.cpmestadualcm.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>>. Acesso em: 12/04/2025.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DALLABRIDA, Norberto. FURTADO, Denise. Texto livre, trabalho colaborativo e imprensa escolar na Pedagogia Freinet. **Revista Educação em questão**. Vol.59 n.60 Natal, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n60id24910> . Acesso em: 21/03/2025.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver -cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa S. e MIGNOT, Ana Chrystina V.(orgs.). Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p.75-87.

DIAZ, Brigitte. **L'épistolaire, ou la pensée nomade**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

DUSSEL, Inés. **La escuela en la pandemia**. Reflexiones sobre lo escolar en tiempos dislocados. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16482>. Acesso em: 1 jun. 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Pony Express**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Pony-Express> **Britannica - Pony Express**. Acesso em: 1 jun. 2025.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1979.

FORSTER, Ricardo. Transmisión, tradición: entre el equivoco y la incomodidad. In: LARROSA, Jorge (ed.). **Entre nosotros**. Sobre la convivencia entre generaciones. Barcelona, Fundación Viure e Conviure, 2007, p.31-50.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Ed. Estampa, 20. ed. 1974.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Cartas aos animadores e às animadoras culturais de São Tomé e Príncipe**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** (17. Ed.). São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

GARCÉS, Marina. **Fuera de clase**. Textos de filosofía de guerrilla. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2019 (6ª ed.).

GARCÉS, Marina. **Escola de aprendizes**. Belo Horizonte: Âyiné, 2023.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O que é pedagogia**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos – v.193).

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **A escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.7-24.

HELENO, Alex Rezende. A carta: breve análise acerca da escrita epistolar. **Revista Nupem**, v.15, n.34, jan./abr. 2023.

LAR de Idosos de Campo Mourão - PR (2025). Disponível em: <<https://lardeidososcm.com.br/home>>. Acesso em: 06/05/2025.

LARROSA, Jorge. **Entrenosotros**: Sobre la convivencia entre generaciones. Edición: Fundació Viure i Conviure de Caixa Catalunya, 2007.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Danças, piruetas e mascaradas. (6ª ed.) Belo Horizonte: Autêntica, 2017b, p.183–198.

LARROSA, Jorge. Uma língua para a conversação. Em: LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a, p.9-29

LOBATO, Monteiro. **A chave do tamanho**. Obras Completas de Monteiro Lobato, 2ª Série, Literatura Infantil, Vol. 14. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LUCKESI, C. C. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 1985.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, 195–221.

MASSCHELEIN, Yan. SIMONS, Maarten. A língua da escola: alienante ou emancipadora? Em: LARROSA, Jorge (Org.) **Elogio da escola**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017, p.19-40.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: AUTOR/A: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.183 a 314.

MELANÇON, Benoît. **Épistol@rités**. Canadá: publie.net, 2013.

NAGEL, Rolf. **Dicionário de Termos Arquivísticos**. Subsídios para uma terminologia arquivística brasileira. Salvador: UFBA, 1989.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Para uma teoria da carta: notas de pesquisa. In: NEVES, Luiz Felipe Baêta. **As máscaras da totalidade totalitária**: memória e produção sociais. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988, p. 191–195.

Nicolau Sevcenko. **O Renascimento**. São Paulo: Atual, 1984.

PENNA, Fernando de Araujo. SILVA, Renata da Conceição Aquino da. As operações que tornam a história pública: a responsabilidade pelo mundo e o ensino de história. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA Juniele; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo, Letra e Voz, 2016, p.181-200.

Pero Vaz de Caminha. **Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil**. 1500. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/carta-de-pero-vaz-de-caminha>. Biblioteca Nacional Digital. Acesso em: 1 jun. 2025.

PORTO EDITORA. *Infância*. **Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/inf%C3%A2ncia>. Acesso em: 1 jun. 2025.

QUEIRÓZ, Eça. **A Correspondência de Fradique Mendes**. 2ª Edição. Porto: Lello & Irmão, 1902.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SANTOS, *Joel Rufino*. **Quando voltei tive uma surpresa**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, João Alberto Correia da. **Selos e Filatelia**. 2021. Disponível em: [<https://selosefilatelia.com.br/PastaLancamentos2013/001.html>]. Acesso em 24/02/2025.

SIMONET-TENANT, Françoise. **Journal personnel et correspondance (1785-1939) ou les affinités électives**. Belgique: Bruylant-Academia S.A, 2009.

SKLIAR, Carlos. Notas para pensar la convivencia, la hospitalidad y la educación. Em: LARROSA, Jorge (ed.). **Entre nosotros**. Sobre la convivencia entre generaciones. Barcelona, Fundación Viure e Conviure, 2007, p.55-70.

SOUSA, Cidoval Moraes de. **Cartas a Paulo Freire**: escritas por quem ousa esperar. Coord. Cidoval Moraes de Souza; Editores: Antônio Roberto Faustino da Costa e outros.; Ilustrações: Jô Oliveira, Ali Cabral. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Correspondência Ativa**, organizada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1961.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

<u>Sequência didática de 5 aulas. Tema: Cartas.</u>	
Aula 1: Aprendendo sobre a história das cartas e sua evolução. (Texto trabalhado em Anexo F: Um pouco sobre a história da carta).	
Aula 2: Informações necessárias para enviar uma correspondência. Ler e discutir sobre um exemplo de carta escrita.	
	<p>A CARTA</p> <p>Olá, crianças, jovens, idosos e adultos!</p> <p>Eu sou um antigo meio de comunicação, conheço o mundo inteiro. As montanhas de neve, os desertos, as cidades, os litorais e as planícies.</p> <p>Percorro tudo, levando notícias. Mato saudades, faço rir, provocho choro e suspiro. Levo notícias de nascimento, festa, morte, casamento e de todo acontecimento.</p> <p>Entro em palácios, repartições públicas, casas pobres e ricas, prisões e fazendas.</p>
Atividade 1 – Leia o texto e responda:	
A) O que você entende pelas expressões:	
a) Mato saudades:	

b) Provocho choro e suspiro:	

Pesquise:	
a) Procure saber o que é uma carta A.R:	

b) O que é Sedex:	

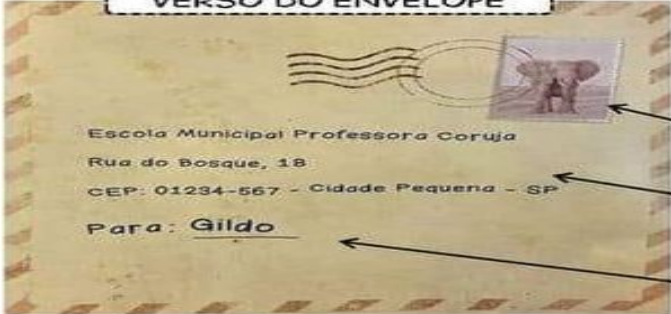
c) O que é o selo?	

c) O valor para enviar uma carta simples:	

d) O valor para enviar uma carta registrada:	

CARTA

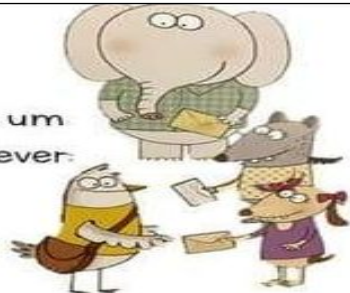
Para enviar a carta precisamos de um envelope. Veja o que devemos escrever:



VERSO DO ENVELOPE

Escola Municipal Professora Coruja
Rua do Bosque, 18
CEP: 01234-567 - Cidade Pequena - SP

Para: Gildo




SELO PARA POSTAGEM

ENDEREÇO

DESTINATÁRIO: quem vai receber a carta.

REMETENTE: quem escreveu a carta.

ENDEREÇO DE QUEM ESCREVEU A CARTA.



FRENTE DO ENVELOPE

Remetente: Catarina ✨
Rua do Riacho, 22
CEP: 22020-020 - Cidade Muito Pequena - SP

CARTA

A carta serve para nos comunicarmos com outras pessoas. Nela deve constar:



- Local e data;
- Nome de quem vai receber a carta (destinatário);
- Assunto;
- Despedida;
- Nome de quem escreveu a carta (remetente).



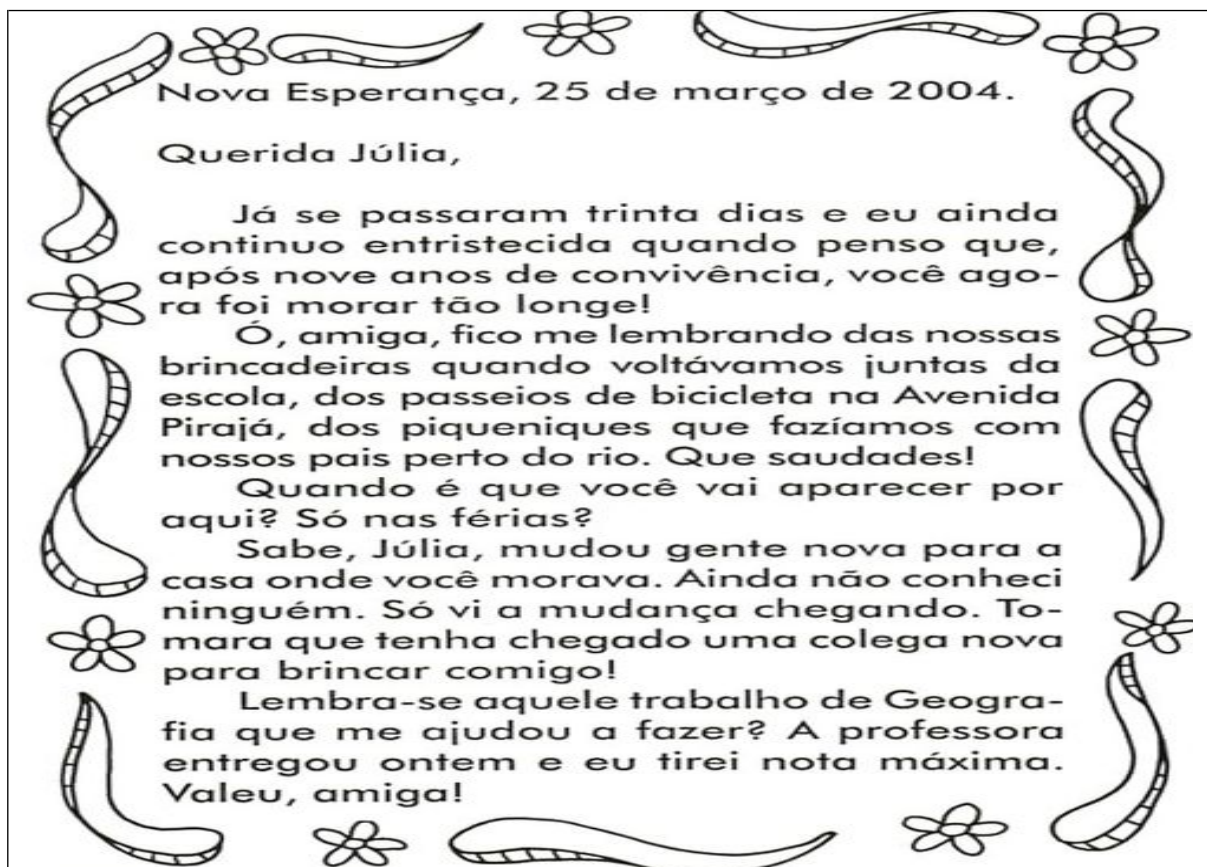
LOCAL E DATA

NOME DE QUEM VAI RECEBER A CARTA

ASSUNTO

DESPEDIDA

NOME DE QUEM ESCREVEU A CARTA.



Aula 3: Simulação de recebimento de carta. Leitura da carta de Pero Vaz de Caminha, a primeira carta enviada de solo brasileiro. As crianças receberão a carta e lerão imaginando ser o destinatário, o rei [D. Manuel I](#) (1469 1521) qual recebeu a carta de Caminha para comunicar lhe o descobrimento das novas terras. A partir disso, analisar o conteúdo escrito e discutir entre eles sobre.

Aula 4: Quem é meu remetente?

Nessa aula, objetiva-se que os alunos entendam com quem irão se corresponder. Para tanto, irão assistir um vídeo, ouvir e interpretar a música: Filho adotivo, do cantor Sergio Reis, após iremos discutir sobre e pesquisar a diferença entre Lar de Idosos e Asilo. Para finalizar, os alunos ouvirão a música de Chico Buarque: Meu caro Amigo, afim de refletir um momento histórico no qual a escrita de cartas auxiliou na comunicação entre exilados.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ulbt2iTepHI&t=264s>

Aula 5: Quem trabalha nos correios tem história para contar?

Nessa aula, os alunos assistirão uma entrevista com um carteiro dos correios da cidade de São Paulo-Sp para posteriormente produzirem questões para entrevistarem o funcionário dos Correios da cidade de Campo Mourão Pr, qual virá na próxima aula visitar a turma.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=SeyxdGqPCWY&t=9s>

APÊNDICE 2

ROTEIRO DAS CARTAS E SEQUÊNCIA DE QUESTÕES NORTEADORA DAS TEMÁTICAS

CARTA NÚMERO 1: AUTOBIOGRAFIA (ENVIADA PELOS ALUNOS E RESPOSTA DOS IDOSOS)

- Quem sou eu?
- De onde sou? Barrio, rua, cidade...
- Minha origem, a origem da minha família, cidades nas quais morei.
- Você já escreveu e recebeu cartas? Conte sobre isso.
- Você já escreveu e recebeu cartas? Conte sobre isso e converse com algum adulto que te conte se já recebeu e escreveu e conte sobre isso. (Para as crianças)
- Você gosta da cidade que mora? Fale de 3 lugares que você mais gosta em nossa cidade e o porquê?
- Como é seu cotidiano no presente momento? O que faz durante o dia? O que gostaria de fazer mais?

CARTA NÚMERO 2: LEMBRANÇAS (ENVIADA PELOS IDOSOS E RESPOSTA DOS ALUNOS)

- Qual sua comida favorita? Sabe cozinhar? De que comida tem saudades? Ela te lembra alguém?
- Quais brincadeiras e/ou jogos você mais gosta?
- Quais meio de transporte você já andou e que mais gosta?
- Que estilo de música você mais gosta, tem alguma que te traz boas memórias?
- O que você sempre mais gostou de fazer nas horas vagas?
- Qual profissão exerceu em sua vida? Poderia contar detalhes sobre isso? (Para os idosos)
- Qual profissão sonha ter na sua vida? Do que trabalham os adultos com quem mora? (Para as crianças)
- Tinha outro sonho de profissão? Qual e porquê? (Para idosos)
- Como foi sua infância? Você estudou quando jovem? Qual lembrança você mais gosta de relembrar? (Para os idosos).

CARTA NÚMERO 3: LAÇOS. (ENVIADA PELOS ALUNOS E RESPOSTA DOS IDOSOS)

- Quais pessoas mais ama ou amou e porquê?
- Com quem aprendeu mais coisas possíveis?
- O que mais te causa medo?
- Quê período do dia mais gosta e porquê?
- Quem são os seus amigos? O que você pode me dizer sobre amizades?
- Quais são os melhores sentimentos que podemos ter?
- Qual acontecimento de sua vida foi o mais triste?

- Quem marcou positivamente sua vida? Porquê?

CARTA NÚMERO 4: DESPEDIDA

(ENVIO PELOS ALUNOS E RECEPÇÃO AO MESMO TEMPO COM A VISITA NO LAR)


- O que achou da nossa troca de cartas?
- Como eu descreveria meu amigo anônimo das cartas?
- Despedida com saudações rumo a expectativa do encontro final.

APÊNDICE 3

QR code com os arquivos das transcrições de todas as cartas

ANEXOS

ANEXO A

 <p>Colégio Estadual de Campo Mourão</p>	<p>ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO.</p> <p>Av. Guilherme de Paula Xavier, 795 – Centro, Campo Mourão – PR, 87302-050</p>
--	--

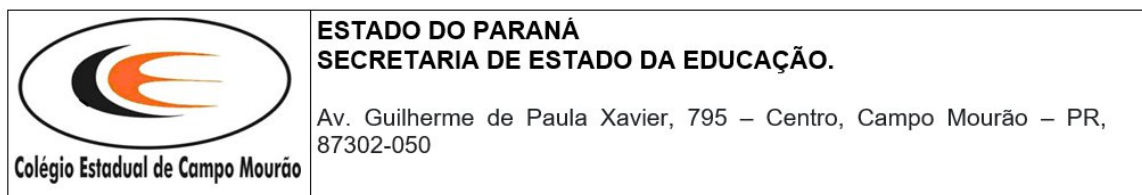
AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ Diretor responsável pelo Colégio Estadual de Campo Mourão tomei ciência do projeto a ser desenvolvido no Lar de Idosos São Joaquim e Sant'Ana da cidade de Campo Mourão-PR, pela professora de nosso Colégio e Mestranda do Programa ProfHistória (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História) da UNESPAR de Campo Mourão-PR, Adriana Maria de Lima, que irá desenvolver sua atividade de pesquisa com os internos do lar e seus alunos de Sala de Recursos Multifuncional do Colégio Estadual de Campo Mourão, em que ambos conversarão por meio de correspondências a fim de fortalecer vínculos entre as diferentes gerações e de desenvolver reflexões históricas, de memória e para a aprendizagem. Entendendo que tal proposta fortalece a inclusão e o desenvolvimento de nossos alunos de sala de Recursos, assino autorizando o desenvolvimento dessa ação:

Data: ____ / ____ / ____ Assinatura do(a) responsável: _____

Carimbo da Instituição

ANEXO B



AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ Responsável atual do Lar de Idosos São Joaquim e Sant'Ana da cidade de Campo Mourão-PR, autorizo a Mestranda do Programa ProfHistória (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História) Adriana Maria de Lima, da Universidade Unespar de Campo Mourão PR, desenvolver sua atividade de pesquisa com nossos internos do lar e seus alunos de Sala de Recursos Multifuncional do Colégio Estadual de Campo Mourão, em que ambos conversarão por meio de correspondências a fim de fortalecer vínculos entre as diferentes gerações e de desenvolver reflexões históricas, de memória e para a aprendizagem.

Data: ____/____/____ Assinatura do(a) responsável: _____

Carimbo da Instituição

ANEXO C

 <p>Colégio Estadual de Campo Mourão</p>	<p>ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO.</p> <p>Av. Guilherme de Paula Xavier, 795 – Centro, Campo Mourão – PR, 87302-050</p>
---	--

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ autorizo meu filho: _____, que estuda no em contraturno em sala de Recursos Multifuncional, período matutino, a participar de uma atividade que envolve a escrita de cartas para se comunicar com idosos do Lar de Idosos São Joaquim e Sant'Ana da cidade de Campo Mourão-PR. Essa proposta busca fortalecer vínculos entre as diferentes gerações afim de desenvolver reflexões históricas, de memória e para a aprendizagem.

Data: ____/____/____ Assinatura do responsável: _____

ANEXO D

 <p>Colégio Estadual de Campo Mourão</p>	<p>COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPO MOURÃO - E.F.M.P e N. Av. Guilherme de Paula Xavier, 795, fone: 44-3525-1581 Campo Mourão – Paraná www.cpkestadualcm.seed.pr.gov.br e-mail: col.estadual@gmail.com Colégio Estadual – Desde 1955, Semeando Sabedoria</p>
<p style="text-align: center;">Ofício nº 118/2024</p> <p style="text-align: center;">OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO</p> <p>Por meio deste, a direção do Colégio Estadual de Campo Mourão- EFMPN, Valdair da Silva, vem solicitar pedido ao Adilson Machado Borges, gerente da Unidade de Correios de Campo Mourão-PR, que disponibilize algum de seus funcionários da unidade para visitar a turma de Sala de Recursos Multifuncional do referido Colégio no período matutino, com data a ser agendada, afim de ter uma roda de conversa com os alunos, para que ambos entendam sobre a profissão do carteiro, bem como também posteriormente a turma possa estar sob dia previamente agendado visitando a unidade. O projeto sobre troca de cartas entre gerações é um projeto didático que vem sendo trabalhado pela professora Adriana Maria de Lima, de Sala de Recursos Multifuncional de nosso Colégio, sendo estas ações de extrema importância para fortalecer o aprendizado e interação social dos alunos. Sem mais, agradecemos, e ficamos a disposição para maiores esclarecimentos.</p> <p>Nestes termos, aguardamos deferimento.</p> <p>Campo Mourão, 20 de Agosto de 2024.</p> <p style="text-align: center;">_____ Valdair da Silva - Diretor RG: 5.821.765-4 Res.3364/21 – DOE: 12/08/2021</p>	

ANEXO E

CARTA 2 DE AGOSTO DE 1973



Fonte: Quando voltei, tive uma surpresa (Santos, 2000, p. 44)

ANEXO F

Um pouco sobre a História da Carta.

A carta é uma das mais usadas e antigas formas de comunicação entre as pessoas. Uma cartinha para a mãe em seu aniversário, uma para a professora declarando toda nossa admiração ou mesmo o e-mail que o pai escreve reclamando de ligações telefônicas cobradas indevidamente são exemplos de que as cartas podem mudar sua forma de registro ou de envio, mas ainda permanecem vivas nos dias de hoje. Por meio delas, boa parte da história da humanidade ficou registrada e pode ser contada. Isso porque, quando as pessoas enviam cartas umas para as outras, elas acabam contando fatos históricos, descrevendo como as pessoas se relacionam umas com as outras, opinando sobre acontecimentos sociais e todas essas informações constroem pistas que podem ajudar a recompor a vida como vem ocorrendo no decorrer da história.

A bíblia, que é considerada uma das fontes de informações mais antigas, já apresenta muitos exemplos de cartas. Os primeiros textos bíblicos foram escritos 1.513 anos antes de Cristo nascer, ou seja, há mais de 3.500 anos atrás. Ali podemos encontrar, por exemplo, cartas dos discípulos Pedro e Paulo que acompanharam Jesus em suas jornadas.

Durante sua história, a carta foi escrita em muitos tipos de materiais e muitos foram os canais pelos quais era enviada. Assim, as primeiras cartas foram escritas com um material chamado de papiro, um tipo de papel feito com uma planta chamada papiro e que serviu de suporte para as pessoas escreverem e enviar mensagens muitos anos antes da existência da bíblia, ou seja, 3.000 anos antes de Jesus nascer. Muitos anos depois, no século 2 antes de Cristo, em uma região na Turquia chamada de Pérgamo, foi inventado o pergaminho, um tipo de papel feito de pele de carneiros e bezerras. O papel que utilizamos nos dias atuais foi inventado 100 anos depois do nascimento de Cristo por um chinês chamado T'sai Lun. Esse chinês inventou de misturar e bater fibras de vegetais formando uma massa que, depois de peneirada e colocada para secar, formava uma fina folha de papel ideal para ser transportada e para escrever cartas, bilhetes, livros e o que mais fosse preciso.

Com o avanço da tecnologia, mensagens escritas podem ser enviadas sem a utilização de papel. É o caso do e-mail. No entanto, há quem prefira uma carta escrita em papel, devido a esse material ser acessado sem a necessidade de computadores e internet. Além do mais, as cartas escritas pelas próprias mãos do autor transmitem o que um e-mail não é capaz de transmitir: as

emoções. Como diz uma amiga do escritor Overlac Menezes em uma carta a ele enviada, “Bill Gates que me desculpe. Ele pode ser rico e inteligente, mas deve ter poucos amigos! Pois, se tivesse um amigo como você, saberia o prazer de receber uma carta, e não um email” (MENEZES, 2005, p. 16). Outro importante fato histórico a ser observado se refere ao modo como as cartas chegavam até seu destinatário. Vamos ver a seguir alguns momentos em que a carta mudou sua forma de circular saindo das mãos do autor e chegando até seu destino final.

Pombo-Correio

Os pombos foram utilizados por muito tempo como meio de envio de mensagens. Observando que eram capazes de voar velozmente por uma distância de cerca de 160 km e retornar para o local onde foram criados, logo as pessoas perceberam que essa destreza poderia ser utilizada para levar cartas e pequenos objetos de um local para outro gastando poucas horas para cumprir o trajeto. Há indícios de que esses animais já eram adestrados para transportar mensagens de uma cidade para outra desde 2.800 anos antes de Cristo.

Nos jogos Olímpicos da antiga Grécia (700 anos antes de Cristo) os pombos eram responsáveis por levar às cidades gregas mensagens noticiando os vencedores da competição. Milhares de anos depois, na Primeira Guerra Mundial, os pombos-correio pouparam a vida de muitos soldados levando mensagens pelos campos de guerra. Sem esses animais, os soldados seriam obrigados a se arriscar a topar com os inimigos na tentativa de transportar as cartas com as comunicações a respeito sobre a guerra. Na Argentina, esse tipo de comunicação postal foi utilizado até a década de 50 encaminhando correspondências por todo o país.

Podemos perguntar, e nos dias atuais, ainda existem pombos-correio?

Com o avanço da tecnologia, diminuiu-se o uso de pombos como meio de envio postal, mas essas aves não perderam seus empregos. Atualmente, em algumas localidades, os pombos-correio ainda transportam mensagens e encomendas e, em muitos países, são usados em competições chamadas columbofilia. Na Europa, por exemplo, uma competição objetiva levar os animais a percorrerem uma distância de quase mil quilômetros entre Barcelona e Bélgica. No Brasil, temos uma competição que sai de Brasília e chega até São Paulo (mais de 900 quilômetros).

Navios

Quando chegaram às terras recém descobertas que dariam origem ao Brasil, muitos tripulantes se interessaram por mandar notícias ao Rei de Portugal chamado Dom Manuel. No entanto, nenhuma das cartas enviadas ficou tão conhecida como aquela escrita por Pero Vaz de Caminha.

Nessa carta, Caminha dá notícias ao rei sobre as descobertas realizadas descrevendo detalhes da geografia, dos nativos encontrados e dos possíveis recursos a serem explorados por Portugal. Assim, essa carta é tida como o primeiro documento oficial escrito em terras brasileiras. Foi manuscrita com pena e tinta sobre papel.

Caminha assina a carta na data de 1º de maio de 1.500 enviando-a por meio do capitão Gaspar de Lemos. Enquanto seguiram para a Índia, Gaspar de Lemos voltou para Portugal com a missão de entregar a carta ao Rei, o que de fato levaria mais de 40 dias para chegar às mãos do destinatário.

Cavalos

Outras formas de envio postal foram utilizadas. Já assistiram algum filme em que as pessoas enviam mensagens em garrafas lançadas ao mar? Já ouviu falar em mensageiros que decoravam a mensagem e corriam antes de esquecê-las para reproduzi-la ao destinatário?

Todas essas são formas interessantes de transmissão de mensagens. Mas um fato que marcou a história da evolução da carta tem a ver com o uso de cavalos.

Em 1.860, três empresários dos Estados Unidos criaram um correio expresso utilizando cavalos como meio de cruzar o território americano com o objetivo de entregar correspondências. Era o famoso Pony Express. Para cumprir toda a rota de Missouri até a Califórnia, uma distância de quase 3.000 km, os mensageiros levavam quase 11 dias.

Com o surgimento do telégrafo, a empresa teve que encerrar suas atividades um ano depois de inaugurada.

Correios

O primeiro correio brasileiro, o “Correio-mor das cartas do mar”, foi criado em 1673. Era uma forma demorada de entrega postal por depender de viagem marítimas para chegar do Brasil a Portugal. Em 1798 foi criado os Correios Marítimos estabelecendo uma ligação postal marítima entre Rio de Janeiro e Lisboa.

Em 1927 inicia-se o transporte de correspondência via aérea entre América do Sul e Europa. No Brasil, o presidente Getúlio Vargas instituiu o Departamento de Correios e Telégrafos no ano de 1930. A empresa que hoje conhecemos e que entrega cartas, contas, produtos comprados pela internet e até aquela cartinha que escrevemos para o papai Noel, foi criada em 1969. Chama-se Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Hoje, os Correios entregam as correspondências em tempos recordes utilizando carros, caminhões e aviões para levar mensagens e encomendas por todo o país.

Existem vários prazos para entrega das correspondências, dependendo da distância a ser percorrida e do valor pago. Os correios possuem diversas modalidades de entrega permitindo atender às necessidades de empresas, órgãos públicos e pessoas em geral. Sem dúvidas, a mais conhecida é o Sedex (Serviço de Encomenda Expressa Nacional) criado em 1982. Com esse serviço, os Correios prometem realizar as entregas em até 5 dias.

E-mail

A popularização do acesso à internet permitiu que as pessoas pudessem usar o correio eletrônico e utilizá-lo com frequência. O primeiro correio eletrônico utilizando o símbolo @ como forma de constituir endereços eletrônicos foi criado em 1971 por Ray Tomlinson. Por meio do e-mail, as pessoas

podem enviar, receber e armazenar mensagens, documentos, vídeos, imagens e toda forma de documento digital. Por um lado, o e-mail mostra-se uma excelente forma de comunicação, considerado a carta moderna, permitindo que as pessoas se comuniquem em tempo real sem utilizar papel ou sem precisar de outra pessoa para entregar a correspondência. No entanto, para que funcione, é preciso que tanto o remetente quanto o destinatário tenham disponível um computador conectado à internet. No entanto, muitas pessoas ainda não possuem condições econômicas para ter acesso às tecnologias atuais.

Fonte: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/>

ANEXO G

Letra da Música: Sete Filhos/ Sérgio Reis

Com sacrificio
Eu criei meus sete filhos
Do meu sangue, eram seis
E um peguei com quase um mês

Fui viajante
Fui roceiro, fui andante
E pra alimentar meus filhos
Não comi pra mais de vez

Sete crianças
Sete bocas inocentes
Muito pobres, mas contentes
Não deixei nada faltar

Foram crescendo
Foi ficando mais difícil
Trabalhei de Sol a Sol
Mas eles tinham que estudar

Meu sofrimento
Ah, meu Deus, valeu a pena
Quantas lágrimas chorei
Mas tudo foi com muito amor

Sete diplomas
Sendo seis muito importantes
Que, às custas de uma enxada
Conseguiram ser doutor

Hoje estou velho
Meus cabelos branqueados
O meu corpo está surrado
Minhas mãos nem mexem mais

Uso bengala
Sei que dou muito trabalho
Sei que às vezes atrapalho
Meus filhos até demais

Passou o tempo
E eu fiquei muito doente
Hoje vivo num asilo
E só um filho vem me ver

Esse meu filho
Coitadinho, muito honesto
Vive apenas do trabalho
Que arranjou para viver

Mas Deus é grande
Vai ouvir as minhas preces
Esse meu filho querido vai vencer
Eu sei que vai

Faz muito tempo
Que não vejo os outros filhos
Sei que eles estão bem
E não precisam mais do pai

Um belo dia
Me sentindo abandonado
Ouvi uma voz bem do meu lado
Pai, eu vim pra te buscar

Arrume as malas
Vem comigo, pois venci
Comprei casa e tenho esposa
E o seu neto vai chegar
De alegria, eu chorei e olhei pro céu
Obrigado, meu Senhor
A recompensa já chegou

Meu Deus proteja
Os meus seis filhos queridos
Mas foi meu filho adotivo
Que a este velho amparou

ANEXO H

Letra da Música: Meu Caro Amigo de Chico Buarque

Meu Caro Amigo
Chico Buarque

Meu caro amigo, me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta

Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e
de pirraça
E a gente vai tomando que também sem
a cachaça
Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu não pretendo
provocar
Nem atçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta

É pirueta pra cavar o ganha-pão
Que a gente vai cavando só de birra, só
de sarro
E a gente vai fumando que, também,
sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu quis até telefonar
Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar
A par de tudo que se passa

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta

Muita careta pra engolir a transação
Que a gente tá engolindo cada sapo no
caminho
E a gente vai se amando que, também,
sem um carinho
Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu bem queria lhe
escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe
remeter
Notícias frescas nesse disco

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta

A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas
crianças
O Francis aproveita pra também
mandar lembranças
A todo o pessoal
Adeus!